

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

FERNANDA VON MÜHLEN

**POLÍTICAS LINGUÍSTICAS RELACIONADAS À(S) ESCRITA(S) E À(S)
ORTOGRAFIA(S) DO HUNSRIQUEANO E AS PERCEPÇÕES DOS FALANTES**

São Leopoldo

2019

FERNANDA VON MÜHLEN

**POLÍTICAS LINGUÍSTICAS RELACIONADAS À(S) ESCRITA(S) E À(S)
ORTOGRAFIA(S) DO HUNSRIQUEANO E AS PERCEPÇÕES DOS FALANTES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles

São Leopoldo

2019

M952p Von Mühlen, Fernanda.

Políticas linguísticas relacionadas à(s) escrita(s) e à(s) ortografia(s) do hunsriqueanos e as percepções dos falantes / Fernanda Von Mühlen. – 2019.

166 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2019.

“Orientador: Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch.
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles. ”

1. Cultura. 2. Escrita. 3. Linguística. 4. Hunsriqueano. 5. Ortografia. I. Título.

CDU 801

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

FERNANDA VON MÜHLEN

**“POLÍTICAS LINGUÍSTICAS RELACIONADAS À(S) ESCRITA(S) E À(S)
ORTOGRAFIA(S) DO HUNSRIQUEANO E AS PERCEPÇÕES DOS FALANTES”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADA EM 22 DE FEVEREIRO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

Bernardo Limberger

PROF. DR. BERNARDO KOLLING LIMBERGER - UFPEL

Caio César Costa Ribeiro Mira

PROF. DR. CAIO CÉSAR COSTA RIBEIRO MIRA - UNISINOS

ORIENTADORA

Dorotea Frank Kersch

PROFA. DRA. DOROTEA FRANK KERSCH - UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Dirijo meus agradecimentos primeiramente a Deus, por ter me acompanhado durante a trajetória do mestrado, dando-me saúde e coragem para alcançar esse objetivo profissional e pessoal.

À minha família, que sempre me apoiou, me incentivou e confiou no meu potencial. Aos meus pais Márcio e Neiva, em especial, por acreditarem que eu poderia alcançar o título de mestre, antes mesmo de eu pensar nessa possibilidade. Aos meus irmãos Bruna e Henrique, pelo carinho e pelo companheirismo.

Ao Paulo Roberto Gonçalves, que foi um parceiro ao longo de todo o processo, pela compreensão, pela ajuda, pela tranquilidade e pelo amor.

Às professoras Ana Maria Stahl Zilles e Dorotea Frank Kersch, que me orientaram com sabedoria e serenidade, em momentos diferentes da minha pesquisa, e que possibilitaram a construção desse trabalho.

Aos professores da banca de qualificação, Bernardo Kolling Limberger da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Caio César Costa Ribeiro Mira da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Glenda Heller Cáceres do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), que deram contribuições riquíssimas para o texto inicial da dissertação e que me indicaram novos caminhos e leituras a partir da qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, que também contribuíram para a reflexão sobre o meu projeto de pesquisa.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, pelas parcerias e pelas aprendizagens coconstruídas ao longo desses dois anos.

À CAPES, pela oportunidade de realizar o mestrado, através da bolsa de estudos modalidade taxa, que permitiu que eu estudasse e trabalhasse, podendo assim aliar teoria e prática.

Aos participantes da minha pesquisa, que me receberam muitas vezes até em suas casas e seus locais de trabalho, e que compartilharam comigo reflexões sobre sua língua materna.

A todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para que eu concluísse mais essa etapa da minha vida.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo de caso realizado com falantes de hunsriqueano, uma variedade linguística de origem alemã falada no Brasil e com uma pequena tradição escrita. O objetivo geral é reconhecer as propostas de ortografia existentes para essa língua no Brasil, bem como a importância (ou não) da escrita do hunsriqueano para os próprios falantes. Os objetivos específicos são reconhecer as pressões que resultam na interrupção ou na continuação do uso da língua materna, bem como as pressões que são favoráveis ao ensino escolar dessa variedade. Os instrumentos da metodologia foram dois conjuntos de instrumentos: entrevistas semiestruturadas com 14 falantes – metade dos quais não escreve na língua de imigração, e a outra metade desenvolveu a escrita ao longo da vida adulta –, bem como textos em jornais, em livros e na internet em e sobre hunsriqueano. Os resultados da pesquisa mostram que muitos falantes ainda não reconhecem na escrita uma possibilidade ou mesmo necessidade de uso. Outros, porém, percebem na internet um local em que a escrita dessa variedade é viável e útil. Os falantes apontam diversos fatores que são favoráveis à manutenção do hunsriqueano, como a língua ainda ser falada na família e a possibilidade de emprego no comércio. Eles apontam, porém, que muitos fatores exercem pressão desfavorável sobre a língua, desde aspectos histórico-políticos, como a proibição da língua durante o governo de Getúlio Vargas, até elementos atuais, como o acesso constante a recursos tecnológicos, que veiculam informações na língua oficial, e não na local. Também identificou-se que o ensino escolar é considerado um caminho para a manutenção do hunsriqueano e uma possibilidade de que a língua seja aprendida pelas novas gerações.

Palavras-chave: Políticas linguísticas. Hunsriqueano. Pressões. Escrita. Ortografia.

ABSTRACT

This máster thesis presents a case study carried out with speakers of Hunsrückisch, a linguistic variety of German origin spoken in Brazil and with a small written tradition. The objective is to recognize the existing spelling proposals for this language in Brazil, as well as the importance (or not) of the writing of the Hunsriqueano to the speakers. It still proposes to recognize the pressures that make the speakers stop or continue using their mother tongue, as well as the pressures that are favorable to the school teaching of this variety. The instruments of the methodology were two sets of data: semi-structured interviews with fourteen speakers – half of whom did not write in this language of immigration, and the other half developed writing throughout adult life – as well as analysis of newspaper texts in books and on the internet in and about Hunsrückisch. The research results show that many speakers still do not recognize in writing a possibility the same need to use. Others, however, perceive on the internet a place where writing of this variety is feasible and useful. The speakers point out several factors that are favorable to the maintenance of the Hunsriqueano, as the language still being spoken in the family and the possibility of employment in commerce. They point out, however, that many factors exert unfavorable pressure on the language, from historical-political aspects, such as the prohibition of language during the Getúlio Vargas administration, to current elements, such as constant access to technological resources, which convey information in the language official, not on the spot. It has also been identified that school education is considered a way for the preservation of the Hunsrückisch and a possibility that the language is learned by the new generations.

Key-words: Language policies. Hunsrückisch. Writting. Pressures. Orthography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Alemanha com localização do Hunsrück.....	41
Figura 2 – Texto de Herta Sporket Patro em Jornal O Diário	66
Figura 3 – Texto de Pronila Krug em Jornal O Diário.....	67
Figura 4 – Texto do Projeto Hunsrik em Jornal O Diário	68
Figura 5 – Texto de Pronila Krug em Jornal RS.....	69
Figura 6 – Capa dos livros de Maria Noêmia Assmann e Luiz Carlos Thomas.....	71
Figura 7 – Livro com textos de jornal	72
Figura 8 – Livro de Pronila Krug.....	73
Figura 9 – Livro de José Inácio Flach.....	73
Figura 10 – Livro de Balduino Rambo.....	74
Figura 11 – Livro Piiplix Awentuure	75
Figura 12 – Livro Mayn Liipste Kexichtcher.....	76
Figura 13 – Dicionário em Hunsrik	76
Figura 14 – Livro com textos do I Concurso Literário em Hunsriqueano.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo da Proposta Ortográfica de Altenhofen et al. (2007)	86
Quadro 2 – Resumo da Proposta Ortográfica de Wieseemann (2008)	94
Quadro 3 – Comparando Escritas: Altenhofen (2007) x Wieseemann (2008).....	98
Quadro 4 – Comparações entre Duas Propostas de Ortografia.....	105

LISTA DE SIGLAS

ALMA	Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ES	Espírito Santo
ESCRITHU	Grupo de Estudos da Escrita do Hunsrückisch
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHLBrI	Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
RS	Rio Grande do Sul
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SC	Santa Catarina
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 Multilinguismo no Brasil: Pressões	20
2.2 Políticas Linguísticas	28
2.3 O Hunsriqueano Brasileiro: Breve Histórico e Descrição da Variedade	39
2.4 Histórico da Cultura Escrita	50
3 METODOLOGIA	56
3.1 Estudo de Caso	57
3.2 Procedimentos de Coleta de Dados	59
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	63
4.1 Registros Escritos em Hunsriqueano	63
4.1.1 Textos publicados em Jornal	65
4.1.2 Textos publicados em Livro	70
4.1.3 Textos publicados na Internet	78
4.2 Propostas de Ortografia para o Hunsriqueano	81
4.2.1 Proposta de Altenhofen et al. (2007)	82
4.2.2 Proposta de Wiesemann (2008)	89
4.2.3 O que Falantes Pensam sobre as Propostas Ortográficas	97
4.2.4 Comparação entre as duas Propostas Ortográficas	104
4.3 O que se pensa sobre a Escrita do Hunsriqueano	106
4.3.1 Para que, como e por que Escrever em Hunsriqueano	107
4.3.2 O Hunsriqueano só na Oralidade	112
4.3.3 Diglossia	115
4.3.4 Perspectivas (ou não) de Futuro com a Escrita do Hunsriqueano	116
4.3.5 Possibilidades de Escrita na Internet	118
4.3.6 Escrita Propositiva do Hunsriqueano	123
4.4 Pressões Favoráveis ao Hunsriqueano	124
4.4.1 Convívio Familiar	124
4.4.2 Possibilidade de Emprego no Comércio	127
4.5 Pressões Desfavoráveis ao Hunsriqueano	131
4.5.1 Proibição da Língua Alemã	131
4.5.2 Falta de Prestígio e Falta de Interesse	136

4.5.3 Preconceito contra o Hunsriqueano	139
4.5.4 As Creches e as Escolas.....	143
4.5.5 Tecnologias	146
4.6 Pressões Favoráveis ao Ensino Escolar.....	148
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO A POSTERIORI	164
APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO A PRIORI	165
APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA.....	166

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de inúmeras vivências pessoais, acadêmicas e profissionais, sendo resultado de experiências, reflexões, embates, angústias e escolhas.

Nasci e cresci em uma família de descendência alemã, tendo como língua materna o *Sapato de pau*, *Westfälisch* ou vestfaliano. A maioria dos moradores, principalmente da zona rural do pequeno município de Westfália, localizado no interior do Rio Grande do Sul (RS), assim como meus familiares e eu, fala essa variedade de origem germânica. Antes de ir para a escola, eu falava somente *Westfälisch*, mas conhecia e compreendia o português através da televisão.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, tive meu primeiro contato com a língua alemã padrão ou *standard*, passando a ter aulas semanais no currículo. Posteriormente, no Ensino Médio, enquanto realizava também o Curso Normal, dediquei bastante tempo e estudo a essa língua, realizando provas de proficiência e alcançando o nível C1 (cf. CONSELHO DA EUROPA, 2005) nas quatro habilidades linguísticas: leitura, escrita, compreensão auditiva e expressão oral. Aliando meu interesse pela língua alemã e minha estima por lecionar, decidi, após ser aprovada no estágio como professora de Anos Iniciais, cursar a licenciatura em Letras Português/Alemão e me formar professora de Língua Portuguesa e de Língua Alemã. Ao final da graduação, consegui alcançar o nível C2 no conhecimento de alemão em três habilidades: leitura, fala e escuta.

Nesse período de formação, tive duas oportunidades de ir à Alemanha e ter contato mais próximo com falantes proficientes: uma vez como aluna do Ensino Médio e outra como graduanda. Descobri que também muitos alemães (assim como eu, brasileira de descendência alemã) falam variedades regionais diferentes do alemão padrão. Percebi isso, principalmente em situações cotidianas e informais, ao ter assistido a encenações em *Plattdeutsch*, no norte da Alemanha, e ter escutado músicas em *Bairisch*, em uma rádio alemã do sul do país.

Lembro-me de termos estudado, durante a graduação, as variedades linguísticas (naquele momento, definidas como *Dialekte*) dentro da Alemanha. Reconhecemos a região em que cada uma delas é falada, o número estimado de falantes aproximadamente ainda falam e olhamos para algumas características gramaticais, fonológicas e lexicais dessas variedades. Porém, não fomos,

infelizmente, sensibilizados a olhar para as variedades de origem alemã que são faladas no Brasil e a valorizá-las. Dentro da própria sala de aula, tínhamos falantes de *Hunsrückisch* (hunsriqueano), *Westfälisch* (vestfaliano) e *Pommerisch* (pomerano), mas não refletíamos sobre a história e a riqueza dessas variedades locais. De certa forma, elas eram *invisíveis* ou, até mesmo, consideradas inadequadas e passíveis de atrapalhar a aprendizagem (tratamento errôneo, cf. Kersch e Sauer, 2010) dentro do contexto de ensino formal da variedade alemã padrão.

Concluí a graduação em 2014 e, a partir de julho de 2015, assumindo o cargo de professora concursada de Língua Alemã em um pequeno município do interior do RS, em que a maior parte da população é de descendência alemã, passei a ter contato diário com falantes de uma variedade chamada hunsriqueano ou, como era mais conhecida na comunidade, *Deutsch*. Na cozinha, na sala dos professores e até ao ensinar a língua alemã nos anos iniciais, surgiam palavras, pronúncias e estruturas diferentes das que eu conhecia das aulas de alemão padrão que tive ao longo da vida e também das ouvidas e faladas em meu contexto familiar. No entanto, os elementos linguísticos eram compreensíveis. Essa variedade me chamava a atenção e me cativava. Aos poucos, à medida que dela fui me aproximando mais, fui tentando utilizá-la, na oralidade, como ponte entre o conhecimento dos alunos e o conhecimento novo que eu estava propondo, em alemão padrão. Nesses momentos, as crianças falantes de hunsriqueano pareciam se sentir valorizadas e, assim, demonstravam mais interesse por aprender e eram mais ativas na aula.

As duas variedades de origem germânica faladas em meu entorno, uma na minha comunidade (vestfaliano) e a outra na comunidade em que atuei como professora (hunsriqueano), eram (e continuam sendo) majoritariamente orais. As pessoas não utilizavam essas variedades na forma escrita e não reconheciam essa possibilidade e/ou necessidade. As funções sociais das variedades se resumiam à comunicação entre familiares e pessoas da comunidade através da fala.

Em 2016, porém, durante a feira do livro do município em que eu atuava, a prefeitura recebeu a doação de materiais, dentre eles livros escritos em *Hunsrik* (designação usada nos referidos materiais para nomear a variedade de língua alemã falada naquela região). Além de disponibilizar alguns livros para todas as escolas municipais, cada aluno da rede de ensino recebeu gratuitamente um exemplar do

livro *Piiplixe Awentuure*, também chamado de Aventuras da Bíblia em hunsrik – *unser taytx*, o qual foi doado pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). O livro trazia algumas histórias bíblicas, como as histórias de Noé e a arca, Moisés e a libertação do povo no Egito, entre outras. Eu, como professora de Língua Alemã da rede, recebi, da direção da escola, a tarefa de apresentar e introduzir esse material aos alunos. Logo que recebi a incumbência, vários questionamentos surgiram: a) Qual é a temática apresentada por esses textos?; b) Por que esse material foi escrito em *Hunsrik*?; c) Por que essa variedade tem esse nome e ele é grafado dessa maneira?; d) Como utilizar, em sala de aula, um material escrito em uma variedade linguística que não domino?; e) Como ensinar essa variedade sem preparação prévia?; f) Será que os alunos e as famílias compreenderão esses textos?; g) As famílias dos alunos utilizam a escrita da variedade?; e h) Será que escrever nesta variedade faz sentido para os alunos e para suas famílias?.

Essas experiências e inquietações me levaram a entrar em contato com a professora Dra. Ana Maria Stahl Zilles, que fora orientadora do meu trabalho de conclusão da graduação. Ela me incentivou a refletir sobre a ortografia usada nesse material, a ler mais sobre o assunto, levando-me a conhecer o projeto responsável por esse material e a descobrir que há políticas linguísticas de ensino dessa variedade em alguns municípios da região em que eu atuava como professora. Também tive conhecimento de outro sistema de escrita que foi criado e está sendo desenvolvido por um grupo de estudos com sede no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com uma proposta ortográfica diferente daquela utilizada nos materiais recebidos no município. O grupo de estudos de chama ESCRITHU.

Conversando com as colegas professoras, na escola, a respeito do material recebido e da proposta de ensino, descobri que a administração do município em que eu atuava como professora de Língua Alemã também tinha a pretensão de incluir o ensino de hunsriqueano nas escolas da rede. Também essas informações me deixaram intrigada: a) A comunidade escolar foi consultada sobre a escolha desse ensino linguístico?; b) Quem deve ensinar essa variedade?; c) A partir de que idade ela deve ser ensinada?; d) O ensino deve ocorrer no currículo ou no turno inverso?; e) Que habilidades serão trabalhadas (oralidade, escrita)?; f) Será que é a escola que deve assumir a responsabilidade de ensinar a variedade local às crianças?; g) Por que, para que e como ensinar essa variedade na escola? h) Que

materiais pedagógicos auxiliarão o professor no planejamento das aulas?; e i) O ensino de alemão padrão perderá espaço, no currículo?.

Ao longo da trajetória da pesquisa, entrevistei falantes de hunsriqueano, buscando registros escritos sobre e nessa língua e me deparei com relativamente bastantes dados. Fui à banca de qualificação com a intenção de analisar as políticas linguísticas relacionadas à ortografia e ao ensino do hunsriqueano, olhando para três contextos de uma mesma região em que houve movimentos das autoridades locais para propor o ensino formal dessa variedade – o primeiro, em que o projeto é desenvolvido há alguns anos; o segundo, em que ele teve um ano letivo de duração; e o terceiro, em que a proposta foi apresentada à administração e aprovada, mas que, por questões de mudanças político-partidárias, o ensino não foi introduzido (neste caso, o município em que eu atuava).

Porém, durante a banca, fui incentivada a decidir focar o meu olhar em um dos aspectos (ortografia ou ensino). Foi sugerido que se analisasse os aspectos relacionados à escrita e à ortografia do hunsriqueano, utilizando como base histórica o autor que cunhou o termo que define essa variedade (ALTENHOFEN, 1998). Também foi observado que fossem utilizados os referenciais teóricos clássicos/introdutórios da área das políticas linguísticas (COOPER, 1989; FISHMAN, 1972; KAPLAN; BALDAUF JR., 1997) para definir os conceitos fundamentais dessa área e relevantes para meu estudo. Agradeço aos professores que participaram da banca, por me auxiliarem a delimitar o estudo, por realizarem colocações muito relevantes para minha dissertação e por me sugerirem e até emprestarem alguns livros do seu acervo pessoal para complementar meu referencial teórico.

Então, incluíram-se os autores acima às referências mais contemporâneas lidas até aquele momento – Calvet (2007), Garcez e Schulz (2016), Nicolaidis et al. (2013) e Spolsky (1998, 2009, 2016a, 2016b), que tratam das políticas, das crenças e da gestão linguística, entre outros.

Pouco tempo depois da qualificação, recebi a notícia de que minha professora orientadora, por motivos particulares, não poderia seguir me orientando. Agradeço imensamente às professoras Ana Maria Stahl Zilles – por ter me acompanhado até aquele momento – e Dorotea Frank Kersch – por aceitar o desafio de me conduzir até o final da produção da minha dissertação.

Por consequência dessas mudanças, também minha pergunta de pesquisa e meus objetivos foram sofrendo alterações. Fui apresentada aos estudos sobre as

pressões que têm influência na vitalidade ou não das línguas minoritárias (TERBORG, 2006; TERBORG; GARCÍA LANDA, 2010, 2011), que me levaram a olhar para os dados na e sobre essa língua de modo mais próximo. Passei a tentar responder, por meio da análise dos meus dados, com base no aporte teórico escolhido: a) *Quais são as propostas de escrita para o hunsriqueano?*; b) *Qual a importância da escrita dessa variedade para os falantes?*; e c) *Quais são as pressões que fazem com que os falantes de hunsriqueano deixem de falar sua língua ou permaneçam falando-a (e talvez desejarem escrever nela)?*.

O presente trabalho tem como objetivo analisar e descrever duas propostas de políticas linguísticas relacionadas à escrita e à ortografia de uma variedade do alemão, falada por imigrantes e seus descendentes, que tem sido designada variavelmente como *Hunsrückisch*, *Hunsrickisch*, *Hunsrik*, hunsriqueano, entre outros. A própria existência de nomes distintos para a variedade está claramente associada a diferentes propostas de políticas linguísticas. E, na sequência, reconhecer a importância do registro escrito para os falantes de hunsriqueano e para sua vida.

Neste estudo, optou-se por nomear a variedade como hunsriqueano, versão aportuguesada do nome em alemão (cf. ALTENHOFEN et al., 2018), facilitando a leitura daqueles que não compreendem esta língua e buscando manter o máximo de neutralidade possível para analisar as propostas de escrita existentes para a variedade.

Há alguns estudos dedicados a analisar as políticas linguísticas relacionadas a variedades linguísticas minoritárias: sobre as línguas polonesa (DELONG, 2016), talian (BERNARDI, 2015) e pomerana (SOUZA, 2017). Há ainda menos estudos que se dediquem a olhar especificamente ao aspecto gráfico e ortográfico dessas variedades. Assim, este estudo pretende preencher essa lacuna no campo científico, olhando para a escrita e a ortografia do hunsriqueano.

Esta pesquisa tem também relevância para a comunidade acadêmica, já que vem abordar uma questão da área de estudos bastante recente que chamamos de políticas linguísticas. Dentro do campo da Linguística Aplicada, este estudo se propõe a olhar para uma situação real do mundo que envolve a linguagem, propondo reflexões sobre a oralidade e a escrita de uma língua minoritária falada no Brasil.

O estudo das políticas linguísticas relacionadas ao hunsriqueano é de grande importância, visto que é uma língua brasileira que está ameaçada. Ela vem perdendo falantes e o estudo acadêmico da mesma pretende propor reflexões, visando a reconhecer ações possíveis para sua preservação. Além disso, é importante mencionar que há um esforço coletivo de integrar a variedade ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Dessa maneira, o hunsriqueano pode se tornar uma língua de referência cultural nacional, já que é falada em território brasileiro há quase dois séculos, tendo sido mantida por diversas gerações de descendentes de imigrantes alemães.

O trabalho está organizado de modo a apresentar, na introdução, o tema, a pergunta e os objetivos da pesquisa, a fim de situar o leitor na pesquisa. No capítulo 2, são apresentados os pressupostos teóricos em que me apoiei para realizar o estudo. Dentre eles, cito o multilinguismo no Brasil e as pressões (2.1), as políticas linguísticas (2.2), o hunsriqueano (2.3) e a cultura escrita (2.4).

No capítulo 3, apresento a metodologia utilizada, que é qualitativa, de estudo de caso, baseada na análise de entrevistas gravadas em áudio, de coleta de materiais escritos em hunsriqueano e de pesquisas realizadas na internet sobre os movimentos e a repercussão das políticas linguísticas.

No capítulo 4, as propostas de ortografia são analisadas e comparadas (4.1) e relacionadas com os interesses dos falantes (4.2). Em seguida, as pressões favoráveis (4.3) e desfavoráveis (4.4) ao uso do hunsriqueano nas comunidades são analisadas, comparadas e discutidas, bem como as pressões relacionadas ao ensino dessa variedade (4.5). Por fim, no capítulo 5, apresento as considerações finais acerca da pesquisa realizada e dos resultados alcançados, bem como algumas possibilidades de estudos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a pesquisa, apresentamos a seguir quatro seções com teorias e conceitos relevantes para o desenvolvimento deste estudo. A primeira seção apresenta um breve histórico do multilinguismo no Brasil e as pressões que influenciaram e influenciam os falantes até hoje nas escolhas das línguas. A segunda aborda a temática das políticas linguísticas, retomando a origem do campo de estudos e alguns de seus conceitos fundamentais. A terceira seção aborda o hunsriqueano brasileiro, a variedade linguística de origem alemã que é o foco deste estudo, apresentando um breve histórico e uma breve descrição da mesma. Por fim, a quarta seção trata da cultura escrita no mundo e da(s) escrita(s) do hunsriqueano neste país.

2.1 Multilinguismo no Brasil: Pressões

O Brasil é um país multilíngue. Milhares de pessoas nascem neste país tendo outras línguas maternas que não a portuguesa: línguas indígenas, de imigração, de comunidades afro-brasileiras ou de sinais. Segundo Pupp Spinassé (2008b, p. 120), o censo de 1940 apontou que 393.934 pessoas moradoras no RS falavam alemão em casa, mesmo que “[...] mais de 95% dessas pessoas eram nascidas no Brasil”. Segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população gaúcha, naquele ano, era de 3.320.689 habitantes. Assim, pode-se concluir que, na época, quase 12% dos gaúchos utilizavam a língua alemã no contexto familiar (BRASIL, 1956).

Porém, ao longo das décadas seguintes, o aspecto linguístico deixou de constar nas pesquisas a nível nacional. De acordo com Morello (2016), houve, após 1950, um período de sessenta anos em que, no Censo, não foram realizadas perguntas sobre a diversidade linguística brasileira. Até mais recentemente, no cenAso de 2000, nenhuma questão se referia à língua que se fala no domicílio ou pelos falantes. Somente em 2010, algumas perguntas foram incluídas em relação à língua falada pelos moradores, mas estas se relacionavam somente à língua portuguesa, às línguas indígenas e à de sinais.

Mesmo não tendo informações precisas, segundo estimativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), publicada em 2017, acredita-se que mais de 250 línguas são faladas no Brasil.

De acordo com Maher (2013), a partir da chegada dos portugueses ao Brasil, já se tinha uma compreensão errônea de que o monolingüismo era algo positivo. As línguas indígenas, que totalizavam em torno 1200 faladas no Brasil, foram discriminadas. Também as línguas dos negros escravizados trazidos para este país, que eram de 200 a 300 línguas diferentes, foram coibidas, e a língua do colonizador foi instituída como a única boa e suficiente para ser oficial. Muitos índios e negros foram punidos por manter suas crenças religiosas, suas culturas e suas línguas, sendo obrigados a viver com base nos hábitos europeus.

Porém, Maher (2013) também lembra que a temática do monolingüismo já aparecera muito antes na Bíblia, da mesma forma, depreciando a existência de muitas línguas e valorizando aspectos como unidade e uniformidade.

O mito de que o monolingüismo corresponde a algo desejável, a uma benesse, tem, historicamente, suas origens em fatos que antecederam ao 'descobrimento' do nosso país. No Antigo Testamento (GÊNESIS, 11), ao narrar a construção da Torre de Babel – o nosso grande *castigo histórico* – já é possível encontrar indícios de que a existência de muitas línguas implicaria caos, confusão (MAHER, 2013, p. 118-119, grifo do autor).

A partir do século XIX, com a chegada de imigrantes europeus, que fundaram colônias principalmente no sul do país, a diversidade linguística do Brasil cresceu ainda mais. A maior parte deles era de imigrantes alemães e italianos, de acordo com Prade (2003).

Apesar dessa diversidade linguística existente em nosso país, a Constituição de 1988 outorgou à língua portuguesa um *status* de única língua oficial da nação, como é proposto no seu Artigo 13 “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil” (BRASIL, 1988). Essa política linguística explícita mostra a contrariedade entre a realidade brasileira e a imposição da legislação.

Ao longo da história nacional, tivemos um período em que a proibição das línguas de imigração foi um fator decisivo para o abandono do seu uso tanto na comunidade quanto em casa. Isso se deu durante o governo Vargas, de 1937 a 1945, através das políticas de nacionalização (FRITZEN; EWALD, 2013). Essa política gerou consequências bastante negativas para a maioria das línguas de imigração.

De acordo com Maher (2013), algumas línguas faladas e escritas no Brasil, devido aos fatores históricos e políticos, sofreram mudanças, perdendo a forma escrita e o *status* que tinham nas comunidades. Assim, elas passaram a ser línguas somente orais, sendo faladas em contextos mais restritos de comunicação. Outras línguas acabaram desaparecendo.

Uma visão política, antiga e fechada, de que uma nação, para se consolidar, deve ter somente uma língua, ainda está, infelizmente, presente nas crenças e nos discursos de muitas pessoas. Também a ideia de que a manutenção da língua de imigração prejudicaria a aprendizagem da língua portuguesa, ou até mesmo o ensino de alemão padrão, continua fazendo parte do imaginário tanto de alguns falantes quanto de alguns não falantes das línguas de imigração. Porém, estudos apontam que isso é um mito (KERSCH; SAUER, 2010; MARKMANN, 2009). Em consonância com Neumann (2018, p. 13),

Vale ressaltar que as pesquisas do bilinguismo – da capacidade de uso de duas línguas – têm mostrado que, quanto melhor conhecemos e entendemos nossa língua materna, tanto melhor aprendemos outras línguas. Isso significa que quanto melhor e sem medo um falante conhecer e valorizar sua língua materna, o Hunsrückisch, tanto mais facilmente aprenderá o português e outras línguas, e tanto melhor poderá ser sua socialização e escolarização, isto é, a formação como cidadão seguro e confiante de si.

Assim, reconhece-se que a consciência linguística do falante em relação à sua língua materna faz o contrário do que é apresentado pela crença popular: ela leva o falante a conhecer a sua língua e a valorizá-la. Porém, não é somente a crença que pressiona as pessoas a deixarem de falar sua língua materna. Ainda hoje, muitas pessoas que viveram na época da proibição têm medo de falar sobre ela. De acordo com Pupp Spinassé (2008a), sentimentos negativos em relação à língua e, por sua vez, à cultura alemã, passaram a figurar em muitas comunidades descendentes de imigrantes alemães. Segundo Pupp Spinassé (2008a, p. 132), “[...] muitos começaram a sentir vergonha e medo de serem ‘alemães’, devido a traumas desta época de guerra e não queriam mais, por opção própria, falar alemão”.

Na contemporaneidade, mesmo que não haja mais proibição, muitos falantes, ao longo da vida, ainda vão deixando de falar sua língua materna (que pode ser uma língua de imigração) e de ensiná-la às gerações seguintes, por diversos fatores: pela diminuição das práticas sociais de interação por meio dela, face à ampliação do uso

da língua hegemônica (o português); por crenças desinformadas e preconceituosas em relação ao bilinguismo e por gestões equivocadas (por exemplo, que tomam decisões sem levar em conta os interesses e as necessidades da comunidade), entre outros.

Mesmo assim, muitos falantes ainda conseguiram enfrentar as adversidades e manter a sua língua materna, ensinando-a para as gerações seguintes. Atualmente, as variedades da língua alemã, por exemplo, estão mais preservadas em áreas rurais, como língua de interação usada por descendentes de imigrantes alemães (FRITZEN; EWALD, 2013). Dessa forma, a diversidade linguística continua sendo mantida.

Segundo Spolsky (2016b), acredita-se que o multilinguismo continuará prevalecendo no século XXI. Porém, reconhece-se que, devido a pressões, muitas línguas podem desaparecer nas próximas décadas. Pressupõe-se que “O multilinguismo também vai continuar, mas uma grande parte das mais ou menos 6.000 línguas de hoje vai desaparecer rapidamente por causa da pressão das línguas nacionais e internacionais” (SPOLSKY, 2016b, p. 374).

Também Terborg (2006) afirma que o número de línguas faladas no mundo está diminuindo. Ele reconhece que esse fenômeno ocorre quando falantes de uma língua morrem sem deixar descendência ou quando há línguas em contato e os falantes deixam de falar a sua língua. Segundo o autor, “Especialmente, a morte por substituição de línguas minoritárias aumentou nas últimas décadas e há estimativas que preveem que o número de línguas faladas na atualidade será reduzido à metade até o final do século XXI” (TERBORG, 2006, tradução nossa).¹ É importante, segundo o autor, que se busque identificar os fatores que levam à morte ou à vitalidade das línguas, reconhecendo os efeitos desse fenômeno na sociedade.

Uma língua some ou deixa de ser falada, porque outra língua, com mais poder e prestígio, passa a assumir suas funções sociais, substituindo-a. Conforme Gal (1978), a substituição linguística ocorre em diversos contextos bilíngues mundo a fora. O falante escolhe mudar de língua ou falar somente uma delas visando uma mudança social. De acordo Gal (1978, p. 2, tradução nossa),

¹ “Especialmente, la muerte por el desplazamiento de lenguas minoritarias ha aumentado en las últimas décadas y hay estimaciones que preven que el número de lenguas habladas en la actualidad será reducido a la mitad al terminar el siglo XXI”.

[...] os modos de falar de homens e mulheres são vistos como os resultados de escolhas linguísticas estratégicas e socialmente significativas que, sistematicamente, ligam a mudança de linguagem à mudança social: a inovação linguística é uma função do envolvimento diferencial dos falantes e da avaliação da mudança social.²

Gal (1978) afirma que essa mudança social também leva a uma mudança de identidade social do falante. No estudo apresentado pela autora, em um contexto bilíngue alemão e húngaro de uma cidade da Áustria, a língua majoritária, alemã, veio ganhando espaço entre jovens, principalmente mulheres. Como é relatado, os falantes consideram a variedade local uma língua de camponês, com *status* inferior, o que é considerado negativo por muitos jovens. Para que não sejam relacionados a essa cultura/essa língua e não sofram preconceito, permitindo que assumam uma identidade de falantes da língua oficial e tenham mais prestígio, muitos deles substituem a língua húngara pela alemã.

Segundo Gal (1978, p. 4, tradução nossa), “O status preferido pelos jovens é o de trabalhador, não o de camponês. O mundo do trabalho é um mundo totalmente de língua alemã, e a própria língua passou a representar o trabalhador”.³ Assim, a língua alemã – língua oficial do país – é considerada, nesse contexto, a língua do trabalho, do progresso, da possibilidade de conquistar dinheiro e prestígio. O húngaro – língua local –, por sua vez, é considerado uma língua do agricultor, das pessoas mais velhas, com menos (ou sem) dinheiro e prestígio.

Uma situação semelhante à citada por Gal (1978) ocorre em muitas comunidades bilíngues brasileiras falantes de línguas minoritárias (de imigração, indígenas, crioulas, afro-brasileiras, de fronteira, de sinais) e de português. A pressão negativa, o preconceito e o desprestígio da língua local levam falantes bilíngues a optar por uma língua e abandonar a outra. A língua portuguesa, que é, na maior parte dos contextos a língua do trabalho e da escola, tem um *status* superior.

De acordo com Terborg e García Landa (2011), existem pressões que agem nas comunidades de fala e que podem ter influência favorável ou desfavorável à língua. As pressões, em certa medida, podem ser consideradas universais, podendo ocorrer em diferentes contextos e em relação a diversas línguas. De acordo com

² “[...] men's and women's ways of speaking are viewed as the results of strategic and socially meaningful linguistic choices which systematically link language change to social change: linguistic innovation is a function of speakers' differential involvement in, and evaluation of, social change”.

³ “The preferred status for young people is worker, not peasant. The world of work is a totally German-speaking world, and the language itself has come to represent the worker”.

Terborg (2006), a força das pressões é determinada pelo interesse do falante pressionado e pelo contexto geral.

Pressão é um conceito fundamental dentro dessa perspectiva. Ele está relacionado, segundo Terborg (2006), às relações de poder, às ideologias, aos valores, às ações humanas e às atitudes. Em consonância com Terborg e García Landa (2010, p. 168, tradução nossa)⁴, “Deve-se entender o conceito de pressão como um fator que conduz a uma ação”. A pressão explica o motivo de um sujeito ou um grupo tomarem determinadas decisões sobre a língua. Assim, entende-se que toda ação humana acontece devido a uma pressão que o sujeito sofre. A pressão pode ter origem no interesse ou na necessidade do falante por algo.

Existem diferentes tipos de pressão que influenciam na escolha da língua. Terborg e García Landa (2011) apresentam cinco fatores que podem criar pressão para a escolha de uma língua: a máxima facilidade compartilhada, as necessidades, as ideologias, os valores e as crenças.

A máxima facilidade compartilhada é um fator que tem grande influência na escolha linguística. Ela é definida como o conhecimento comum que os falantes possuem, o qual facilita a comunicação entre eles. Ela pode ser considerada uma ferramenta para o diálogo (TERBORG; GARCÍA LANDA, 2010). Se falantes desejarem interagir, eles buscarão adequar a sua escolha ao seu interlocutor, ao domínio em que se encontram e a intenção que eles têm. Eles utilizarão a variedade linguística que ambos compartilham, aquela que seja para eles mais adequada ou confortável para tratar de um assunto específico. De acordo com Kersch (2013, p. 700),

A máxima facilidade compartilhada, portanto, é a variedade linguística que compartilham duas ou mais pessoas em determinadas situações, tratando de temas específicos. O conceito da facilidade compartilhada não se limita ao conhecimento da língua, mas compreende todo o conhecimento sobre o mundo e baseia-se na história comum dos indivíduos envolvidos, sempre e quando esse é compartilhado e automatizado. A facilidade compartilhada e os interesses dos indivíduos (compostos pelas crenças, valores, ideologias e necessidades) originam as pressões.

De acordo com Terborg e García Landa (2010), na comunicação, as pressões podem ser resultado dos interesses, da facilidade compartilhada ou da competência,

⁴ “Hay que entender el concepto de presión, como um factor que conduce hacia una acción”.

dependendo do caso. Os interesses, por sua vez, podem ser resultado das necessidades ou das ideologias.

Terborg (2006) propõe um modelo para analisar as pressões, denominado “ecologia de pressões”. Segundo Kersch (2013, p. 698), esse modelo “[...] mostra como as atitudes, necessidades, valores, crenças e ideologias exercem pressão, influenciando na manutenção ou substituição de uma língua”. Ele é chamado de ecologia de pressões, segundo Terborg e García Landa (2011), por ser um processo dinâmico, em que há mudanças, movimento, no qual as forças coexistem sem que se afetem ou excluam. Por vezes, as pressões podem se opor ou contradizer, sendo chamadas de pressões em conflito.

As pressões podem variar de acordo com o contexto em que os falantes vivem e com o grau de isolamento que eles apresentam em relação a outras línguas. Terborg e García Landa (2011) propõem três contextos de análise para classificar os falantes e as comunidades em estudo, de modo a reconhecer as pressões: suburbano, rural de fácil acesso e rural de difícil acesso. De acordo com Kersch (2013, p. 698),

Os três contextos considerados por Terborg e García Landa (2011) para a divisão das comunidades em estudo foram o suburbano (muito próximo a cidades ou mesmo pertencentes a algum bairro), o rural de fácil acesso (quando se trata de comunidades ligadas por rodovias asfaltadas) e o rural de difícil acesso (sem ligação com boas rodovias). Essa divisão permitiu identificar o grau de isolamento das comunidades e as necessidades de seus falantes, o que implica diferentes tipos de pressão para manter ou substituir a língua.

Quanto mais urbanizado o meio em que os falantes vivem, maior é a pressão para que eles utilizem a língua oficial. Já em pequenas comunidades, pode haver mais pressão para que se fale a língua local. Em cada situação, pode haver mais usos e funções para uma ou outra variedade linguística.

A competência linguística também é considerada um fator decisivo para o sucesso na comunicação. Porém, nem sempre o conhecimento de línguas menos globalizadas, como é o caso das línguas minoritárias, é valorizado. Falantes de variedades com mais prestígio são considerados mais competentes e, conseqüentemente, têm mais poder na escolha da língua (TERBORG; GARCÍA LANDA, 2010). Isso, porque terão mais possibilidades de ter sucesso na

comunicação, já que as línguas mais globalizadas são um conhecimento que pode ser compartilhado por mais pessoas.

Segundo Gnerre (1994), o valor dos falantes na sociedade pode determinar o valor da sua língua. De acordo com o autor, “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1994, p. 6-7). Assim, o prestígio de uma língua está correlacionado com seu poder na sociedade.

De acordo com Terborg e García Landa (2010), o poder de um indivíduo sobre outros permite que o primeiro obrigue o segundo a algo, que imponha a ele a sua vontade e que o controle. Quando as relações de poder não apresentam equilíbrio, um deles cede seu poder ao outro, e isso pode produzir conflito. De acordo com os autores, “O poder surge em uma relação conflitiva entre pressões que se contradizem. É o caso, quando o estado atual do mundo é favorável para algumas pessoas e, ao mesmo tempo, é desfavorável para outras” (TERBORG; GARCÍA LANDA, 2010, p. 169, tradução nossa).⁵

Percebe-se, muitas vezes, que as pressões produzem situações injustas em relação às línguas, principalmente para aquelas não oficiais ou sem prestígio. As pressões fazem com que as línguas majoritárias assumam mais situações de comunicação e as línguas minoritárias percam espaço e uso na comunicação dos falantes.

No entanto, os direitos linguísticos de todos os cidadãos deveriam ser respeitados, tanto da maioria, quanto das minorias. Para isso, precisam existir políticas linguísticas que valorizem a diversidade linguística e que proponham a manutenção, a revitalização, a salvaguarda, a promoção e o fomento das diferentes línguas existentes no país (ALTENHOFEN, 2013). Essas políticas devem oportunizar aos falantes a conscientização linguística, de modo que eles conheçam melhor a sua língua, entendendo sua história, sua gramática e sua riqueza, para que a valorizem e se orgulhem da sua identidade como falantes. Assim, também eles podem ser protagonistas das políticas linguísticas. Altenhofen (2013) vai além, propondo que não só os falantes tenham consciência do multilinguismo e do valor das línguas, mas que a comunidade de fala em geral reconheça a diversidade falada

⁵ “El poder surge en una relación conflictiva entre presiones que se contradicen. Es el caso cuando el estado actual del mundo es favorable para algunas personas y, al mismo tiempo, es desfavorable para otras”.

naquele contexto. Assim, monolíngues, bilíngues e até multilíngues podem juntar forças para lutar pelo respeito para com todas as línguas.

Nessa perspectiva, tão importante quanto defender o valor e os direitos das populações bilíngues, é promover entre a população monolíngue uma consciência plurilíngue e pluralista, condizente com as expectativas e competências plurais exigidas pelo mundo globalizado. Trata-se, enfim, de uma inversão de valores (ALTENHOFEN, 2013, p. 102).

Aos poucos, no Brasil, os valores em relação às línguas estão mudando. Diferentes atores sociais vêm realizando ações para incentivar a manutenção e a revitalização das línguas de imigração que foram e ainda são línguas maternas em muitas comunidades. Essas ações vão desde a publicação de textos, vídeos ou áudios em grupos de redes sociais até a criação de leis para cooficializar uma língua local, em alguns municípios (como o *Talian* – língua de origem italiana – em Serafina Corrêa/RS, desde 2009, e o Pomerano – língua de origem alemã – em Canguçu/RS, desde 2010), ou declarar uma língua patrimônio histórico e cultural, em um estado, como o *Hunsrik*, no nosso estado (RIO GRANDE DO SUL, 2012). Todas essas iniciativas são ações de políticas linguísticas que promovem a manutenção do multilinguismo no Brasil. O conceito de política linguística será apresentado na seção seguinte.

2.2 Políticas Linguísticas

No cotidiano, consciente ou inconscientemente, as pessoas fazem políticas linguísticas. Os pais, ao decidirem falar desde cedo com sua filha a variedade linguística de imigração falada na comunidade e não a língua oficial do país; a igreja, ao escolher realizar seus rituais religiosos na língua das tradições ancestrais; a comunidade acadêmica, ao valorizar a publicação de textos científicos na variedade que é considerada língua franca; os colegas, ao escolherem se reunir e praticar a língua que estão aprendendo; uma comunidade, ao propor um encontro de falantes de uma variedade linguística local.

De acordo com Garcez e Schulz (2016), em qualquer espaço social em que há pessoas, são faladas línguas que podem ser oralizadas ou sinalizadas. Onde há línguas, “[...] há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as

discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas” (GARCEZ; SCHULZ, 2016, p. 2).

Calvet (2007) afirma que o ato de intervir na língua já é antigo. Segundo o autor, sempre houve pessoas tentando impor regras, propor uma forma correta de falar ou de escrever, interferindo nas situações linguísticas. Também para Spolsky (2016a), as políticas linguísticas são fenômenos que ocorrem naturalmente em sociedade. Segundo o autor, elas “[...] são essencialmente fenômenos sociais, dependentes de comportamentos consensuais e das crenças de indivíduos pertencentes a uma comunidade de fala” (SPOLSKY, 2016a, p. 33). As políticas linguísticas acontecem cotidianamente, podendo ser mais ou menos formais. Elas envolvem escolhas, tomadas de decisão. Segundo Garcez e Schulz (2016), as políticas são o resultado do processo de construção da escolha, da escolha em si e das ações que são consequência da escolha.

Em consonância com Spolsky (1998, p. 66, tradução nossa)⁶, essa área de estudos, que vem crescendo nas últimas décadas, é definida como “[...] qualquer esforço para modificar a forma ou o uso da linguagem”. De acordo com Cáceres (2017), as primeiras publicações da área em nível mundial ocorreram há quase sessenta anos, no final da década de 1950. Já no Brasil, os estudos sobre Política e Planejamento Linguístico são mais recentes, iniciando por volta de meados da década de 1980.

Altenhofen (2013, p. 103) define as políticas linguísticas como “[...] campo de decisões das relações da sociedade com as línguas”. Altenhofen (2013) afirma que não só as decisões tomadas pelo Governo, mas também as decisões tomadas cotidianamente, por cidadãos ou grupos, na sociedade, compõem essa área.

Essa área de estudos visa a atuar sobre uma situação de linguagem, por vezes, considerada problemática pelos falantes. Assim, a política linguística não tem como objetivo fazer descrição da língua e dos fatos relacionados a ela. De acordo com Rajagopalan (2013, p. 39, grifo do autor),

Longe de procurarem *descrever* os fatos linguísticos (como tenciona a *ciência* linguística), a política linguística tem como objetivo intervir neles. Ela é, escancaradamente prescritiva. Como qualquer outra atividade de cunho político ela se esmera no sentido de mudar os rumos de uma determinada situação linguística.

⁶ “Any effort to modify language form or use”.

A temática das políticas linguísticas é ampla, abarcando diferentes temas, e complexa, por não apresentar definições e verdades absolutas. De acordo com Cáceres (2017, p. 45), “[...] tratar dessa temática significa ingressar num terreno pantanoso, inicialmente pela própria definição terminológica e, em decorrência disso, ou como sua causa, pela variedade de temas e atividades que lhe competem”.

A definição dessa área engloba o binômio *language planning* (planejamento linguístico) e *language policy* (política linguística). Segundo Calvet (2007), por muitos anos, o termo *language planning* foi utilizado para nomear essas duas ações, as quais ele considera complementares. O autor define os conceitos da seguinte maneira: “[...] as decisões de poder (a política) e a passagem à ação (o planejamento)” (CALVET, 2007, p. 17). A política linguística, segundo Fishman (1972), se refere à tomada de decisão e à implementação de uma língua. Já o planejamento linguístico, é o processo de envolvimento com os problemas de linguagem situados, de análise da língua e do contexto em que ela está inserida.

De acordo com Spolsky (1998), o termo *language planning* era mais utilizado nas décadas de 1950 e 1960, quando a área estava surgindo. A partir da década de 1980, os sociolinguistas passaram a preferir a expressão *language policy* para nomear a área.

Em consonância com Maher (2013), na literatura da área das políticas linguísticas, há a distinção entre planejamento e políticas linguísticas, mas, para a autora, esses processos não são passíveis de separação, já que ocorrem concomitantemente e são interdependentes. Assim, ela relaciona política linguística “[...] tanto ao estabelecimento de objetivos (sócio) linguísticos, quanto aos modos de concretização dos mesmos” (MAHER, 2013, p. 120).

Também Cáceres (2017) afirma que o termo ‘política linguística’ vem sendo utilizado na atualidade em textos da área publicados em diversas línguas, englobando aspectos tanto do planejamento quanto da implementação da língua. A autora reconhece que

[...] o termo Política Linguística parece ser extensamente utilizado nas publicações (em português, espanhol e em outras línguas) da área de estudos, englobando, no mais das vezes, tanto os aspectos de planejar, idealizar, propor, quanto a face essencialmente responsiva a essas proposições, notadamente agentiva (CÁCERES, 2017, p. 46).

Quando aqueles que têm poder em relação a um ou mais indivíduos fazem esforços ou escolhas motivados pelos seus interesses, os quais terão consequências na vida do sujeito, está-se fazendo política linguística *top down* (RAJAGOPALAN, 2013), de cima para baixo ou macro, em que alguns poucos decidem pelo restante da população historicamente. Esse tipo de política é bastante comum na nossa sociedade.

Existem também políticas que surgem do interesse dos falantes e são, assim, construídas por eles. Essas políticas são denominadas *bottom up*, de baixo para cima ou micro. Quando um grupo de indígenas busca apoio da academia para refletir sobre a língua, sobre a sua escrita e sobre o seu ensino escolar, é o indígena falante da variedade que se torna protagonista do processo de elaboração e de implementação da política, como relatam Garcez e Viegas (2013). Nesse caso, está sendo feita uma política de baixo para cima, partindo dos falantes da língua, da comunidade linguística.

Porém, as políticas micro começaram a ser levadas em conta dentro da área das políticas linguísticas mais recentemente. De acordo com Rajagopalan (2013), nas primeiras décadas de existência das políticas linguísticas, elas pouco apareciam.

Tanto *language policy* como *language planning* são atividades executadas, via de regra, de modo 'cima para baixo' (*top down*). As políticas no nível 'micro', que 'brotam' de baixo para cima, raramente eram contempladas sob o rótulo da política linguística (RAJAGOPALAN, 2013, p. 30, grifo do autor).

Segundo Kaplan e Baldauf Jr. (1997), as políticas linguísticas macro, apesar de poderem apresentar uma quantidade grande de atores envolvidos, geralmente contam com o envolvimento do governo, com o objetivo de resolver problemas complexos. Já as políticas e o planejamento em nível micro, procuram focar em aspectos específicos de linguagem, sendo mais simples e menos elaborados.

Tanto a perspectiva micro quanto a perspectiva macro de políticas linguísticas são construídas por pessoas. Porém, a diferença é que uma está mais próxima dos falantes (micro) e outra mais distante (macro). Dessa forma, a participação da comunidade de fala na tomada de decisão sobre a língua fica dificultada quando a política linguística está afastada dos falantes.

Qualquer grupo social pode propor uma política linguística, de acordo com Calvet (2007). Porém, para que ela seja colocada em prática, o grupo precisa de

apoio político, já que, para a implantação da política linguística, são necessários poder e meios. É necessário apoio estrutural e financeiro para que todo o processo seja possível.

A área de estudos denominada políticas linguísticas nasceu no campo da Sociolinguística, no final dos anos 1950. Essa disciplina, de acordo com Kaplan e Baldauf Jr. (1997), se dedica a estudar as forças sociais que influenciam o falante na escolha ou na mudança da língua. Como as possibilidades são muito variáveis e são determinadas por diversos aspectos, dentre eles histórico, social, político, cultural e econômico, para que elas sejam compreendidas, as políticas linguísticas precisam ser analisadas caso a caso.

As políticas linguísticas buscam resolver situações de linguagem naturalísticas, se apoiando menos na teoria e mais em soluções interdisciplinares existentes no mundo real (KAPLAN; BALDAUF JR., 1997). Elas podem se debruçar, entre outros, de acordo com Fishman (1972), sobre variedades linguísticas que precisam ser *desenvolvidas*, para que tenham mais funções de uso para os falantes.

De acordo com Lagares (2013), o planejamento linguístico, para que tenha sucesso, não pode ser realizado com base na intuição dos agentes políticos. Ele deve ocorrer com base no contexto e nos falantes da língua, na realidade social em que a língua está inserida. Segundo Lagares (2013, p. 182-183),

Na realidade, nenhuma ação de planejamento linguístico pode ser desenvolvida com sucesso sem levar em consideração aspectos fundamentais da realidade social sobre a qual se deseja intervir: as relações socioeconômicas, as dinâmicas culturais e identitárias, os imaginários e as representações linguísticas.

As políticas linguísticas podem interferir na forma da língua, na sua função e no seu ensino. De acordo com Cooper (1989), as políticas linguísticas podem ser de *status*, de *corpus* e de aquisição. Políticas de *status* são as ações realizadas para possibilitar o acréscimo de funções à língua, os quais são externos a ela. Segundo o autor, a língua pode ter *status* de oficial (que tem função legal), provincial (que serve como língua regional), educacional (que é utilizado como meio para o ensino primário e secundário), religioso (que compõe um ritual religioso específico), entre outros.

O *status* pode ser determinado pelo valor que os falantes dão para a sua língua, bem como pelo valor dado a ela pelas autoridades políticas. Quanto mais

contextos de uso são implementados, mais possibilidades ela tem de ser utilizada e mais sujeitos podem perceber a importância de saber ou aprender uma língua. De acordo com Altenhofen (2013, p. 95, grifo do autor),

É uma ilusão pensar que as línguas são iguais, no sentido do que são capazes, mas todas – sem exceção – têm o seu valor definido pelos usuários e respectivas comunidades de fala, a quem deve ser garantido o direito de uso. Esse valor de mercado, assim como o *status* sócio-político de uma língua, variam conforme o contexto de uso e o ponto de vista que se adota.

As políticas de *corpus*, por sua vez, interferem em aspectos internos da língua. Elas são influenciadas por fatores culturais, sociais, históricos e políticos (COOPER, 1989). Os objetivos que podem determinar as mudanças no texto falado ou escrito são a necessidade da “grafização” (criação do registro escrito), da standardização (desenvolvimento de uma variedade padrão) e da modernização (adaptação da língua a línguas de sociedades modernas). De acordo com Spolsky (1998), o planejamento do *corpus* busca modificar a estrutura de uma língua, podendo se relacionar ao seu vocabulário, ao seu sistema de escrita, à sua gramática ou à sua fala.

De acordo com Fishman (1972), o planejamento de *corpus* pode apresentar como resultado a geração de produtos, como ortografias, dicionários, gramáticas e traduções. Esse planejamento permite a criação ou não de uma variedade *standard* para a língua, a qual será utilizada nos textos escritos.

As políticas de aquisição, por sua vez, se dedicam “[...] a organizar esforços para promover a aprendizagem de uma língua” (COOPER, 1989, p. 157, tradução nossa)⁷. Essas políticas podem oportunizar ou incentivar a aprendizagem, que pode ocorrer com objetivos diferentes: aquisição de língua estrangeira, revitalização de uma língua já falada pela população ou a manutenção de uma língua local. Elas devem incluir o planejamento de como a língua será ensinada. Isso pode se relacionar à metodologia utilizada, aos materiais didáticos e ao profissional que será responsável pelo ensino.

Segundo Kaplan e Baldauf Jr. (1997), antes de se implantar uma política de aquisição, deve-se tomar seis decisões: a) determinar que língua será colocada no currículo (quantas aulas diárias ou semanais, qual a duração em anos de instrução,

⁷ “[...] organized efforts to promote the learning of a language”.

que nível de proficiência se espera); b) que profissional ensinará a língua; c) para quais alunos se ensinará (e como se poderia conseguir o suporte das famílias e da comunidade); d) que metodologia(s) serão aplicadas; e) quais serão as formas de avaliação da aprendizagem e f) como será dado suporte, a longo prazo, para o sistema de ensino da língua.

A área das políticas linguísticas se desenvolveu pela necessidade de se oficializar, no continente africano, línguas locais antes somente faladas. Isso ocorreu, de acordo com Spolsky (2016b), logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando linguistas se propuseram a auxiliar países da África, que recentemente tinham deixado de ser colônias e passaram a ser independentes, a tentar substituir as línguas coloniais por línguas nativas africanas. A oficialização gerou a necessidade de se intervir na forma da língua, através do planejamento de *corpus* (criação de escrita e de ortografia para equipar a língua, tradução de documentos legais), e também na função da língua, por meio do planejamento de *status* (língua com mais funções sociais de uso e, assim, busca de prestígio).

De acordo com Calvet (2007), apesar de as políticas linguísticas terem surgido com o intuito de resolver problemas de minorias linguísticas, todos os países enfrentam problemas ou situações de conflito social em que a língua é o elemento causador do conflito. Assim, as políticas linguísticas podem ser desenvolvidas em qualquer sociedade e comunidade de fala.

[...] política e planejamento linguísticos não estão vinculados somente ao desenvolvimento ou as situações pós-coloniais. [...] as relações entre língua(s) e vida social são ao mesmo tempo problemas de identidades, de cultura, de economia, de desenvolvimento, problemas dos quais nenhum país escapa (CALVET, 2007, p. 19).

As políticas linguísticas, segundo Garcez e Schulz (2016), podem ter foco no *corpus* da língua (sua gramática e forma escrita), no *status* da língua (língua em uso e seu reconhecimento) e na aquisição da língua (línguas como objeto de estudo). Por vezes, uma política pode ter foco em um determinado aspecto da língua, mas acaba por abordar também os outros. De acordo com Kaplan e Baldauf Jr. (1997), o *corpus* e o *status* são duas atividades relacionadas à língua que não podem ser separadas, na prática, pois influenciam-se mutuamente.

Em consonância com Spolsky (1998, p. 66, tradução nossa, grifo do autor)⁸, “Quando sociolinguistas começaram a se envolver, nos anos de 1950 e 1960, eles preferiram o termo **planejamento linguístico** como a definição para qualquer tentativa de estabelecer leis ou normas para modificar forma ou uso linguístico”. A forma – *corpus* – e o uso – *status* – da língua, desse modo, podem ser determinados por leis, que decorrem de intenções de falantes ou não dessa língua.

De acordo com Calvet (2007), as línguas podem ter gestão *in vivo*, que acontece diariamente entre os falantes, e gestão *in vitro*, que ocorre fora do contexto de uso, por estudiosos da língua ou por políticos. Por vezes, gestores (que nem sempre são estudiosos da área da linguística, podendo ser, por vezes, políticos ou diretores), através de seu poder, pelo papel social que desempenham, tentam impor políticas linguísticas aos falantes. Algumas políticas podem ser manifestadas por meio de leis, decretos e resoluções. Assim, a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil e Ensino Fundamental (BNCC, 2017) determina que a língua inglesa deve ensinada a partir do 6º ano, em todas as escolas brasileiras. Esse documento foi construído por uma comissão, composta, em grande parte por estudiosos da educação. Apesar de contar com cinco audiências públicas, em que a população em geral pode se manifestar, as escolhas foram feitas pela comissão. Portanto, o texto e as propostas foram construídos *in vitro*.

Porém, as políticas linguísticas envolvem muito mais do que somente leis sobre as línguas. As políticas linguísticas abrangem práticas, crenças e gestão linguística (SPOLSKY, 2016a). Elas envolvem a variedade linguística em uso, os valores que são atribuídos à mesma e a atitude de integrantes de um domínio para mudar as práticas e/ou crenças.

De acordo com Spolsky (2016b), cada contexto em que a língua é falada é único. Cada domínio ou cada comunidade de fala apresenta suas práticas e crenças relacionadas à língua, bem como gestores que têm o interesse de influenciar os falantes a modificar suas práticas e crenças.

Em uma reflexão mais recente sobre a natureza do campo, sugeriu-se que a Política Linguística tem três componentes inter-relacionados mas independentes: as reais práticas linguísticas dos membros da comunidade, as crenças daqueles membros sobre a língua e os esforços de alguns membros para mudar as práticas e as crenças existentes. Também foi

⁸ “When sociolinguists started to be involved in the 1950s and 1960s, they preferred the term **language planning** as the term for any effort to modify language form or use”.

proposto que em cada domínio e em cada subcomunidade (governamental, de negócios, educacional, religiosa, familiar) é possível encontrar um conjunto de práticas e crenças complexo mas organizado e alguns indivíduos (gestores) que desejam modificar o comportamento linguístico e as crenças de outros (SPOLSKY, 2016b, p. 372-373).

Entende-se por domínio, apoiada em Fishman (1972, p. 55, tradução nossa)⁹, como “Agrupamento de situações sociais tipicamente restritas por um conjunto de regras comportamentais”. São situações construídas socialmente, que respeitam as normas e prezam valores determinados. Segundo o autor, o domínio é tão real quanto uma instituição social formal de uma comunidade de fala.

Os domínios, para Fishman (1972), são construções úteis para descrever a variação que ocorre regularmente na fala, em sociedade, dependendo da situação social em que se encontra. Essa variação dentro do domínio ocorre de maneira padronizada.

De acordo com Spolsky (1998), domínio é uma situação social típica que apresenta local, papel social e tópico. O termo domínio, geralmente, dá nome a um lugar, a uma atividade ou a um espaço social. Em cada domínio, há formas de falar e/ou de escrever considerados adequados. Cada domínio, segundo Spolsky (2009), apresenta suas políticas e sua gestão linguística, algumas vezes reguladas pelos participantes do domínio e, outras, influenciadas por fatores de fora. Assim, as variedades utilizadas por um mesmo sujeito em domínios distintos, como a família e o trabalho, são diferentes. Também os atores sociais podem variar, bem como os papéis sociais que eles desempenham dentro do domínio.

Uma pessoa pode ser professora, no domínio escolar, mas, no domínio familiar, ser filha, irmã, neta, sobrinha. Em cada domínio, ela utiliza a(s) variedade(s) mais adequada(s), levando em conta os atores sociais que compõem o domínio, a relação ou não de proximidade com os interlocutores e o propósito, ou seja, de acordo com o contexto. Essas regras sociais de adequação da língua e de comportamento, muitas vezes, são estabelecidas intuitivamente pelos participantes do domínio.

A escolha linguística é influenciada por aspectos internos e externos ao domínio. Os três componentes internos ao domínio que exercem força na escolha linguística dos falantes são, de acordo com Spolsky (2016a), as práticas (a existência de modelo para a prática de linguagem dentro do domínio e a

⁹ “Cluster of social situations typically constrained by a common set of behavioral rules”.

proficiência), as crenças (os valores atribuídos às variedades) e a gestão linguística (o gestor que compõe o domínio e tem o poder de influenciar as escolhas linguísticas dos outros).

Além de influências internas, há aspectos externos ao domínio que podem influenciar nas escolhas linguísticas dos falantes. Já que cada ser humano participa de diferentes domínios dentro de uma comunidade de fala, desempenhando funções diferenciadas, o sujeito está “[...] familiarizado com as práticas e crenças linguísticas de uma gama de diferentes domínios” (SPOLSKY, 2016a, p. 37). Assim, em cada domínio de que se participa, são carregados os valores, as vivências e os conhecimentos construídos e aprendidos em outros domínios, desenvolvendo diferentes identidades. Dessa maneira, um sujeito pode tentar pregar valores de um domínio quando está em outro. Também é possível que atores sociais fora do domínio se interessem por influenciar os comportamentos e as práticas dos participantes do domínio, visando à manutenção ou ao extermínio dos valores e das práticas realizadas nesse espaço social.

Alguns autores consideram o domínio escolar um dos principais espaços em que as políticas linguísticas se efetivam. Garcez e Schulz (2016, p. 12) afirmam que as políticas linguísticas de aquisição “[...] afetam diretamente o que se faz na escola e como se faz, pois é nas instituições educacionais escolares que a maior parte delas se efetiva”. Também Spolsky (2016a, p. 39) afirma que, “De todos os domínios, a escola mostra ser um dos mais complexos”. A escola é responsável pela gestão da linguagem. Os participantes desse espaço são, em sua maioria, estudantes e professores. Os estudantes, que são considerados suscetíveis à modificação, trazem do domínio familiar o seu padrão linguístico, seus valores e seus conhecimentos. Já os professores, considerados os responsáveis pelo processo de modificação, também trazem vivências e proficiências linguísticas diversas, decorrentes dos domínios que vivenciou. Ainda é importante mencionar a presença dos diretores, dos coordenadores, dos responsáveis pela administração da escola, e os motoristas, as secretárias, as merendeiras e as faxineiras, que não influenciam diretamente no ensino, mas são fundamentais para o funcionamento da escola. De acordo com Spolsky (2016a), cada participante carrega consigo práticas, comportamentos, crenças, valores, habilidades linguísticas significativas – os quais foram vividos em outros domínios – para o domínio escolar.

Spolsky (2016a) dá ênfase aos atores que têm influência na política linguística instrucional da escola. Muitas vezes, a gestão é feita pela Secretaria de Educação do município. Para o autor, as crenças de toda a comunidade escolar são relevantes. Em função disso, acredita-se que, para implantar novas políticas de educação linguística, todos os participantes do domínio devem ser consultados, buscando uma prática que atenda, se não a todos, à maioria dos participantes desse domínio, ou seja, à comunidade de fala. A comunidade de fala seria constituída por “[...] aqueles que compartilham uma rede de comunicação, unidos pela relativa aceitação da adequação do uso das múltiplas variedades usadas naquela comunidade” (SPOLSKY, 2016a, p. 33).

As decisões em relação às línguas são tomadas a partir de interesses, que podem ser políticos, econômicos ou até pessoais. De acordo com Maher (2013), os processos de estabelecimento de políticas linguísticas não são processos neutros ou livres de conflito. Ao contrário: eles envolvem dilemas, que são fruto de pressões. As pressões, por sua vez, são motivadas por interesses, que são o resultado das relações de poder estabelecidas na comunidade de fala.

Decorre daí que o estabelecimento de políticas linguísticas não são nunca processos neutros, apolíticos ou isentos de conflito: há que se considerar sempre as relações de tensão que se traduzem no dilema entre, por um lado, a necessidade de promover a língua de falantes de maior prestígio, de forma a assegurar o direito às vantagens sociais e econômicas que isso pode acarretar e, por outro, assegurar a alteridade dos falantes das línguas desprestigiadas (MAHER, 2013, p. 121).

As políticas linguísticas são complexas. Os processos de formulação e de implementação das políticas geram conflitos e embates, disputas de interesse, de ego e de poder. De acordo com Ball e Mainardes (2011), relações de poder não simétricas agem nas políticas linguísticas.

As políticas envolvem confusão, necessidades (legais e institucionais), crenças e valores discordantes, incoerentes e contraditórios, pragmatismo, empréstimos, criatividade e experimentações, relações de poder assimétricas (de vários tipos), sedimentação, lacunas e espaços, dissenso e constrangimentos materiais e contextuais (BALL; MAINARDES, 2011, p. 13).

Também Spolsky (1998) se remete ao poder político que está na implementação das políticas linguísticas. O autor reconhece que, muitas vezes, o poder político é demonstrado através da imposição de uma língua ou da proibição do uso de línguas minoritárias.

Porém, as ações realizadas a favor de uma língua envolvem diversos atores sociais que, por meio da prática, efetivarão a política. Cada ator tem suas experiências pessoais e suas interpretações para a política. Eles nem sempre agirão do modo como os criadores do texto político queriam ou esperavam. Por vezes, uma política de manutenção de uma língua pode até ter efeito contrário, dependendo de como a política será aplicada dentro da sociedade.

No Brasil, algumas variedades faladas por minorias linguísticas vêm sendo foco de políticas linguísticas, visando à sua manutenção, salvaguarda ou revitalização. Algumas políticas partem da comunidade de fala, outras são construídas a partir do olhar de fora do domínio. Altenhofen (2013) nos provoca a pensar na importância, na escola, de projetos que estimulem a conscientização linguística dos falantes, de modo que eles possam participar de forma consciente e informada da gestão linguística.

É comum ouvir a afirmação de que determinada ação deve partir da vontade da comunidade – p.ex. a decisão dos pais para transmitir a língua minoritária, ou a de inserir uma disciplina de ‘línguas locais’ no currículo escolar –. Mas estaria toda e qualquer comunidade suficientemente esclarecida para tomar as decisões adequadas na gestão de sua(s) língua(s)? (ALTENHOFEN, 2013, p. 112).

Algumas políticas vêm sendo desenvolvidas no país, visando à manutenção, à consciência linguística, ao uso em novos contextos e à criação de ortografias para uma variedade de origem alemã que, neste estudo, vem sendo definida como hunsriqueano. A seguir, será apresentado um breve histórico e uma descrição da variedade linguística.

2.3 O Hunsriqueano Brasileiro: Breve Histórico e Descrição da Variedade

Embora haja, segundo Pupp Spinassé (2008b), registros de presença de alemães no Brasil já no século XVI – havendo entre eles pesquisadores, aventureiros e negociantes, entre outros, que geralmente ficavam pouco tempo no nosso país – a primeira grande onda de imigração e fundação de colônias alemãs que fixaram residência no Brasil ocorreu quase três séculos mais tarde.

A imigração alemã em massa iniciou na primeira metade do século XIX, através do movimento migratório europeu liderado pelo Major Jorge Antônio Schäffer. Apesar de haver tentativas anteriores de instalação de colônias alemãs na

Bahia e no Rio de Janeiro, segundo Hunsche (1975), foi a de São Leopoldo, no RS, que teve sucesso. Por volta de 25 de julho de 1824, 39 imigrantes alemães se instalaram na primeira colônia criada na antiga Província de São Pedro. Essa data até hoje é comemorada e até mesmo considerada feriado em alguns municípios em que a cultura alemã é mais presente.

A partir de 1824, quando se deu o início da colonização alemã no sul do Brasil, diferentes variedades linguísticas de origem europeia passaram a ser faladas em nosso país. De acordo com Prade (2003), os primeiros imigrantes vieram de diferentes regiões, dentre elas, do que hoje é o norte da Alemanha, o sul da Alemanha, a Boêmia (República Tcheca) e a Áustria.

Segundo a autora, “Há, por assim dizer, representantes de quase todos os dialetos alemães no Brasil, uns em maior, outros em menor número” (PRADE, 2003, p. 84). Dessa forma, reconhece-se que a cultura e a língua alemã falada no RS não são homogêneas. Também Altenhofen, Prediger e Habel (2018) afirmam que a língua alemã trazida ao Brasil apresenta grande diversidade de variedades. De acordo com os autores,

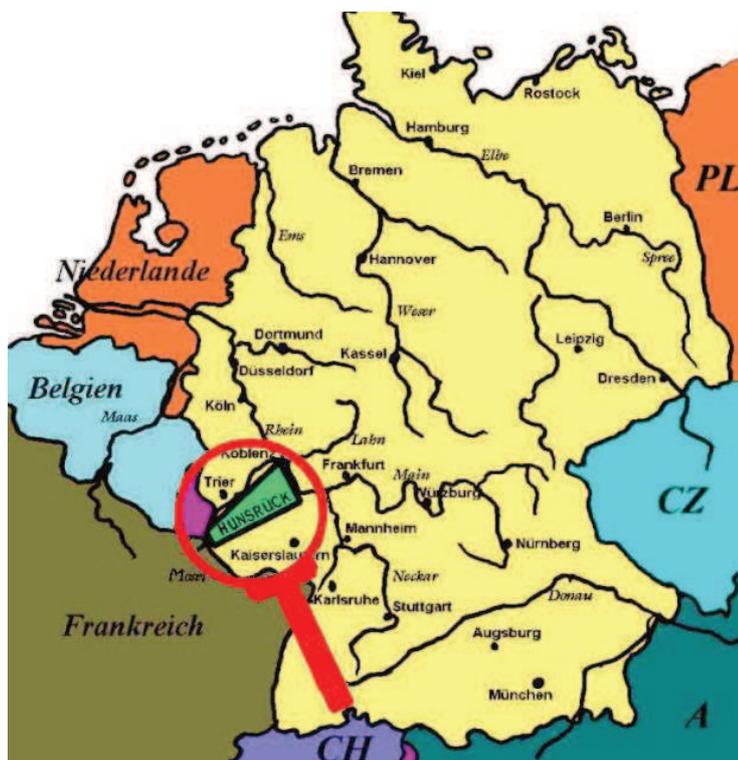
A língua alemã trazida pelos imigrantes, a partir de 1824, envolve um leque de variedades dialetais, que se pode agrupar em três grandes grupos e áreas: 1) o grupo do baixo-alemão (*Niederdeutsch*), de dialetos do Norte da Alemanha, como o pomerano e o vestfaliano; 2) do centro da Alemanha (médio-alemão, *Mitteldeutsch*), onde se situa o Hunsrückisch e o Hochdeutsch; 3) do sul, incluindo o bávaro, suábio, suíço, tirolês, austríaco, etc (ALTENHOFEN; PREDIGER; HABEL, 2018, p. 23, grifo do autor).

Apesar da diversidade de origem e de língua existentes, naquela época, havia uma região alemã da qual saíram mais imigrantes rumo à América do Sul. Essa foi a região do *Hunsrück*, no estado da Renânia-Palatinado (*Rheinland-Pfalz*). Mais da metade dos imigrantes alemães que vieram ao Brasil, segundo Prade (2003, p. 84, grifo nosso), “[...] era proveniente da região montanhosa do *Hunsrück* (entre os rios Reno, Meno e Nahe)”. Em consonância com Neumann (2018), essa região está localizada a oeste da Alemanha atual.

É importante mencionar que a Alemanha só foi unificada em 1871, quase meio século depois da saída dos primeiros emigrantes rumo ao Brasil. Assim, esses europeus eram provenientes de Estados independentes que compunham uma confederação, chamada de *Der deutsche Bund* ou Confederação Germânica.

Conforme mostra a Figura 1, a região do *Hunsrück* fica próxima à fronteira com a França. De acordo com Braun (2010), essa região foi território francês em um período do início do século XIX anterior à vinda de muitos imigrantes ao Brasil. Isso se deu devido a invasões decorrentes das guerras napoleônicas.

Figura 1 – Mapa da Alemanha com localização do Hunsrück



Fonte: Klein (2013).

O hunsriqueano, uma variedade alóctone – ou seja, que não é original do país – mesmo depois de quase duzentos anos da chegada do primeiro grupo de alemães, ainda pode ser ouvido, em várias comunidades, por meio dos descendentes de imigrantes. De acordo com os estudos de Altenhofen et al. (2018), há, atualmente, cerca de 1.200.000 falantes de hunsriqueano no Brasil, instalados principalmente nos estados do Rio Grande do Sul (RS), de Santa Catarina (SC) e do Espírito Santo (ES).

Essa variedade, por ser proveniente da mesma região geográfica de escolha do *Hochdeutsch* (ou da variedade *standard*) e por apresentar um maior número de falantes em relação às outras variedades de origem alemã faladas no Brasil, conforme Altenhofen, Prediger e Habel (2018, p. 23), foi utilizada como um “alemão comum” entre as comunidade de imigrantes, as quais falavam variedades distintas.

Isso permitiu a comunicação entre eles. Conforme Altenhofen (1996), o hunsriqueano serviu de coiné entre as variedades do alemão. De acordo com o autor, ela é uma língua comum falada entre pessoas falantes de diferentes variedades linguísticas. Coiné é definida por Haugen (2001) como uma norma unificada.

Também Pupp Spinassé (2008b) menciona a grande quantidade de falantes como fator que determinou a escolha do hunsriqueano como língua de uso entre comunidades falantes de alemão distintas ou “língua híbrida”.

Como a maioria dos imigrantes originava-se da região de língua alemã mais pobre naquela época – a região do *Hunsrück* –, e sua língua diária era o dialeto francônio-renano/francônio-moselano, essa variedade contribuiu inegavelmente mais para a formação de uma língua híbrida no Brasil. (PUPP SPINASSÉ, 2008b, p. 119, grifo nosso).

Contudo, de acordo com Altenhofen et al. (2018), essa variedade pode apresentar, por vezes, marcas mais renanas, através do uso de *was* para o que e *das* para o/a, ou mais moselanas, com o uso de *wat/dat*, respectivamente. Esses detalhes, porém, não atrapalham a comunicação dos falantes de hunsriqueano.

Assim como o hunsriqueano foi importante para a comunicação como língua alemã comum, entre as colônias alemãs, as quais apresentavam uma diversidade de falares, também esse *status* dado à essa língua de imigração foi importante para que ela continuasse viva. Segundo Limberger (2018, p. 40), “Essa integração pode ter sido um dos motivos para a sua manutenção e difusão”.

Claro que essa longa sobrevivência implicou mudanças, como acontece em todas as (variedades de) línguas. Tais mudanças refletem as múltiplas situações de contatos linguísticos, não só com o português brasileiro, mas também com outras línguas e variedades de imigração no estado do RS, como o vestfaliano e o pomerano, em algumas regiões. Assim, de acordo com Altenhofen (1996), o hunsriqueano brasileiro se distingue da variedade europeia, devido às diferentes interferências que cada qual sofreu ao longo desses quase dois séculos. De acordo com o autor,

O hunsriqueano é o termo genérico para uma variedade supraregional do alemão falado no RS/Sul do Brasil, que apresenta um contínuo dialetal, cuja constituição linguística tem por base o francônio-renano e o francônio-moselano e uma diversificada rede de contatos com outros dialetos alemães

assim como, principalmente, com o português (ALTENHOFEN, 1996, p. 21, tradução nossa).¹⁰

Segundo Pupp Spinassé (2008a), os imigrantes alemães fundaram, no Brasil, pequenos povoados e viveram, por um longo período, isolados, com pouco ou, muitas vezes, nenhum contato com falantes de português. Eles viviam em estruturas sociais semelhantes a “ilhas”. De acordo com a autora, “Essa realidade contribuiu para que as variedades linguísticas alemãs se desenvolvessem de maneira forte e se mantivessem presentes nas comunidades” (SPINASSÉ, 2008a, p. 4). Também Kersch (2016) relaciona a manutenção do hunsriqueano com o isolamento das comunidades descendentes de alemães do restante da população brasileira. Para a autora, “O isolamento a que estiveram submetidos até há cerca de duas décadas [...] contribuiu para que seus costumes e sua língua se mantivessem ao longo das gerações” (KERSCH, 2016, p. 165).

De acordo com Altenhofen et al. (2007), nessas comunidades, as pessoas falavam em hunsriqueano, mas escreviam em alemão padrão. Cada variedade de língua alemã apresentava uma função diferente no convívio social. Essa relação entre as línguas é chamada de diglossia. Mais tarde, quando o uso de alemão foi proibido no Brasil, a língua portuguesa passou a desempenhar o *status* de língua escrita. Segundo os autores,

[...] pode-se admitir que, ao longo da história do contato alemão-português, tenha ocorrido uma espécie de *diglossia*, como os lingüistas chamam o uso de duas variedades (alta e baixa) para funções sociais distintas. Isso significa, em outras palavras, que se falava Hunsrückisch, porém se escrevia Hochdeutsch – a *Schriftsprache*, ou ainda popularmente o ‘alemão gramatical’ –, isto é, uma variedade aprendida na escola, com o auxílio de uma gramática que sistematiza e normatiza essa escrita. Com a política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945) e a conseqüente repressão e retrocesso do ensino de alemão na escola básica e fundamental, a função de língua escrita passou a ser assumida pelo português (ALTENHOFEN et al., 2007, p. 74, grifo do autor).

Por questões de distância geográfica e de fatores históricos, como o baixo poder aquisitivo de muitos imigrantes, ou como as políticas de nacionalização do governo de Getúlio Vargas (1937-1945), os falantes dessa variedade tiveram pouco ou quase nenhum contato com falantes da variedade na Europa. Outro aspecto

¹⁰ “Hrs. ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul/Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Ptg. einschließt”.

importante é que, com o tempo, ela passou a perder funções de comunicação social cotidiana, passando a ser utilizada quase que somente em núcleos familiares ou comunitários.

Em meados do século XX, os falantes passaram a ter cada vez mais contato com a língua portuguesa. O contato com essa língua foi importante para que os descendentes de imigrantes conseguissem, através da criação de neologismos ou de empréstimos linguísticos, se comunicar melhor e nomear os elementos presentes na nova realidade, tanto geográfica quanto temporal. Muitos termos para os quais não havia uma palavra correspondente nas variedades linguísticas trazidas pelos imigrantes alemães foram sendo adaptados da língua mais próxima, o português. Assim, muitos descendentes de alemães chamam a bergamota (*Mandarine*, em alemão padrão), fruta que não existia na Europa, de *Begamotte* ou *Përkamote* (dependendo da ortografia utilizada).

De acordo com Haugen (2001), não existe “estabilidade” de uma variedade linguística. Dessa maneira, podemos dizer que qualquer variedade, incluindo o hunsriqueano, pode e foi/está mudando com o passar das gerações no contato com outras variedades. Podemos perceber até mesmo dentro de uma comunidade, variação linguística no léxico, na fonética e inclusive na gramática. Enquanto uma família chama repolho de *Kraut*, outra chama de *Kappes*. Enquanto alguns falam *Eier* para ovos, outros falam *Euer*. Enquanto alguns perguntam usando a palavra *was*, outros usam *wat*. Essa diversidade se faz presente nas interações cotidianas vividas pelos falantes de hunsriqueano.

Portanto, o hunsriqueano, essa língua de imigração, nomeia uma coletividade de falares semelhantes, mas que apresentam variação. O modo de falar das pessoas de cada comunidade tem relação com a cultura da região, com sua história, com suas escolhas relacionadas à língua. O fato de as comunidades continuarem ou não falando a sua língua também é resultado de decisões, tomadas com base em pressões, interesses e escolhas em favor ou contrárias à língua.

Assim, podemos reconhecer também que as variedades hunsriqueanas brasileira e alemã são distintas, conforme ocorre com o vestfaliano. Isso se dá pela evolução da língua e por fatores internos que influenciaram o seu desenvolvimento. Enquanto a variedade alemã apresenta empréstimos da língua alemã padrão, a variedade brasileira apresenta empréstimos da língua portuguesa. Assim também as

denominações para a própria língua podem ser distintas. Segundo Limberger (2018), na Alemanha, os falantes chamam sua variedade, em geral, de *Hunsrücker Platt*.

Já no Brasil, o hunsriqueano foi recebendo diversas denominações ao longo dos quase dois séculos em que é falado neste país. Essa variedade foi denominada por Altenhofen (1996) de *Hunsrückisch* e é o termo mais utilizado em estudos acadêmicos para definir a variedade. Esse termo pode ter sido introduzido no Brasil pelos imigrantes que vieram mais tarde para cá, os *Zuwanderer*, “remigrantes” ou imigrantes posteriores, com o fim de diferenciar essa fala, considerada mais dialetal, da variedade padrão, da norma, considerada mais culta (ALTENHOFEN, PREDIGER, HABEL, 2018).

Porém, atualmente, essa variedade é tratada, nas diferentes esferas sociais e por diferentes atores e falantes da língua, de maneiras diversas, como: *Riograndenser Hunsrückisch*, *Hunsrickisch*, hunsriqueano, *Hunsrücker Platt*, *Plattdeutsch*, *Hunsrick*, *Hunsrik*, entre outros.

Em consonância com Habel (2017), os falantes dão diferentes nomes à variedade que falam – alguns deles citados acima –, mas também chamam de *Deutsch*, *Dialekt* e *Platt*. Porém, alguns deles fazem uso de formas com cunho depreciativo para definir sua fala, como alemão misturado, alemão errado, alemão do mato. De acordo com Habel (2017, p. 317),

Algumas vezes, os próprios falantes da variedade alemã não sabem como designar sua língua e acabam formulando uma designação que envolve aspectos inerentes à estrutura e constituição da língua, tais como, ‘alemão misturado’, ‘alemão quebrado’ ou ‘alemão errado’.

As designações acima apresentadas demonstram que muitos falantes consideram sua língua inferior ao alemão padrão (apesar de não ser), pelos contatos linguísticos que a variedade sofreu no Brasil com o português, com outras variedades do alemão e com outras línguas presentes neste país, por ser utilizada em contextos informais e, em geral, somente na modalidade oral – ficando a escrita como função da língua alemã padrão ou *standard*.

De acordo com Prade (2003), muitos definem seu falar como alemão da colônia, sentindo-se inseguros de interagir com falantes de alemão padrão. É importante que o falante sinta orgulho em falar sua língua e que não se sinta inferior àquele que fala a forma padrão, pois não existe variedade certa ou errada e “Não existe inferioridade na fala de um dialeto, pelo contrário, vê-se nele uma ligação

mais direta e mais profunda às origens, às raízes das respectivas línguas” (PRADE, 2003, p. 86). A língua alemã padrão, bem como o hunsriqueano, o vestfaliano, o boêmio, o moselano e o pomerano, são variedades que fazem parte de uma língua alemã histórica.

Se, nas primeiras décadas, a maioria dos imigrantes alemães vindos ao Brasil trabalhava na agricultura, morando em colônias, como afirma Limberger (2018), o hunsriqueano, hoje, não pode ser considerado uma língua somente falada por colonos. De acordo com Neumann (2018), atualmente há falantes dessa variedade em outras profissões e classes sociais. Dessa forma, o uso da expressão “língua de colono” com tom depreciativo não condiz (mais) com a realidade do falante de hunsriqueano brasileiro.

A escolha de um ou outro nome para a variedade carrega um valor que é dado a ela e uma ideologia dos sujeitos. De acordo com Habel (2017), é muito importante que a língua receba uma denominação, porque ela pode ganhar visibilidade e passar a ter uma identidade. Isso conferiria a ela existência jurídica e, por sua vez, possibilidades de mudança de *status*. Por isso, optou-se, neste estudo, por utilizar a forma aportuguesada do nome – hunsriqueano – de modo a facilitar a leitura do texto, a não julgar uma certa ou melhor em relação às outras e, ao mesmo tempo, a padronizar os usos, dando a ela uma identidade de língua de imigração brasileira, de origem alemã.

O hunsriqueano foi recebendo diferentes classificações ao longo desses quase dois séculos. Por muito tempo, foi considerado dialeto. Essa forma vem sendo evitada nos textos acadêmicos e discursos de valorização dessa variedade linguística, apesar de ainda ser utilizada por muitos falantes ou não da variedade. Fritzen e Ewald (2013, p. 243) consideram o alemão local uma “língua de herança”, por acreditarem que ela é um bem herdado dos antepassados e aprendido, geralmente, na família. De acordo com Limberger (2017, p. 40), “O HR é considerado uma língua situada fora da matriz de origem europeia, por ser uma língua brasileira”.

O hunsriqueano tem, desde 2007, registro na Unesco, sendo catalogado entre as línguas do planeta com o registro HRX (SIMONS; CHARLES, 2017) no *Ethnologue*, órgão que presta assessoria para a Unesco. De acordo com os autores, ele é uma fala de origem germânica, influenciada pela língua portuguesa.

Se relacionarmos essa variedade ao contexto de onde ela veio, europeu, inicialmente, podemos observar que se utiliza *Standarddeutsch* ou *Hochdeutsch* para nomear a variedade padrão, a língua oficial. As variedades regionais, por sua vez, são chamadas de *Dialekt*. Assim, se falarmos do ponto de vista histórico, podemos chamar o hunsriqueano de dialeto. Porém, as variedades de alemão faladas na Áustria (*Österreichische Deutsch*) e na Suíça (*Schweizer Deutsch*) são consideradas línguas diferentes da variedade falada na Alemanha (*Deutsch*).

Se olharmos para o hunsriqueano no Brasil, sendo, se comparado com a língua portuguesa, uma forma diferente de falar, com uma origem e uma estrutura distinta, pode ser considerada uma língua ou “[...] uma língua do tipo alóctone ou de imigração” (ALTENHOFEN et al., 2007, p. 73).

É possível reconhecer diferentes formas, na literatura, de distinguir língua e dialeto. Pode-se definir os termos do ponto de vista descritivo e do ponto de vista histórico, como faz Haugen¹¹ (2001, p. 99, grifo do autor):

Num sentido descritivo, sincrônico, ‘língua’ pode se referir a uma *única* norma linguística tanto quanto a um *grupo* de normas aparentadas. Num sentido histórico, diacrônico, ‘língua’ pode ser uma língua comum resultante da unificação. Um ‘dialeto’, então, é qualquer uma das normas aparentadas compreendidas sob o nome geral ‘língua’, historicamente o resultado ou de divergência ou de convergência.

As escolhas linguísticas devem levar em conta a carga histórica que os termos carregam. Historicamente, o termo língua é superordenado em relação ao termo dialeto. O prestígio de língua pode estar relacionado ao fato de ela ter mais funções de uso social (HAUGEN, 2001).

Bagno (2017), em seu dicionário da sociolinguística, diferencia os termos dialeto, língua e variedade linguística. Língua é, de acordo com o autor, um termo complexo e de difícil definição. A língua faz parte da cultura de um povo e da sua identidade. No senso comum, esse termo se refere à forma padrão ou a um modo idealizado de se utilizar, tanto na escrita quanto na fala, uma maneira de se expressar. Muitas vezes, um modo de falar é, por meio do poder ou do controle de um ou de mais indivíduos, determinado e imposto a um grupo, e assim tratado como língua. Portanto, podemos dizer que uma língua é uma variedade que mudou de *status* por forças políticas e/ou sociais.

¹¹ Originalmente publicado em 1966.

O termo 'dialeto', por sua vez, surgiu na Grécia. Posteriormente, foi utilizado, na Europa, para se referir às variedades regionais. Com o tempo, segundo Bagno (2017), foi sendo utilizado popularmente como oposto à variedade de prestígio. Esse termo, no senso comum, tem uma carga negativa, “[...] como se fosse uma forma ‘errada’ e ‘deturpada’ de falar a ‘língua’” (BAGNO, 2017, p. 84). Ele se opõe à língua de prestígio, que apresenta um padrão, uma norma. Assim, o termo dialeto é, muitas vezes, utilizado para definir uma variedade considerada (erroneamente) sem regularidades ou gramática.

Uma variedade é um modo de se expressar de um grupo de falantes, em uma comunidade. Segundo Bagno (2017), por ter menos carga histórica, nos estudos em sociolinguística, prefere-se o uso do termo variedade. “O termo *variedade linguística* pretende ser uma forma neutra, empregada [...] para se referir a qualquer tipo específico de linguagem – **dialeto, sotaque, socioleto, estilo [...]**” (BAGNO, 2017, p. 474, grifo do autor), bem como para evitar o conflito gerado pelos termos dialeto e língua.

Faraco (2008), por sua vez, afirma que a língua é um conjunto de variedades. Para o autor, ela deve ser vista como um elemento que abarca uma coletividade. Assim, a língua não pode ser considerada uma unidade puramente linguística: ela carrega uma carga cultural e política.

Atualmente, pode-se dizer que língua é um termo superordenado e dialeto, subordinado, de acordo com Haugen (2001). Assim, conceder a uma variedade a definição de língua dá a ela um *status* positivo. O autor reconhece que há dois aspectos que diferenciam esses conceitos: a estrutura e a função.

Nossa discussão mostrou que há duas dimensões claramente distintas envolvidas nos vários usos de ‘língua’ e de ‘dialeto’. Uma delas é *estrutural*, isto é, descritiva da língua em si; a outra é *funcional*, isto é, descritiva de seus usos sociais na comunicação (HAUGEN, 2001, p. 103, grifo do autor).

Em conformidade com Haugen (2001), em relação à dimensão estrutural, a língua é considerada uma estrutura unitária e o dialeto, uma partícula que se desenvolveu, junto com outros dialetos, a partir de uma língua. Já em relação à dimensão funcional, a língua apresenta funções mais amplas do que o dialeto e, por isso, pode ser utilizada em mais contextos sociais de uso, bem como também por falantes de línguas distintas.

Pode-se afirmar, desse modo, por se encaixar em três aspectos: territorialidade (já que, em geral, a língua é falada por menos da metade da população de um município, de uma região, de um estado ou de um país), pela ausência de *status* oficial (exceto nos municípios que é cooficial, Antônio Carlos/SC e Santa Maria do Herval/RS) e por se contrapor à língua majoritária, que é a língua portuguesa, o hunsriqueano pode ser considerado uma língua minoritária (LIMBERGER, 2018). Ele não é considerado uma língua oficial do país e, em geral, não é dotado de prestígio. Entende-se por línguas minoritárias, com base em Altenhofen (2013, p. 94, grifo do autor),

[...] a modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante. O '*status* político' constitui, nesta definição, o critério central para o conceito de língua minoritária, muito mais do que a 'representatividade numérica' ou o '*status* social' de seus falantes.

Assim, percebe-se que a classificação dessa variedade linguística ainda é controversa: trata-se de um dialeto do alemão; de uma variedade da língua alemã ou de uma língua brasileira? A resposta a essas perguntas é essencialmente política e não linguística. Neste estudo, propõe-se olhar para o hunsriqueano como uma língua brasileira de origem alemã, que apresenta gramática, morfologia, fonologia, léxico próprios, bem como uma modalidade escrita.

O hunsriqueano falado no Brasil, que já apresenta quase dois séculos de história, vem, contudo, perdendo falantes. Apesar da maioria dos hunsriqueanos ter consciência da importância dessa língua local, vários fatores podem determinar o não uso de hunsriqueano e sua conseqüente perda. Conforme Kersch (2016, p. 165), “[...] os adultos têm a consciência de que a língua é um capital cultural que eles detêm. Essa atitude positiva em relação à língua, entretanto, é contraditória, uma vez que falam pouco (ou nenhum) alemão com os filhos”.

De acordo com Kersch (2016), fatores como a industrialização, a urbanização e o acesso facilitado aos meios de comunicação, resultados conseqüentes da globalização, influenciam na substituição da língua local pela língua oficial, gerando, desse modo, mudanças de hábito dos falantes de hunsriqueano. Em consonância com Kersch (2016, p. 161),

O isolamento em que muitas dessas comunidades viveram até há pouco tempo fez com que a variedade trazida por seus antepassados se mantivesse ao longo das gerações. Entretanto, a urbanização, o acesso

facilitado aos meios de comunicação (rádio e televisão, e agora a internet) tendem a impactar cada vez mais e alterar hábitos linguísticos e culturais.

Para que línguas como o hunsriqueano sejam mantidas, existem ações, também chamadas de políticas linguísticas. Assim, há leis de cooficialização do hunsriqueano, bem como documentos a nível estadual e global e iniciativas de escrita na variedade.

Desde 2010, o município de Antônio Carlos, localizado na região metropolitana de Florianópolis/SC, através da Lei nº 132 de 05 de outubro de 2010, tem o hunsriqueano como língua cooficial do município. Por meio dessa lei, a língua recebe o *status* de língua e, assim, o município se responsabiliza por “[...] incentivar e apoiar o aprendizado e o uso da língua nas escolas da rede pública municipal” (ANTÔNIO CARLOS, 2010).

O município de Santa Maria do Herval/RS, também chamado de *Teewald* (mato de chá ou erval), por sua vez, cooficializou a língua hunsriqueana no final do ano de 2010, propondo ainda, desde o segundo semestre de 2011, o ensino escolar formal dessa variedade nos anos iniciais da rede municipal.

A Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012, publicada no site da Assembleia Legislativa do RS, declara “a língua Hunsrik”, de origem germânica, patrimônio histórico e cultural do estado. Essa lei valoriza o fato dos descendentes ainda falarem a variedade, classificando-a como língua e optando por nomeá-la de *Hunsrik*. Assim, a Lei também dá prestígio ao hunsriqueano. (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Essas políticas visam à mudança de *status* da língua, possibilitando novos usos para ela. Muitas vezes, com essa mudança, também é visada a ampliação do *corpus* da língua, de modo que ela, além de falada e escutada, também possa ser escrita e lida. Na sessão seguinte, será apresentada a concepção de escrita abordada neste estudo.

2.4 Histórico da Cultura Escrita

Horácio, há mais de 2000 anos, na Roma Antiga, já dizia que a palavra oralizada voa e que a palavra escrita permanece (no original, *Verba volant, scripta manent*). Isso, porque a fala, se não gravada em áudio ou vídeo, é instantânea: se perde na memória dos participantes da situação de comunicação e não pode mais

ser reproduzida fielmente. Aqueles que não participaram do evento comunicativo, também não terão acesso ao seu conteúdo.

Para que uma língua possa ser utilizada mais amplamente e tenha maior valor aos falantes, a sua escrita é considerada um aspecto fundamental, na sociedade atual. Ela permite que mais pessoas tenham acesso à informação, que pessoas de diferentes contextos e lugares do mundo tenham contato com ela. Assim, a língua pode passar a ter mais funções sociais de uso, modificando seu *status*.

No mundo, as pessoas produzem diferentes textos, dentre eles orais e escritos. Para cada gênero, as pessoas têm intenções, situações e interlocutores diferentes. Elas utilizam diferentes formas de se expressar, de acordo com esses fatores.

Tanto os textos orais quanto os textos escritos podem ser utilizados para narrar, descrever e argumentar. Porém, Marinho (2010) aponta que, historicamente, a dicotomia entre oralidade e escrita esteve presente nas sociedades. Aos poucos, ela foi, contudo, perdendo força.

A fala é a forma mais antiga e simples de comunicação humana. Conforme Gnerre (1994), as pessoas falam por diversos motivos: para que os outros as escutem, para que sejam respeitadas e para influenciar o ambiente e, por sua vez, os outros. A mensagem comunicada pelo falante chega ao seu interlocutor através do som, do sentido da audição.

Já a escrita, surgiu na pré-história, há cerca de 6000 anos, com a arte rupestre, utilizada para registrar a rotina e fatos do cotidiano. Posteriormente, foi utilizado para suprir uma necessidade de registrar elementos relacionados ao mundo do trabalho. Aos poucos, ela foi usada também para expressar ideias, registrar textos religiosos, entre outros. Conforme Garcez e Viegas (2013, p. 93), atualmente, “[...] as pessoas escrevem em geral para registrar o que à memória pode mais tarde escapar, ou para dizer alguma coisa para quem está longe, no tempo ou no espaço, ou para organizar nossas informações e reflexões”.

Gnerre (1994) define a escrita como um sistema gráfico, utilizado para a comunicação em situações que não são face a face. A mensagem comunicada pelo texto escrito chega ao ouvinte, através da representação gráfica, do sentido da visão.

De acordo com Maher (2013), no planeta, são faladas mais de 6000 línguas. Existem povos que apresentam sistema de escrita e povos que não apresentam. Há povos que percebem utilidade e importância da escrita em sua cultura, na produção de conhecimento, por exemplo, e outros não. Neste estudo, nem todos os falantes entrevistados reconhecer necessidade na escrita da sua língua materna. Simons e Fenning (2018), organizadores da revista *Ethnologue: Languages of the World*, da *Summer Institut of Linguistics* (SIL Internacional), que oferece estudos linguísticos sobre as línguas com fins cristãos, traduzindo textos bíblicos nas línguas locais, apresentam dados que superam o número supracitado. Eles confirmam a existência de 7097 línguas vivas no mundo. Dessas línguas, segundo os autores, 3909 apresentam sistema de escrita – muitas vezes, desenvolvido por linguistas desse instituto – porém, não se sabe se todos os sistemas são efetivamente utilizados pelos falantes.

Cada forma de expressão da linguagem apresenta características e fins distintos. De acordo com Haugen (2001), enquanto na fala, a comunicação é imediata, na escrita, ela pode ocorrer tardiamente. Conforme o autor, a escrita tem um papel importante em sociedades complexas.

A língua falada é veiculada pela boca e pelo ouvido e mobiliza a personalidade na íntegra em interação imediata com o ambiente da pessoa. A escrita é veiculada pela mão e pelos olhos, mobiliza a personalidade menos integralmente, e permite apenas uma reação tardia. A confrontação oral é de importância básica em todas as sociedades, mas numa sociedade complexa, letrada, ela é encoberta e suplementada pelo papel da escrita. (HAUGEN, 2001, p. 108).

Segundo Gnerre (1994), para que uma variedade alcance prestígio, ela precisa ter escrita. Além disso, ela precisa ser utilizada para divulgar informações políticas, culturais e jurídicas do povo falante. “O passo fundamental na afirmação de uma variedade sobre as outras é sua associação à escrita e, conseqüentemente (sic), sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informações de ordem política e ‘cultural’” (GNERRE, 1994, p. 7). Garcez e Viegas (2013) afirmam que as culturas que não desenvolveram a escrita estão em desvantagem em relação às que desenvolveram, por não poderem desfrutar, em sua totalidade, de muitos dos progressos que a humanidade apresenta atualmente, os quais estão registrados através da escrita ou dependem dela para seu uso.

Pode-se reconhecer diferentes culturas de escrita ao longo do mundo. Segundo Marinho (2010), algumas delas se baseiam no sistema alfabético, utilizando a letra como recurso, e outras, no sistema não alfabético, utilizando outros recursos gráficos, como símbolos, ideogramas ou desenhos. De acordo com Gnerre (1994), numa perspectiva sócio-histórica, atribuiu-se grande importância à escrita alfabética, considerando-a uma escrita moderna, lógica, superior. Porém, é importante que se compreenda a história de cada língua e que se respeite o desejo dos falantes pelo uso ou não de escrita, bem como pelo uso da escrita alfabética ou não alfabética.

De acordo com Bagno (2017), o valor que é dado à fala, na sociedade, é menor ao dado à escrita. A escrita é valorizada e tida como um elemento importante para a formação de um grupo social. “As sociedades ocidentais tradicionais (europeias) e as que se desenvolveram sob seu influxo, por causa do colonialismo moderno, são intrinsecamente *grafocêntricas*, isto é, têm na escrita um de seus pilares ideológicos, culturais e políticos” (BAGNO, 2017, p. 118, grifo do autor).

De acordo com Garcez e Viegas (2013), o acesso à cultura escrita vem se tornando uma prioridade no Brasil, nos últimos anos. Tem-se como objetivo que todos os cidadãos tenham acesso à escrita da língua oficial. Em algumas comunidades indígenas, a escrita também vem sendo desenvolvida, embora ela não apresente, nas comunidades, usos sociais no cotidiano.

Entre os grandes desafios para o desenvolvimento nacional, a exigência de acesso à cultura da escrita para todos os cidadãos se coloca finalmente como prioritária no Brasil. No caso das minorias linguísticas, como boa parte das comunidades indígenas brasileiras, esse desafio toma contornos particulares, uma vez que é preciso garantir acesso à cultura escrita na língua majoritária, isto é, em português, e na(s) língua(s) minoritária(s), em geral pouco cultivada(s) na modalidade escrita. Além disso, as práticas sociais mediadas pela escrita (em qualquer língua) foram pouco comuns para a maior parte dos brasileiros indígenas e de resto permaneceram alheias às populações indígenas até bem recentemente (GARCEZ; VIEGAS, 2013, p. 90-91).

As comunidades de línguas minoritárias, indígenas ou de imigração, sentem-se, muitas vezes, pressionadas a desenvolver um sistema de escrita visando à sobrevivência da língua. De acordo com Altenhofen et al. (2018), o registro escrito de uma língua é favorável à sua preservação, como se vê nas grandes potências linguísticas faladas no mundo, como inglês, por exemplo. A escrita permite até que a

língua seja lida, mesmo se ela, futuramente, não for mais falada, como foi o caso do latim.

De acordo com Haugen (2001), para que uma língua também tenha prestígio e alcance um *status* de oficialidade, ela necessita apresentar escrita. “É uma exigência significativa, e provavelmente crucial, para uma língua-padrão que ela seja escrita”. Assim, para que uma língua se torne cooficial, por exemplo, há pressões para que seja construído um conjunto de normas e princípios a fim de desenvolver um sistema de escrita. Segundo Bagno (2017, p. 118, grifo do autor), “[...] não existe língua oficial sem *escrita oficial* [...]”.

De acordo com Gnerre (1994), através da escrita, pode-se difundir uma cultura. Ela também pode propiciar um resgate étnico dos falantes, valorizando sua língua, sua história e seus costumes, enfim, sua identidade. O autor chama a atenção para o conteúdo dessa escrita, que deve ser contextualizado e ter relação com o povo falante dessa língua e com seu cotidiano. Conforme Gnerre (2001, p. 105-106), espera-se que a criação de uma escrita “[...] não tenha como finalidade ‘traduzir’ conteúdos já expressos em línguas ‘de cultura’ e definir uma variedade escrita da língua, apta para expressar aquelas informações fragmentárias e descontextualizadas [...]”.

Ao surgir a necessidade de escrita de uma língua, surgem embates relacionados à possibilidade de criação de uma escrita padronizada ou de permitir ortografias mistas. De acordo com Garcez e Viegas (2013), é possível que se aceitem maneiras diferentes de escrever uma mesma língua, de modo que elas convivam em harmonia, o que é chamado de flutuação gráfica. De acordo com os autores, poder contar com diferentes olhares e registros da língua pode mostrar a riqueza e a diversidade cultural daquele povo.

De acordo com Neumann (2018), contudo, uma escrita padronizada também pode ser positiva. Segundo o autor, ela contribui para que exista uma escrita mais uniforme da variedade e, assim, facilita até mesmo um possível ensino escolar da língua. Em consonância com Neumann (2018, p. 13), ao se elaborar uma escrita em hunsriqueano, deve-se observar vários aspectos, dentre eles:

[...] a variação interna do próprio Hunsrückisch (por exemplo, qual variante deve-se adotar?), a natureza e a finalidade da escrita enquanto convenção social (para que se quer tal escrita e para que serve uma escrita?), a vinculação histórica do dialeto (de onde provém o dialeto que falamos?) e o

sistema de referência para a sua ortografia (de qual sistema de escrita partir, se do alemão ou do português?).

Porém, caso se escolha uma norma ortográfica para uma língua, é preciso ter certos cuidados (HAUGEN, 2001). Essa norma precisa ser aceita e utilizada pelos falantes, caso contrário, ela não terá progressos.

De acordo com Altenhofen et al. (2007), o hunsriqueano é essencialmente falado e não há prática e registro escrito sistematizados. Segundo os autores, os falantes de hunsriqueano utilizavam sua língua materna na oralidade e, na escrita, utilizavam a língua alemã padrão ou a língua portuguesa. Mesmo assim, os autores reconhecem que existem, na sociedade, algumas iniciativas de escrita nessa variedade com fins específicos. Altenhofen et al. (2007, p. 74) afirmam que,

Apesar dessa tendência geral, é possível identificar um conjunto de textos em Hunsrückisch que permitem ao menos falar de uma 'pequena' tradição escrita nessa variedade. É verdade que o teor desses textos atende a um apelo fortemente humorístico sobre um fundo metarreferencial que busca documentar e cultivar um modo de expressão familiar e de cunho identitário.

Com base fundamentação teórica acima apresentada, questiona-se: a) Seria do interesse nos autores e falantes de hunsriqueano que houvesse uma proposta ortográfica única?; b) Quais seriam as vantagens e desvantagens? e c) Há pressões que influenciam na escolha de uma ortografia? Na próxima seção, será apresentada a metodologia utilizada no trabalho, que visa a refletir sobre alguns desses aspectos.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é qualitativa e a estratégia de investigação escolhida é o estudo de caso. O caso em estudo gira em torno da língua de imigração hunsriqueano, de sua escrita e da percepção dos falantes. A análise do caso se dá em dois momentos. Em um primeiro momento, olha-se para duas políticas linguísticas que propõem ortografias distintas para o hunsriqueano falado no Brasil. Objetiva-se analisar essas políticas e reconhecer o significado que participantes do processo de construção da ortografia e falantes dessa variedade conferem a elas ou à escrita. Em um segundo momento da pesquisa, olha-se para as pressões que os falantes sentem para falar ou deixar de falar sua língua, bem como para escrever ou ensinar a língua local na escola, a partir dos seus relatos. De acordo com Creswell (2010, p. 26, grifo do autor), “A **pesquisa qualitativa** é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos atribuem a um problema social humano”.

A pesquisa qualitativa se propõe a analisar poucas informações de modo mais detalhado. Através desse tipo de estudo, propõe-se coletar os dados no contexto do participante. Esses dados são analisados indutivamente – observa-se fenômenos particulares e, a partir deles, cria-se uma hipótese mais geral – e interpretados pelo pesquisador, com base nos significados que ele atribuiu aos dados.

Nesse tipo de estudo, busca-se analisar um fenômeno e reconhecer as ações a partir das perspectivas dos participantes. Ele tem, segundo Creswell (2010), foco no significado individual. Assim, entende-se que, “Na pesquisa qualitativa, a intenção é explorar o conjunto complexo de fatores que envolvem o fenômeno central e apresentar as perspectivas ou os significados variados dos participantes” (CRESWELL, 2010, p. 162).

O estudo de caso é uma das estratégias de investigação da pesquisa qualitativa. Através dela, em consonância com Creswell (2010), o pesquisador pode explorar com profundidade um caso: uma atividade, uma ou mais pessoas, um programa. Para fundamentar as ações dessa pesquisa, é relevante detalhar o que se entende por estudo de caso.

3.1 Estudo de Caso

Entende-se estudo de caso, apoiada em André (2013), Ponte (2006) e Sarmiento (2011), como uma metodologia (recurso ou formato metodológico), um gênero ou estratégia de investigação ou, ainda, uma abordagem de cunho qualitativo que leva em conta o contexto e a história da entidade pesquisada. É uma investigação particularística ou um estudo de um exemplo que pode ser positivo, negativo, excepcional ou relativamente neutro, segundo Ponte (2006).

Quando se opta por esse método, tem-se por objetivo conhecer a entidade ou o fenômeno com profundidade, realizando uma análise situada e reconhecendo que o caso envolve diferentes dimensões, para, assim, conhecer as características e a identidade do caso. De acordo com André (2013, p. 97), ao se utilizar esse método, pressupõe-se que “[...] a realidade pode ser compreendida sob diversas óticas”. Assim, diferentes participantes, bem como o pesquisador, podem ter compreensões distintas do caso, e todas elas devem ser reconhecidas, respeitadas e analisadas no estudo.

Em consonância com Stake (1995), em um estudo de caso, a coleta de dados começa antes do desenvolvimento do estudo, de fato. O pesquisador se familiariza com a situação, conhece outros casos e tira suas primeiras impressões. Muitas dessas impressões são melhoradas ao longo da pesquisa, mas essas primeiras observações são fundamentais ao estudo. Neste estudo, as primeiras observações da pesquisadora conduziram-na ao que foi feito, de fato.

O estudo de caso, embora tenha natureza empírica (PONTE, 2006; SARMENTO, 2011), por ter falas, observações e documentos como fontes de evidência e usa a teoria como suporte para orientar a investigação. A teoria pode ser empregada tanto no processo de coleta quanto na análise dos dados.

De acordo com Ponte (2006), esse método envolve a descrição dos fatos que compõem o caso, de forma sistemática e, na medida do possível, completa. Porém, para que o estudo de caso tenha mais valor, ele também prevê a análise dos fatos descritos, em que se podem comparar as situações com outros fatos conhecidos e com teorias reconhecidas cientificamente. Em alguns estudos nos quais se busca descobrir informações iniciais sobre o caso, pode-se proceder de modo a explorá-lo.

Através desse recurso metodológico chamado estudo de caso, pode-se olhar para o objeto de estudo como um todo, em sua unidade. Sarmiento (2011, p. 2)

declara que, por meio desse método de pesquisa, pode-se apreender o caso “[...] na sua globalidade: pessoa, acontecimento ou organização”.

Essa abordagem envolve diferentes ações para coleta de dados, desde a realização de perguntas, a observação de fatos e a análise de documentos relacionados ao caso. André (2013) afirma que a entrevista é um recurso metodológico importante para que se reconheça o valor atribuído pelos participantes ao caso. Neste estudo, a entrevista foi utilizada com este mesmo fim: reconhecer o valor que os falantes participantes do estudo atribuem ao hunsriqueano e à sua escrita. De acordo com o autor, “No estudo de caso qualitativo, que objetiva revelar os significados atribuídos pelos participantes ao caso investigado, **a entrevista** se impõe como uma das vias principais” (ANDRÉ, 2013, p. 100, grifo do autor).

Para Stake (1995), a entrevista permite que o pesquisador tenha acesso às observações do participante, através de suas descrições e de suas interpretações. Segundo Stake (1995, p. 64, tradução nossa),¹

Muito do que não podemos observar por nós mesmos foi ou está sendo observado por outros. Dois principais usos do estudo de caso são para obter as descrições e as interpretações de outros. O caso não é visto do mesmo modo por todos. Pesquisadores qualitativos têm orgulho em descobrir e retratar as múltiplas visões do caso. A entrevista é o caminho principal para múltiplas realidades.

André (2013) enfatiza a importância do cuidado que o pesquisador deve ter com a condução da entrevista, sugerindo a realização de um roteiro de questões para que se organize e controle esse momento importante da pesquisa. Segundo Stake (1995), a coleta de dados por meio de entrevista é feita, geralmente, na residência dos participantes do estudo. Essa entrevista geralmente invade a privacidade pessoal o entrevistado. Assim, em um local confortável e seguro para ele, o participante poderá se sentir mais à vontade para compartilhar os significados que atribui ao caso. Stake (1995) lembra a importância de pedir permissão para realizar a entrevista, apresentar as intenções com o estudo aos participantes e de garantir a eles o anonimato. Assim, reconhece-se a importância do termo de consentimento.

¹ “Much of what we cannot observe for ourselves has been or is being observed by others. Two principal uses of case study are to obtain the descriptions and interpretations of others. The case will not be seen the same by everyone. Qualitative researchers take pride in discovering and portraying the multiple views of the case. The interview is the main road to multiple realities”.

De acordo com André (2013), o estudo de caso propõe etapas de trabalho. Primeiramente, explora-se o caso, para mapear e definir o que será analisado. Essa seria a “fase exploratória”, em que o pesquisador precisa “[...] estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, localizar os participantes e estabelecer mais precisamente os procedimentos e instrumentos de coleta de dados” (ANDRÉ, 2013, p. 98).

A pesquisa – assim como se percebe neste estudo – parte de um problema mais amplo e, ao longo do processo, vai sofrendo alterações, podendo incluir aspectos não previstos inicialmente. Assim, aos poucos, vão-se fazendo recortes para delimitar o foco do estudo. Posteriormente, pode-se analisar de forma mais sistemática os dados, que podem ser compostos por entrevistas, observações e documentos. A análise de documentos, jornais, ou seja, textos escritos, é importante, de acordo com Stake (1995), para, ao longo do estudo, triangular os dados.

O estudo de caso é utilizado para conhecer uma realidade específica, localizar seus processos e compreendê-la. Ele não é, segundo Ponte (2006), uma forma de estudo que permite generalizações em grande extensão, em relação a toda uma população ou a um universo. Ele pode, contudo, contribuir no sentido de “[...] ajudar a formular hipóteses de trabalho sobre o grupo ou a situação em causa” (PONTE, 2006, p. 16). Essas hipóteses podem servir de base para novos estudos científicos.

De acordo com Stake (1995), o conhecimento gerado no estudo de um caso permite fazer uma “generalização naturalística”: o caso singular, que é original, verdadeiro, situado em um contexto, pode ser comparado com outros casos, estabelecendo relações de semelhança e de diferença. Devido a isso, a descrição detalhada do caso é muito importante.

3.2 Procedimentos de Coleta de Dados

A metodologia do trabalho consistiu de entrevistas semiestruturadas com falantes dessa variedade e atores sociais que estão relacionados à escrita dessa variedade e da análise documental (coleta e análise de documentos oficiais e materiais publicados) sobre ou em hunsriqueano (livros, textos em jornais, *sites*, *blogs*, páginas de rede social, textos científicos).

Como para a maioria dos falantes de hunsriqueano essa língua é exclusivamente oral, foi necessário saber o que os falantes pensam a respeito da possibilidade de torná-la também uma língua escrita, mudando seu *status*. Para tanto, na fase exploratória, resolvemos conversar com falantes da variedade que não escrevem em hunsriqueano. Minha pretensão era sondar o imaginário dos falantes sobre escrever nessa língua, para poder, posteriormente, definir o meu projeto de pesquisa.

Essas conversas tinham a organização de uma entrevista semiestruturada, com um roteiro de questões que me interessavam naquele momento. É importante destacar que, antes de cada entrevista, foi realizada uma conversa informal, com apresentação dos objetivos da entrevista e garantia de resguardo das informações cedidas. Quando se percebia que os falantes estavam esclarecidos sobre a proposta e se sentindo à vontade, pedia-se autorização e se gravava a entrevista em formato de áudio.

Examinando o material assim gerado, percebeu-se que ele era mais amplo e detalhado do que uma simples sondagem exploratória. Por isso, foi feita a transcrição do áudio e as pessoas com quem se havia falado foram recontatadas, para saber se elas autorizavam que esses dados fossem utilizados para esta pesquisa. Desse modo, foi criado um termo de consentimento a posteriori, que consta no apêndice A.

Depois, ficou claro que seriam necessárias mais entrevistas para ter maior representatividade na amostra considerada e para aprofundar a investigação sobre o caso em questão: a atribuição de uma ortografia à língua, o que levaria ao consequente desenvolvimento de novas funções para seu uso. Para isso, foram necessárias entrevistas também com falantes escritores de hunsriqueano. Para eles, foi oferecido um termo de consentimento a priori, que consta no apêndice B.

As catorze entrevistas realizadas neste estudo foram gravadas em áudio (telefone móvel) e transcritas. Elas ocorreram em locais confortáveis para os falantes, geralmente em sua casa ou em seu local de trabalho. Esses falantes residem em diferentes municípios do RS, localizados na região metropolitana de Porto Alegre. Metade dos participantes deste estudo escreve e fala em hunsriqueano e a outra metade só fala a língua. Foram dados nomes fictícios a eles, de modo que garantisse seu anonimato.

Os falantes de hunsriqueano são seis mulheres e um homem, de 25 a 59 anos. Os participantes foram Ana (25 anos), Inês (31 anos), Deisi (37 anos), Alice (38 anos), Mônica (38 anos), Renata (59 anos) e João (25 anos). Todos vivem na zona urbana de seus municípios e falam hunsriqueano desde criança.

Os escritores de hunsriqueano são, da mesma forma, seis mulheres e um homem, de 40 a 89 anos. Os participantes foram Martina (38 anos), Clarice (40 anos), Sônia (60 anos) Priscila (72 anos), Norma (79 anos), Helga (89 anos) e Cleiton (55 anos). Todos falam hunsriqueano desde criança e passaram a escrever na sua língua materna já na sua fase de vida adulta.

Desse modo, tem-se o mesmo número de participantes de cada contexto e uma amostra mais equilibrada, para assim evitar enviesamento e analisar os dados de forma mais adequada.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes dessa pesquisa giram, em geral, em torno dos seguintes tópicos:

- a) Tu falas hunsriqueano? Desde quando? Com quem? Para quê? Sobre o quê? Em que situações cotidianas?;
- b) Tu escreves em hunsriqueano ou conheces alguém que escreva? Se sim, em que contextos essa escrita é utilizada e com que finalidade? No que é baseada essa escrita?;
- c) Tu achas que essa variedade continua sendo utilizada na sua comunidade ou ela vem se perdendo? Quais são os motivos que levam a essa realidade?;
- d) Tu acreditas que seja importante manter essa variedade? Por quê? Como, onde, por quem e de que forma isso pode ser feito?;
- e) Qual a importância dessa variedade para ti? Ela te ajudou ou atrapalhou na aprendizagem de outras línguas?.

Pretende-se não só conhecer as ações que estão mais evidentes nos relatos, nos documentos e nos materiais publicados sobre a variedade, sua escrita e ortografia, bem como identificar os possíveis resultados dessas ações de manutenção da variedade.

As etapas da coleta de dados foram distribuídas da seguinte maneira: leitura de textos teóricos sobre as temáticas do projeto, entrevista com pessoas gravadas

em áudio e respectiva transcrição, coleta de materiais escritos e audiovisuais, análise dos dados e produção da dissertação. As leituras prévias foram relevantes para que eu olhasse para a realidade já com uma base teórica e pudesse ir relacionando teoria e prática. As entrevistas, por sua vez, foram importantes para que se tivesse acesso às crenças dos participantes sobre o caso. Os materiais coletados tanto em papel quanto na internet foram dados que possibilitaram reconhecer os discursos sobre e na variedade hunsriqueano, sobre as formas de escrita e sobre as políticas linguísticas existentes para ela.

No próximo capítulo, será apresentada a análise dos dados da pesquisa e a discussão dos resultados alcançados nesse estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

São vários os motivos e as pressões que levam os falantes a permanecer falando sua língua materna. Em contrapartida, há diversas situações que levam falantes a falar a língua majoritária. O mesmo acontece com o hunsriqueano. Embora tenham ocorrido vários empecilhos¹ ao longo dos anos, muitas pessoas continuam aprendendo e falando essa língua. Contudo, outras pessoas, devido a esses e a outros fatores, deixaram de falar hunsriqueano.

Abaixo, serão apresentados e analisados os registros escritos em hunsriqueano encontrados no RS (4.1). Em seguida, serão descritas e discutidas as propostas de ortografia e as crenças dos participantes sobre elas (4.2), por meio dos documentos criados pelas propostas e das entrevistas realizadas. Após, será apresentado o que os falantes pensam sobre a escrita (4.3).

Posteriormente, serão analisadas as entrevistas com os falantes e com os falantes/escritores de hunsriqueano, reconhecendo as pressões que eles sentiram ou reconheceram em relação à sua língua materna: favoráveis à manutenção da língua (4.4), desfavoráveis à sua manutenção (4.5) e favoráveis ao ensino escolar dessa língua local (4.6).

4.1 Registros Escritos em Hunsriqueano

A escrita de hunsriqueano se estabeleceu a partir de iniciativas individuais de pessoas do interior do estado, falantes de hunsriqueano. Há registros em jornais de comunidades distintas, os quais eram de circulação local, em que textos de diferentes autores foram sendo publicados em hunsriqueano, em geral, semanalmente. Há também livros e almanaques que foram publicados isoladamente, como registro de reflexões e pesquisas.

A maioria dos textos tem como finalidade narrar uma história antiga da comunidade, relembrar alguma história dos primeiros tempos dos imigrantes, recitar poemas ou contar anedotas.

Muitos dos autores, não tinham grande preocupação sobre a forma como escreviam. Sob o argumento “Escrevo como falo”, utilizado por muitos dos escritores

¹ Inclusive, houve um período de proibição da língua no Brasil, com a política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945), durante o governo do presidente Getúlio Vargas.

de hunsriqueano analisados neste estudo, as pessoas escrevem seus textos. Grande parte deles buscava, intuitivamente, um meio termo entre a escrita etimológica (que apresenta princípio ideográfico, buscando representar de forma semelhante à língua de origem) e a escrita fonológica (que apresenta o ideal de representar a pronúncia): utilizavam algumas características do alemão padrão – abaixo, denominado como erudito – a partir dos conhecimentos que tinham dessa língua, e usavam formas semelhantes ao português, para tentar representar seu modo de falar.

Quis usar uma escrita que, por um lado, não se prendesse estritamente à língua alemã erudita, aproveitando, no entanto, algumas de suas características; e que, por outro lado, materializasse, da melhor forma, a pronúncia – e com essa finalidade me aproximei da escrita da língua portuguesa (ASSMANN; THOMAS, 2010, p. 22).

Atualmente, alguns textos vêm sendo publicados na internet, em diferentes espaços, sobre e na variedade linguística hunsriqueano e sobre as ações políticas e educacionais relacionadas a ela. Há vídeos com falantes da variedade, *sites* e *blogs* que falam sobre ela e sobre proposta de ensino. Em uma rede social amplamente utilizada no Brasil, o *Facebook*, há também grupos abertos para enviar vídeos, imagens e informações sobre o hunsriqueano, bem como para lazer e contato com outros falantes. De acordo com Neumann (2018), as produções escritas existentes são resultado de iniciativas isoladas realizadas ao longo dos anos, mas que ganham, ultimamente, mais divulgação, com o maior acesso às tecnologias digitais, tanto à zona urbana quanto rural. Segundo Neumann (2018, p. 13),

O Hunsrückisch praticamente inexistente na forma escrita, sendo mais conhecido, portanto, como língua oral. Como existem, porém, expressões isoladas dessa produção também na forma escrita, produzidas geralmente a partir de experiências linguísticas particulares, resultados de pesquisas individuais, propõe-se aqui refletir sobre essa forma escrita. Atualmente observa-se uma tendência crescente de criação em variantes dialetais devido a um maior acesso às mídias e a consequente divulgação mais rápida e de fácil produção.

Podemos encontrar *corpus* de escrita em hunsriqueano em Jornal, em Livro e na Internet. Abaixo serão apresentados alguns dos materiais publicados no RS e que compõem um acervo da escrita em hunsriqueano. Como não existe uma ortografia padronizada – apesar de haverem tentativas –, cada registro é realizado com base nos conhecimentos e nas escolhas linguísticas dos autores.

4.1.1 Textos publicados em Jornal

Alguns jornais do RS apresenta(ra)m colunas com textos escritos em hunsriqueano. Esses textos foram publicados em jornais que circulam em regiões nas quais há descendentes de alemães, em que grande parte da população fala ou compreende essa variedade.

O primeiro jornal se chama *O Diário da Encosta da Serra*. Ele tem sede em Ivoti e é distribuído nos municípios dos arredores – uma região em que ainda há um grande número de falantes da variedade. O jornal foi fundado em dezembro de 1992. Ao longo dos mais de 25 anos desse jornal, pode-se perceber que textos em hunsriqueano produzidos por diferentes colaboradores foram publicados com uma frequência, no mínimo, mensal. Alguns textos têm assinatura de autoria, mas muitos não. Cada autor, com suas ideologias e suas crenças, bem como com sua forma de escrita da variedade, produzia os textos para o jornal. Essa publicação não era remunerada, mas voluntária.

Esse jornal recebeu, desde as primeiras edições, contribuições de textos em hunsriqueano em uma sessão chamada inicialmente de *Lieve Lait*, passando por *Lieve Laid* e *Liewe Lait*. Essa expressão, muito falada pela comunidade, significa “pessoas queridas” e é usada como um vocativo para os leitores. Esses textos tinham por objetivo levar aos leitores reflexões sobre temáticas do dia a dia da comunidade. Também foram escritas histórias do passado e sobre a época dos imigrantes, bem como poesias e textos humorísticos.

Em alguns textos, aspectos da variedade eram abordados, como “*Mir spreche Plattdaitsch un die Annere spreche Hochdaitsch, awer mir dun uns nanner verstehe*” – Nós falamos alemão-dialetal e os outros falam alemão padrão, mas nós nos entendemos mutuamente (PATRO, 1993, p. 13). Esse trecho mostra a crença da autora de que, apesar de serem faladas variedades diferentes – o hunsriqueano falado pela comunidade, e o alemão padrão, pelos outros – a comunicação é possível.

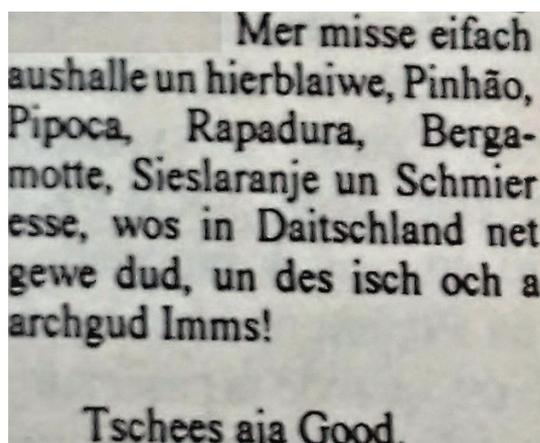
Geralmente, o espaço ocupado pelo texto dessa escritora de hunsriqueano era de uma coluna à esquerda ou à direita da folha, cobrindo uma terça parte de uma página. A pessoa que escrevia o texto, na maioria das vezes, não assinava seu nome. Ela se despedia do seu leitor com a expressão *Tschees aia Good*, a qual significa Tchau, vossa madrinha. Conversando com leitores do jornal, descobriu-se

que a autora era uma pessoa da comunidade, Herta Sporket Patro (*in memoriam*), também escritora de livros e textos sobre a história do município. A frequência dos textos foi diminuindo, e o último deles foi publicado em 2000.

A escrita dos primeiros textos, de 1993 a 2000, tinha como base a escrita da língua alemã. Quando algum termo não existia no léxico do hunsriqueano, a autora germanizava a palavra ou usava-a na mesma forma como ela é usada na língua de origem.

Na Figura 2, temos o trecho final de uma coluna, publicada em 24/09/1993, em que a autora escreve que os descendentes de alemães precisam ficar no Brasil, comendo pinhão, pipoca, rapadura, bergamota, laranja doce e schmier, alimentos que não existem na Alemanha e que ela aprecia.

Figura 2 – Texto de Herta Sporket Patro em Jornal O Diário



Fonte: Patro (1993, p. 13).

Assim, como se vê na Figura 2, o termo ‘pinhão’, que nomeia um alimento que não existia na Europa, passa a fazer parte do léxico dos falantes da variedade, da mesma forma como é utilizado na língua portuguesa. Já o termo *Bergamotte* é uma forma de adaptar ao hunsriqueano a forma ‘bergamota’ que existia no português brasileiro para denominar a fruta que também é conhecida como tangerina ou mexerica em outras regiões do país. Percebe-se nesse excerto do jornal que a escrita se assemelha ao alemão padrão.

Em seguida, houve um período sem publicações em hunsriqueano no jornal. Alguns anos depois, por volta de 2011, uma professora aposentada, que antes tinha uma participação semanal na rádio comunitária Ivoti FM, falando sobre alguma temática do cotidiano em hunsriqueano, passou a publicar textos no jornal. A autora,

Pronila Krug, disse que começou a escrever esquemas para evitar que, na rádio, se perdesse nas ideias ou repetisse informações. Assim, foi aprimorando a escrita e se sentiu confortável para publicar os textos no jornal. Ela buscava escrevê-los da forma como fala. Eles traziam temáticas da comunidade, relacionando, por vezes, o presente com o passado.

A sessão continuou ocupando o mesmo espaço, mas passou a ter títulos diferentes, a partir da temática do texto. Além do texto em hunsriqueano, ao final havia um resumo em português, para que os leitores que não compreendessem a variedade conseguissem ter uma ideia do que o texto tratava. Após uma festa local, a autora produziu um texto comentando o evento, relatando ‘Quantas pessoas vieram para a festa da rosca e do mel’: “*Wifiill Lhait whore do khom uf das rosqui un honich fest*” (KRUG, 2011, p. 15). Ao final, a autora se despedia e se identificava, dizendo *Gruss fun Pronila* ou cumprimentos da Pronila. Percebem-se algumas semelhanças com a representação dos sons em língua alemã, como o h sonoro em *honich*. Porém, também há sons que são representados graficamente conforme a língua portuguesa, como representar o som [f] somente com f em *fun* e *fiill*. Em alemão padrão, essas palavras seriam grafadas da seguinte maneira: *von* e *viel*.

Figura 3 – Texto de Pronila Krug em Jornal O Diário



Fonte: Krug (2011, p. 15).

No texto da Figura 3, a autora escreve sobre uma festa local em Ivoti/RS, da rosca e do mel, que vem recebendo visitantes de diversos locais. As famílias que vêm a essa festa, de acordo com a autora, são recebidas com música e alegria.

Esse texto, bem como outros da autora, passaram a não usar sistematicamente a letra maiúscula no início de substantivos. Porém, as letras

utilizadas fazem parte do grupo de letras geralmente utilizados para representar os sons da língua alemã. A autora usa, por quatro vezes, a palavra *ich*, que é usada tanto no texto em hunsriqueano quanto no alemão padrão para se referir ao pronome pessoal 'eu'.

As últimas publicações no jornal, de 2014 a 2017, foram de responsabilidade do projeto Hunsrik, que também se propõe a ensinar a variedade. A escrita da coluna foi liderada pelas professoras Solange Hamester Johann e Mabel Dewes. A temática dos textos foi se relacionando mais às temáticas religiosas e às datas comemorativas. O nome da coluna também mudou, bem como sua proposta. O texto sobre a variedade passou a ganhar semanalmente um espaço maior no jornal e, então, dois tipos de texto eram publicados: *Hunsriker*, para textos de temática mais voltada a adultos, e *Hunsrikinhos*, para crianças. Em geral, em uma semana era publicado um texto voltado para adultos e, na semana seguinte, um texto com atividades para crianças. Dessa vez, o espaço utilizado era de uma página. Os textos eram em duas línguas, português e hunsriqueano. Porém, a partir de 2017, não foram mais realizadas publicações em hunsriqueano nesse jornal, por decisão do jornal.

A escrita dos materiais publicados de 2014 a 2017 é mais distante do alemão padrão, bem como trabalha com a proposta de tradução do que é escrito em hunsriqueano. Os substantivos comuns iniciam com letra minúscula, assim como no português.

Figura 4 – Texto do Projeto Hunsrik em Jornal O Diário



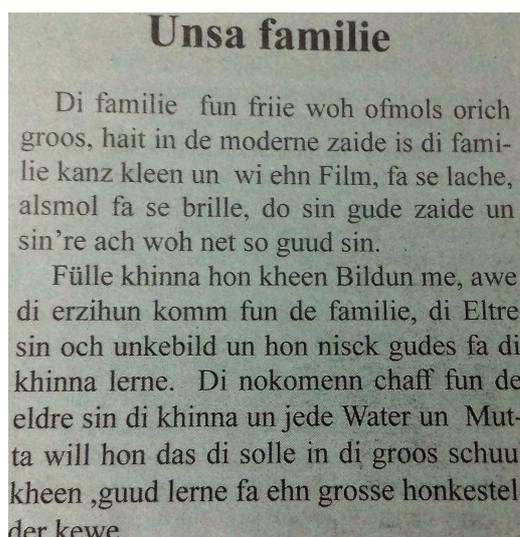
Fonte: Johann e Dewes (2014, p. 14).

Na Figura 4, podemos perceber que se utiliza a palavra *dormir* através do termo *xloofe*, que, em alemão padrão, seria representado por *schlafen*, utilizando a letra x e não as letras sch para representar o som [ʃ]. Também o número quatro, representado através do termo *fier*, seria representado por *vier*. Dessa forma, o som [f] é representado somente através da letra f.

Essa escrita também reconhece a apropriação de palavras da língua portuguesa pelos falantes para suprir a falta de algum termo correspondente no hunsriqueano. Assim, o termo ‘remédio’ foi apropriado ao vocabulário e escrito de um modo a tentar representar sua pronúncia, escrevendo *Remëëtio*.

Outro jornal da mesma região, *Jornal RS*, com sede em Novo Hamburgo, apresenta textos em hunsriqueano. Fundado em maio de 2013, o jornal apresenta há cerca de dois anos uma coluna semanal da autora Pronila Krug com crônicas semelhantes às publicadas anteriormente no jornal *O Diário*, em que há primeiro o texto em hunsriqueano e, logo abaixo, a tradução para o português. Os textos tratam de histórias do passado, comparações com aspectos da atualidade e reflexões sobre algumas datas importantes. Essa coluna ocupa um terço de uma página. Esse jornal continua publicando os textos todas as sextas-feiras. O título do texto abaixo se refere a aspectos relacionados ao contexto familiar.

Figura 5 – Texto de Pronila Krug em Jornal RS



Fonte: Krug (2018b, p. 6).

A autora nem sempre inicia os substantivos com letra maiúscula, como é regra no alemão padrão. Por vezes, para representar o som [ʃ] usa as letras ch,

como em *chaff*, que significar trabalhar, e, em outras, sch, como em *Schuul*, que significa escola.

No texto da Figura 5, a autora escreve sobre as famílias, que antigamente eram grandes e numerosas, mas que, atualmente, são pequenas. Também apresenta uma opinião da autora sobre a necessidade do incentivo das famílias para que crianças estudem e sobre a importância do ensino para que os filhos sejam bons trabalhadores.

O jornal *Primeira Hora*, do município de Feliz, também recebeu por quase duas décadas a colaboração de uma cidadã local, Maria Noêmia Assmann, na escrita de textos em hunsriqueano, definidos pela autora como *Stikcha*, que pode ser traduzido como pequenas histórias. Os textos tinham publicação semanal e tratavam de histórias da sua família e da sua comunidade, aspectos do dia a dia e sobre datas importantes para a região. A escrita dos mesmos não era remunerada, bem como a cedência do espaço não era cobrada. Atualmente, não há mais publicações em hunsriqueano nesse jornal.

A revista *Sankt Paulusblatt* é uma revista brasileira escrita em língua alemã com mais de um século de existência e tem sede em Nova Petrópolis. Segundo Braun (2010), a revista tem a preocupação de se aproximar dos imigrantes, produzindo textos escritos também em “Hunsrückdeutsch”. Essa revista, publicada pela primeira vez em 1912, é, ainda hoje, publicada mensalmente. Textos mais recentes também abordam temáticas religiosas e datas comemorativas.

A publicação desses diversos textos de circulação periódica em comunidades falantes do hunsriqueano é muito importante para a valorização e a preservação dessa língua. O interesse por escrever no jornal partiu dos falantes. Percebe-se, nesses materiais, uma diversidade de usos de sistemas de escrita e de escolhas linguísticas, resultado da variação linguística do hunsriqueano, das diferentes crenças dos escritores sobre sua língua e da falta de um padrão de escrita.

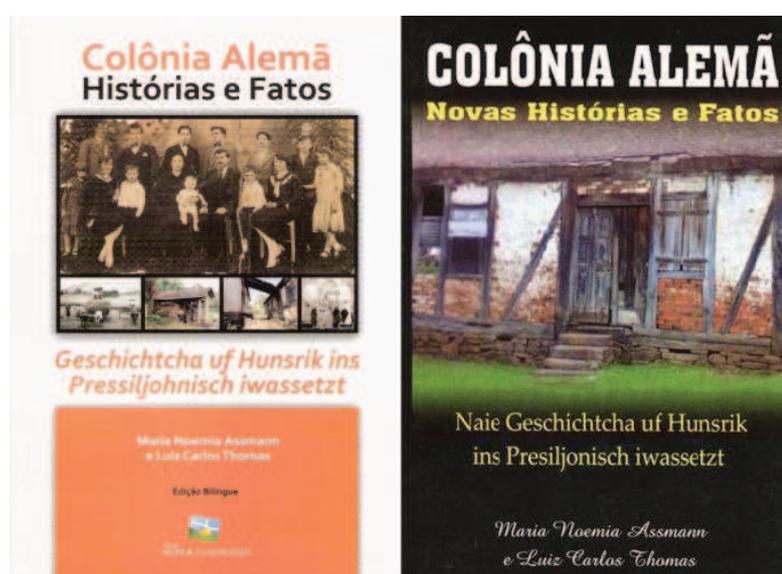
4.1.2 Textos publicados em Livro

Alguns textos de jornal escritos em hunsriqueano receberam edição e foram publicados em formato de livro, como se vê em Assmann e Thomas (2010, 2013). Os textos, publicados durante décadas em um jornal do interior do estado pela primeira autora, tiveram sua escrita padronizada ortograficamente e traduzida pelo

segundo autor, para serem publicados em formato de livro bilíngue. O objetivo das publicações em formato de livro é contribuir para “[...] a valorização, o cultivo e a permanência desse rico dialeto” (ASSMANN; THOMAS, 2013, p. 9). Maria Noêmia Assmann se baseia na variedade linguística da região de circulação do jornal, da qual também a autora faz parte, para produzir a escrita.

No seu primeiro livro, publicado em 2010, a autora se coloca no compromisso de preservar a sua língua materna, ao dizer “*De Hunsrik, main Muddaschprooch, reskatiire is n’Flich!*” (ASSMANN; THOMAS, 2010, p. 16), que significa resgatar o Hunsrik, minha língua-materna, é uma obrigação. Abaixo pode-se ver as capas do livros citados e observar a escrita dos títulos das obras.

Figura 6 – Capa dos livros de Maria Noêmia Assmann e Luiz Carlos Thomas



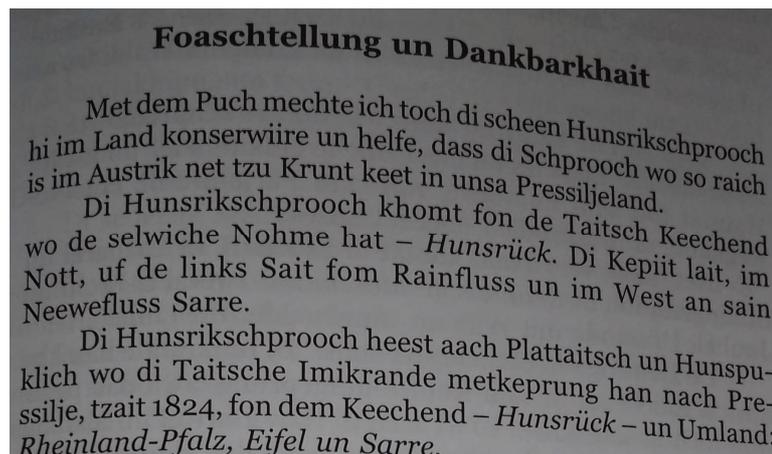
Fonte: Assmann e Thomas (2010, 2013).

Percebe-se que se mantêm alguns aspectos da língua alemã padrão, como o uso em geral de letra maiúscula no início de substantivos, o uso das letras sch para representar o som [ʃ], entre outros. Os autores dão preferência à letra k em relação à c para representar o som [k], conforme a forma padrão, como em *Dankbarkhait*, que significa gratidão.

Porém, alguns aspectos se diferenciam da escrita do alemão padrão, como a repetição de vogais oo (ao invés do uso de h após a vogal) em *Schprooch* – língua, em português e o uso de sch antes de p. Ao representar o som [ai], os autores costumam utilizar essas mesmas letras, como em *raich*, rico, e *Taitsch*, alemão.

No texto da Figura 7, trecho do prefácio do primeiro livro, os autores dizem que a língua do estudo deles, que é nomeada de *Hunsrikschprooch* (Língua Hunsrik), também é chamada de *Plattaitsch* (alemão-baixo) e de *Hunspuklich* (costas de cachorro). Eles escrevem que ela é originária de uma região da Alemanha e que foi trazida ao Brasil desde 1824 por imigrantes alemães.

Figura 7 – Livro com textos de jornal



Fonte: Assmann e Thomas (2010, p. 13).

Também os textos em jornal escritos por Pronila Krug deram origem a um livro (KRUG, 2018). Ele conta com 48 crônicas escritas em hunsriqueano e traduzidas para o português pela própria autora. Esses textos tratam de datas comemorativas, histórias do passado vividas ou escutadas pela autora, reflexões sobre a cultura germânica e sobre o cotidiano do seu município. O livro adota os mesmos padrões ortográficos de escrita utilizado nos textos em jornal. Na Figura 8, podemos ver a capa do livro, que representa a autora entre as duas bandeiras: do Brasil e da Alemanha. Retoma-se, assim, a ideia de que o livro é bilíngue: em hunsriqueano e em português.

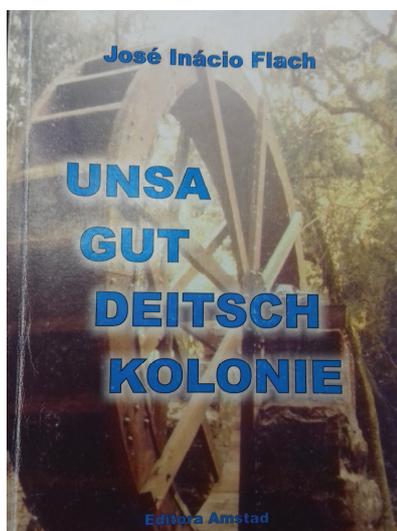
Figura 8 – Livro de Pronila Krug



Fonte: Krug (2018a).

Outros textos escritos em hunsriqueano foram publicados originalmente em livro ao longo dos últimos anos no Brasil. José Inácio Flach, de Bom Princípio/RS, publicou, em 2004, um livro em hunsriqueano com textos sobre o trabalho e o dia a dia na zona rural. Sua escrita utiliza principalmente regras da escrita do alemão padrão. Ao escrever sobre a escola em que estudara, *Unsa Schul*, ele conta que os livros que se comprava para estudar eram bem simples: “*Die Bicha wo'ma kaaf fa dren se lenne, ware ganz gewenlich*” (FLACH, 2004, p. 19, grifo nosso). Abaixo, podemos ver a capa do livro e perceber a grafia utilizada pelo autor em seu título.

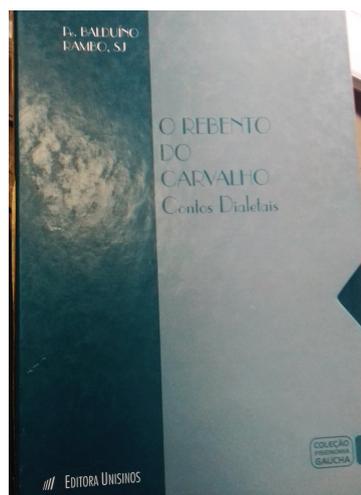
Figura 9 – Livro de José Inácio Flach



Fonte: Flach (2004).

Balduíno Rambo, de Tupandi/RS, já escrevia contos em hunsriqueano desde o final da década de 1930. Um familiar seu, Arthur B. Rambo, reuniu 21 contos que Balduíno produzira entre 1937 e 1962, e publicou em formato de livro bilíngue. Os textos falavam do cotidiano, da vida em família e em comunidade, bem como de aspectos da vida no campo, como sobre um girino, chamado pelo autor de *Mollekopp*. O autor explica que um girino é um sapo que ainda não está na sua fase adulta, ou, no original, “*En Mollekopp, dat is en Krot, wo noch keen richtig Krott is, wo awer nochemol em ausgewachsene Krot werre will*” (RAMBO, 2002, p. 10, grifo nosso). O autor também se baseia nas regras do alemão padrão, escrevendo algumas palavras de forma idêntica, como *noch* para ainda. Abaixo podemos ver a capa do livro. Embora o título seja escrito em português, os contos são escritos em hunsriqueano.

Figura 10 – Livro de Balduíno Rambo



Fonte: Rambo (2002)

Outra iniciativa de produção de material em hunsriqueano surgiu a partir de uma proposta de ortografia desenvolvida em Santa Maria do Herval/RS. Algumas histórias clássicas, que já foram traduzidas para diversas línguas, dessa vez foram traduzidos para o hunsriqueano, como textos bíblicos, contos dos irmãos Grimm e o livro do Pequeno Príncipe. A autoria dos textos é dada ao Projeto Hunsrik, liderado pelas professoras Solange Maria Hamester Johann e Mabel Dewes. Algumas publicações também contaram com a colaboração de Daniel Ray Allen, pesquisador norte-americano que esteve, durante um longo período, trabalhando no projeto.

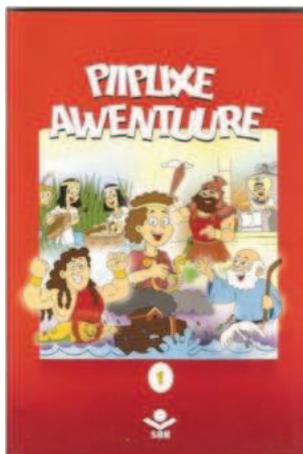
A escrita dos textos, segundo os autores, se baseia na pronúncia dos falantes. Assim, um dos textos do livro *Piiplix Aventure*, Aventuras da Bíblia em Hunsrik–*unser taytx*, que fala sobre a arca de Noé, inicia assim: “*Em Noee sayn kexicht is xon lang tsayt tsurik pasëyert*” (PIIPLIXE..., 2012, p. 6), que significa que uma história de Noé já acontecera há muito tempo atrás.

Percebe-se que são utilizadas regras da língua portuguesa quanto ao uso da letra maiúscula no português, é utilizada somente em substantivos próprios e, no alemão padrão, em todos os substantivos. Percebe-se o uso da letra *x* para representar o som [j] nas palavras *piiplix*, *kexicht* e *xon* – bíblico, história e já, respectivamente. Também se reconhece o uso de *y* para representar o som [i] em *sayn*, *tsayt* e *pasëyert* – seu, tempo e aconteceu.

É interessante observar que, embora afirmem se basear na língua portuguesa, utilizam palavras com trema, o que não é usual nessa língua. Eles usam esse sinal gráfico na letra *e*, como se vê em *pasëyert*, para representar o som [ɛ].

Na Figura 11, podemos ver a capa do livro, que, apesar de ser traduzido por pesquisadores do projeto, aparece sem autoria. Acredita-se que isso tenha se dado, por serem textos baseados na Bíblia ou de domínio público.

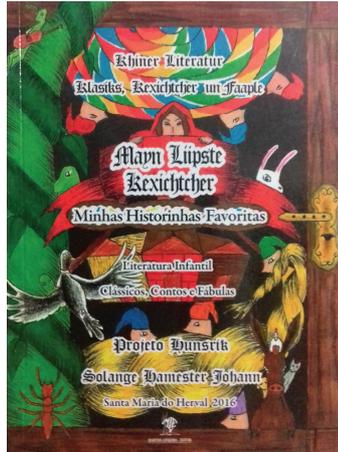
Figura 11 – Livro Piiplix Aventure



Fonte: Piiplix... (2012).

Outro livro publicado pelo projeto Hunsrik foi resultado da tradução de histórias infantis por 12 professoras de educação infantil do município de Santa Maria do Herval/RS, em uma formação pedagógica realizada na rede municipal com o objetivo de incentivar o uso da língua nas escolas, através de clássicos da literatura infantil. Podemos ver a capa do livro na Figura 12.

Figura 12 – Livro Mayn Liipste Kexichtcher

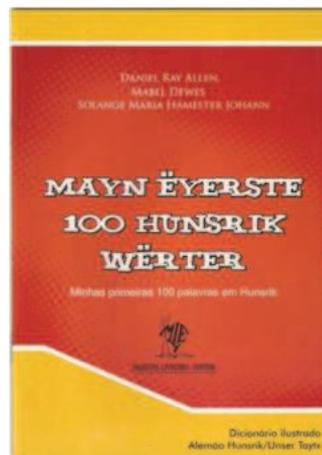


Fonte: Johann (2016).

Em dois anos consecutivos, conforme o relato de professores envolvidos na formação, o grupo de professoras desse município recebeu formação: um deles, para que conhecessem o sistema de escrita desenvolvido e utilizado pelo projeto e, no ano seguinte, foi proposta a tradução, em pequenos grupos, de textos de literatura infantil, os quais resultaram na publicação do livro.

Esse grupo também propôs um dicionário ilustrado com as 100 primeiras palavras em hunsriqueano, denominadas por eles de *Hunsrik*. O grupo chamou o material de *Mayn ëyerste 100 hunsrik wërter*. O vocabulário tem relação com a família, a alimentação, o vestuário, as partes do corpo, entre outros. Ao final do dicionário, há uma seção chamada “Guia Do Professor”, a qual apresenta algumas regras para a escrita dessa língua de imigração, que foi utilizada no material. As regras da escrita se baseiam na ortografia proposta por Wiesemann (2008).

Figura 13 – Dicionário em Hunsrik



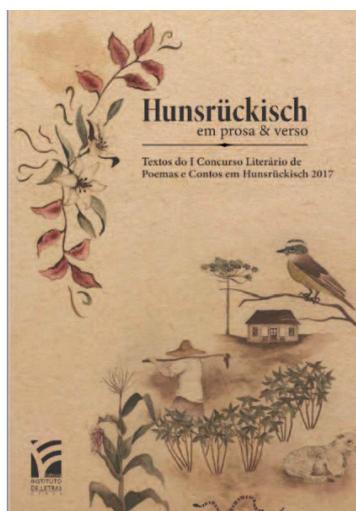
Fonte: Allen, Dewes e Johann (2010).

Mais recentemente, um material autêntico em hunsriqueano foi publicado, em formato de livro. Foram publicados os textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos do Hunsrückisch, que foi realizado em 2017. Esse livro é uma das ações para a realização do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBri). Essa obra conta com textos inéditos de 17 autores diferentes, falantes de hunsriqueano brasileiro. Os textos falam sobre a relação do falante com a língua, de lembranças e de histórias engraçadas. A escrita seguiu, em geral, as regras da Escrita do Hunsrückisch (ESCRITHU), desenvolvidas por Altenhofen et al. (2007).

A escrita desses textos em prosa e verso se baseia na língua de matriz, o alemão, utilizando-se de regras propostas para esta língua. Assim, Ovídio Hillebrand, de Nova Petrópolis/RS, escreveu um texto contando sobre a construção da primeira igreja na comunidade em que vive, intitulado “*Wie die Kerich im Tannenwald gebaut gebb is*” (HILLEBRAND, 2018, p. 85). Esse autor também escreve semanalmente pequenos textos para um jornal da sua cidade, Jornal de Nova Petrópolis, os quais apresentam teor e estilo de escrita semelhante a esse.

Abaixo, na Figura 14, podemos ver a capa do livro, que conta com aquarelas ilustrativas relacionadas com as temáticas apresentadas nos textos: infância, relação com avós, história da comunidade. Podemos perceber que a língua, nesse material, é chamada de *Hunsrückisch*.

Figura 14 – Livro com textos do I Concurso Literário em Hunsriqueano



Fonte: Altenhofen et al. (2018).

Todos esses livros demonstram uma pequena, mas consistente tradição escrita do hunsriqueano no Brasil, principalmente em algumas pequenas comunidades do interior do RS. Esses registros mostram a cultura do povo falante dessa língua de imigração, através de alguns líderes culturais em diferentes comunidades de descendência alemã.

Porém, podemos dizer que muitos falantes de hunsriqueano no Brasil e no RS não tiveram acesso a esses textos, o que fez com que muitos deles acreditassem que não é possível, necessário ou útil haver escrita em hunsriqueano. Na atualidade, com as mídias, há mais possibilidades de disseminação de textos e de registros escritos nessa língua, como podemos ver na subseção seguinte.

4.1.3 Textos publicados na Internet

Pode-se encontrar um material bastante rico, na internet, em e sobre hunsriqueano. Em diferentes *sites* podemos encontrar notícias sobre as propostas de manutenção da variedade hunsriqueano. O site do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) publica textos sobre diferentes políticas linguísticas, dentre elas as relacionadas à variedade em questão.

Vários jornais do interior do estado e da região metropolitana de Porto Alegre já publicaram reportagens sobre as ações que estão sendo realizadas para a preservação da variedade. Eles tratam, em geral, das duas maiores ações de preservação da variedade: um grupo que se dedica a mapear as comunidades em que ainda se fala a variedade para criar seu inventário (UFRGS) e outro grupo que se dedica ao ensino dessa variedade e à publicação de livros infantis (Projeto Hunsrik).

Há também *blogs* com iniciativas individuais de refletir sobre a escrita, com a publicação de textos em *Hunsrikisch* ou *Riograndenser Hunsrikisch* (como aparece nos blogs). Novamente, percebe-se que essa variedade é nomeada de uma maneira diferente. Um aplicativo chamado *Memrise* foi utilizado, ainda, para oferecer um “Curso de Hunsrik” gratuito, baseado na escrita criada pela linguista alemã Ursula Wiesemann. Essa estudiosa criou a ortografia para o *Hunsrik* (nome que ela utiliza em seus registros), utilizada também nos materiais e na proposta de ensino escolar do Projeto Hunsrik-Platt Taytx.

No *Youtube*, também podem-se encontrar vídeos em hunsriqueano. Há vídeos de falantes interagindo, relacionados à proposta de ensino da variedade, ao inventário. Há outros editados e publicados por profissionais da comunicação, como vídeos de reportagens de jornais, de programas de TV ou de universidades. Também há alguns com interações de cunho mais informal, em hunsriqueano.

Existem grupos, na rede social *Facebook*², em que falantes podem se expressar na variedade. Um dos grupos, chamado *Hunsrik Sprooch – Língua Renana*, é um grupo público, que permite o acesso e a participação de todos aqueles que se interessam por incentivar a manutenção da variedade. Também permite que qualquer pessoa que participe dessa rede social possa ler as discussões e postagens feitas no grupo, mesmo sem integrá-lo. Apesar de afirmar que esse espaço é pensado para ensinar a ortografia proposta por uma linguista alemã, eles permitem que as pessoas escrevam como quiserem. Segundo a descrição do grupo, “qualquer forma de escrever o hunsrikiano / hunspúkel / renano é aceita” (HUNSRIK..., 2018?). Nota-se que essa declaração reconhece a existência de outros nomes utilizados pelos falantes para se referir a essa variedade linguística.

Esse grupo é composto por mais de 29 mil pessoas e os tópicos de discussão surgem tanto dos administradores do grupo quanto dos participantes. Há, ao longo da página, publicações em hunsriqueano, em português e em alemão padrão. Muitas vezes, essas três línguas aparecem ou são utilizadas por participantes diferentes, relacionadas ao mesmo tópico. Nesses momentos, percebe-se que elas coexistem em harmonia, já que ninguém é criticado por usar uma ou outra variedade. São postadas imagens desejando felicidades em datas comemorativas ou relacionadas aos dias da semana, bem como ensinando aspectos da ortografia dessa variedade na qual os administradores do grupo acreditam, publicadas fotos com atividades do dia a dia dos falantes e temáticas cotidianas, muitas vezes relacionadas com atividades rurais, vídeos relacionados à cultura alemã, com piadas, receitas e canções, entre outros.

Muitas vezes, os participantes do grupo aproveitam esse espaço para perguntar como se fala ou escreve algum termo que eles só lembram em português, como ocorreu com “armadura”, “arco-íris” e “retângulo”, por exemplo. Há também um participante que se propõe a fazer um programa ao vivo, chamado *Hallo Deutsche*

² Os números informados são de dezembro de 2018.

(Olá, alemães) em que ele seleciona e reproduz músicas relacionadas à cultura alemã ao longo de um período de aproximadamente uma hora, bem como interage com os que o assistem em hunsriqueano, lendo recados e comentando sobre aspectos do dia e do seu cotidiano.

Outro grupo, composto por em torno de 260 pessoas, chamado *Ortografia do Alemão-Hunsrik-discussões*, se propõe a discutir a ortografia mais adequada para a variedade hunsriqueano no âmbito da América Latina. Porém, pelo menos no último ano, pouco se discutiu sobre a escrita da variedade.

O fato de não haver debate sobre a escrita pode se dar devido aos falantes não estarem preocupados ou acreditarem na importância de uma norma para a escrita. A diferença entre o número de participantes dos grupos com objetivo de interação na variedade – cerca de 29 mil – e de reflexão sobre sua escrita – em torno de 260 pessoas – pode ser um argumento que reflete o desinteresse dos falantes pela discussão sobre a ortografia dessa variedade.

Em novembro de 2015, foram publicados nesse grupo arquivos em PDF com as duas propostas de ortografia existentes para a variedade brasileira hunsriqueano de origem germânica que apresentam mais divulgação na sociedade, bem como um dicionário online intitulado *Dicionário Hunsriqueano Brasileiro – Português*, de autoria de Piter Kehoma Boll. Porém, esse material foi pouco explorado e discutido nesse grupo.

Existe ainda uma página, também chamada de comunidade, *Plôs Tum Háide* ou, em português, Só bobagens. Cerca de 33 mil pessoas curtiram essa página (dados de dezembro de 2018), que, em seu início, afirma que esse espaço é para que se escreva exatamente como se fala: “*To hía is em plêtzie vô mal chraibe krótzo vi mia chpreche. Van tu tás fachten tust...tan khóm rén*”. Essa página procura representar o linguajar do alemão local, se apropriando de acentos utilizados na língua portuguesa para se fazer compreensível aos seus leitores. Assim, busca-se representar a pronúncia do hunsriqueano com regras do português.

Na referida página, são publicados vídeos e imagens com texto geralmente humorístico, relacionados ao cotidiano, muitas vezes, da pessoa que mora e trabalha na zona rural ou de atividades domésticas que ocorrem em seio familiar. Assim, por vezes, infelizmente, acaba repetindo estereótipos e preconceitos sobre os falantes de hunsriqueano “colonos”, por não reconhecer a possibilidade de

pessoas da zona urbana falarem a variedade. Em outras situações, apresentam piadas relacionadas com o dia a dia ou com as datas comemorativas.

Como se vê, diferentes textos, formais e informais, sobre e nessa variedade linguística estão disponíveis tanto na internet quanto em textos impressos, como jornais e livros.

Todas essas iniciativas de escrita em hunsriqueano mostram que uma parte dos estimados 1.200.000 falantes brasileiros dessa língua de imigração reconhece a legitimidade da forma escrita na sua língua materna, percebendo possibilidades de uso, reconhecendo funções e concedendo a ela um *status* diferente.

Essas ações são resultado de escolhas: escolha de escrever ou não o hunsriqueano, escolha de onde, para quem, para que e como escrever. As decisões tomadas pelos falantes podem influenciar a sua manutenção e o seu uso social.

Pelo que se pode perceber, cada autor escreveu a seu modo, apresentando regras próprias. Essas regras foram criadas com base nas suas experiências com a língua: com leituras prévias ou não em hunsriqueano – os quais poderiam servir de referência para a escrita –, com conhecimento ou não de alemão padrão. Algumas escritas apresentam mais características da língua alemã, e outras, características da língua de contato, a portuguesa.

4.2 Propostas de Ortografia para o Hunsriqueano

Nos últimos anos, foram surgindo grupos de estudos e tentativas de criar uma escrita padronizada dessa variedade linguística. Elas visam a modificar o *status* do hunsriqueano, já que propõem mais usos da língua, passando a ser não só falada, mas também escrita. Assim, a língua pode entrar em domínios em que antes não estava. Duas dessas propostas estão ganhando mais visibilidade: uma delas, desenvolvida no interior do RS, através do trabalho de uma linguista alemã (WIESEMANN, 2008), e outra, desenvolvida na capital deste estado, através da iniciativa de um germanista, professor e pesquisador da UFRGS, e seu grupo de pesquisa (ALTENHOFEN et al., 2007).

As ações propostas por Wiesemann (2007) e Altenhofen et al. (2008) visam a criar *corpus* (FISHMAN, 1972) para essa língua brasileira de imigração, a qual poderá influenciar no *status* que essa língua apresenta entre os falantes e a população em geral.

Todas as ações para a manutenção dessa variedade são válidas no sentido de tratar do hunsriqueano e de valorizá-lo. Os embates entre as propostas podem, porém, gerar confusão aos falantes e aos estudiosos e, assim, ter um caráter negativo. Contudo, formas diferentes de registrar a língua podem permitir comparações e, assim, possibilitar a reflexão, a aprendizagem e o conhecimento metalinguístico do hunsriqueano. Portanto, cabe ao falante, caso queira escrever na sua variedade, optar pela escrita com a qual mais se identifica, já que (ainda) não existe uma escrita padronizada para o hunsriqueano.

4.2.1 Proposta de Altenhofen et al. (2007)

A proposta de escrita 1 foi desenvolvida por um grupo de pesquisadores da UFRGS, liderada pelo germanista Cléo Wilson Altenhofen, falante de hunsriqueano. O desenvolvimento dessa proposta de escrita iniciou com a pesquisa do germanista, no seu mestrado, na década de 1990. No seu doutorado, o pesquisador descreveu essa variedade com base em dez localidades distribuídas pelo RS (ALTENHOFEN, 1996).

Posteriormente, o trabalho foi sendo aprofundado, passando a identificar 41 comunidades de falantes de hunsriqueano no Brasil, na Argentina e no Paraguai, a partir do projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), em parceria com a universidade de Kiel, na Alemanha. Atualmente, o enfoque vem sendo dado ao hunsriqueano, através do ALMA-H. Ao longo dos anos de pesquisa sobre essa variedade, diversos trabalhos de graduação e pós-graduação foram sendo defendidos e compõem os dados de pesquisa do atlas linguístico. Essas pesquisas apresentam grande relevância, já que, sendo essa língua objeto de estudo, ela reveste a língua de importância. Desse modo, a língua é valorizada.

Como as pesquisas desenvolvidas até então tinham muitos dados orais como *corpus*, viu-se a necessidade de criar um sistema de escrita padronizado para transliterar esses dados. Assim, fundou-se o ESCRITHU (Sistema de Escrita do Hunsrückisch), um grupo de estudos para refletir sobre a escrita e a ortografia do hunsriqueano. Esse grupo propôs alguns fundamentos para essa escrita (ALTENHOFEN et al., 2007), com base nas pesquisas realizadas anteriormente e nas discussões desenvolvidas por falantes e pesquisadores da variedade.

O grupo que compõe o ESCRITHU é formado por pessoas de municípios e até estados diferentes, muitos deles falantes de hunsriqueano e/ou alemão padrão e pesquisadores dessa língua. O líder desse grupo demonstra ter bastante conhecimento sobre a língua e sobre sua história. A gestão realizada pela proposta parece ser democrática, pois o grupo auxilia nas tomadas de decisões e se abre espaço para os falantes que não participaram do processo de criação de regras e da transliteração para contribuir e propor mudanças.

Neste sentido, o que o grupo ESCRITHU está propondo vai muito no sentido de fixar 'normas ortográficas' por onde se possa sistematizar a escrita do Hunsrückisch. Evidentemente, essas normas seguem determinados objetivos e opções mais imediatos. Mas será a recepção pelos usuários e a prática de escrita e leitura pelos falantes e demais interessados que darão legitimidade a essas normas de grafia, sugerindo inclusive as alterações que couberem (ALTENHOFEN et al., 2007, p. 75).

Os pesquisadores levam em conta as variedades dentro do hunsriqueano e buscam propor uma escrita respeitando as diferenças reconhecidas nas entrevistas – realizadas a campo – com falantes de diversos locais do estado e do país e percebidas no próprio grupo de estudos. Assim, buscam propor uma escrita que seja compreendida por todos os falantes e que não priorize um modo de falar o hunsriqueano: que respeite as variedades identificadas pelo ALMA-H. De acordo com Altenhofen et al. (2007, p. 76),

Reconhecem-se pelo menos três grandes variantes do Hunsrückisch, partindo da tipologia de Altenhofen (1996, mapa 6, v. anexo), a saber:

1. Hunsrückisch com traços [+ moselanos] (o tipo com maior número de traços dialetais que o distanciam do Hochdeutsch): p.ex. falantes de dat/wat (predomina na maioria dos autores, como RAMBO [1937-1961] e BRUMMBÄR-KALENDER [1931- 1935]);
2. Hunsrückisch com traços [+ renanos] (segundo o estudo de Altenhofen (1996), o tipo mais falado): p.ex. falantes de das/was (mais comum em SPOHR [vários] e em GROSS 2001);
3. Hunsrückisch atenuado, com traços mais próximos do padrão: p.ex. falantes de /ai/ em lugar de /e:/, como em Bein, (mais comum em FLACH 2004).

Conversamos com pessoas do grupo de pesquisa para conhecer com mais detalhes a proposta e um deles foi entrevistado, Cléo Altenhofen. Ele é falante de hunsriqueano desde criança e, na fase adulta, vem refletindo sobre a escrita da sua língua materna. Ele é um dos pesquisadores que está envolvido no processo de criação proposta ortográfica do ALMA-H. Cléo comenta sobre o cuidado que os integrantes têm com a variação. De acordo com ele, busca-se escrever de uma

forma que todas as áreas de falantes de hunsriqueano entendam. Mesmo assim, em uma publicação de textos de diversos autores nessa língua de imigração, o grupo respeitou a escolha do escritor, o seu estilo de escrita.

Excerto 1

Cléo: Ao revisar os textos do concurso, às vezes estava escrito de um jeito. Daí a gente consultou e os autores disseram: 'Não, eu quero escrever assim'. Eles queriam escrever MUSCHTE com M-U-S-C-H-T-E, que a gente não usaria. A gente escreveria M-U-S-S-T-E, MUSSTE.

Pesquisadora: Que nem o Hochdeutsch?

Cléo: Isto. E tu lêis se tu queres MUSCHTE ou MUSSTE. É porque nem todo mundo diz MUSCHTE. A gente tem que pensar no todo. A gente tem a visão da variação completa do Hunsrückisch. O ALMA dá essa variação.

Pesquisadora: Perceber que não é só nessa comunidade que é falado. E se tu vais produzir, não são somente aquelas pessoas que devem entender.

Cléo: Lutero também pensou assim. Que todas as áreas de língua alemã entendam.

No Excerto 1, Cléo comenta que a pronúncia dos falantes nem sempre é idêntica. Ele usa como exemplo a palavra *musste*, que é o verbo *müssen* – o qual significa ter que, precisar – no passado. Alguns falantes dizem [m ʊ s t ə] e outros, [m ʊ ʃ t ə]. Essa variação de pronúncia é muita rica e pode, conforme o relato de Cléo, aparecer também na escrita. O grupo propõe que, atualmente, no Brasil, predominem as variedades de hunsriqueano do tipo *Deutsch* e do tipo *Deitsch*.

Os pesquisadores do grupo definem a variedade de diferentes maneiras, dependendo do ponto de vista teórico e do ponto histórico e/ou geográfico que se está levando em conta. Ela pode ser chamada de língua, língua alóctone, variedade dialetal essencialmente falada, variedade de contato com o português, coiné de contato com o português, língua de imigração, língua brasileira de imigração, língua materna, língua de identidade e língua minoritária. Essas possibilidades de uso relacionam a variedade à sua história, como uma língua que vem de fora do Brasil, mas que, ao ser falada por quase 200 anos no país, é uma língua nacional de comunidades e minorias. Pode-se inferir, a partir dessa diversidade de caracterizações da variedade, uma riqueza ideológica e política reconhecida pelo grupo.

De acordo com Cléo, definir o hunsriqueano como uma língua de imigração dá visibilidade a ela. Sendo uma das línguas que está à margem da língua oficial do

Brasil, majoritária, o português, ela é reconhecida como uma língua brasileira marginalizada e, por sua vez, minoritária.

Excerto 2

Cléo: Nós falamos em língua de imigração na política linguística brasileira. Ela dá categoria: línguas afro-brasileiras, língua de sinais, línguas crioulas, línguas indígenas, línguas de imigração. Isso foi uma grande conquista, porque nos colocou no mapa, nos deu visibilidade. Essas diferentes categorias tem em comum o fato de estarem à margem da língua majoritária portuguesa.

A proposta do grupo segue um princípio ideográfico, ao tentar escrever da forma mais semelhante etimologicamente à língua de origem, a língua alemã, utilizando regras desta língua. Assim, o sobrenome de descendência alemã *Schneider* seria escrito da mesma forma, e a palavra língua, *Sprache*, seria representada por *Sproch*, com modificação da vogal a para o, bem como a redução de letras, ao cortar a vogal e, ao final. De acordo com Altenhofen et al. (2007, p. 76), “A presente proposta de escrita considera a tradição pré-existente e a vinculação histórica e lingüística ao alemão, de onde proveio (critério genético)”.

Conforme Altenhofen et al. (2007), os falantes de hunsriqueano apresentam um grau variado de conhecimento prévio da escrita do alemão padrão. Essa escrita está presente em sobrenomes, em nomes de festas de algumas comunidades ou em publicações de revistas locais em alemão.

Não se considera que o pré-conhecimento de elementos gráficos do Hochdeutsch esteja totalmente ausente. Pelo contrário, partimos do princípio de que os falantes de Hunsrückisch possuem, naturalmente em grau variado, alguma noção prévia de convenções da escrita do alemão, desde sobrenomes (*Schneider, Müller, Neumann, Käfer* etc.) ou inscrições de topônimos ou festas observáveis no meio social, até o acesso a publicações locais em alemão (*Familien-Kalender, Sankt-Paulus-Blatt* etc.) (ALTENHOFEN et al., 2007, p. 75-76, grifo do autor).

Cléo acredita que todo falante tenha algum conhecimento de alemão *standard* e que, por isso, a escrita com base etimológica do hunsriqueano seria coerente. De acordo com ele, muitas pessoas no Brasil possuem sobrenome de origem alemã. Assim, adotando a prática de escrever o hunsriqueano com base no alemão padrão e não com base na escrita do português brasileiro, se respeitaria a história da língua.

Excerto 3

Cléo: Tem que olhar pra sua história. Como é que escreviam os avós? Eles se baseavam no alemão standard, na escrita do alemão standard, que é a nossa proposta. Porque permite a ti que, fala vestfaliano, também entender; permite a Luiza, que não fala alemão, também, através da aprendizagem do Hochdeutsch, conseguir decifrar. Eu vou escrever 'Reich' – R-E-I-C-H – e a pronúncia é a mesma. Porque tem gente com sobrenome Schneider em que se escreve ei.

Esse grupo se propõe a escrever os substantivos comuns com letra maiúscula, com base na tradição escrita do hunsriqueano, que, em sua maior parte, se apropria dessa regra do alemão *standard*. De semelhante forma, o grupo mantém as palavras compostas. Eles respeitam a forma aglutinada das palavras. Para refrigerante, escreve-se *Spritzbier*, por exemplo, ao invés de *spritz bier*, o que poderia causar dúvidas na compreensão. Ele também aceita os empréstimos do português, afirmando que pode haver diferentes formas de escrever essas palavras, as quais serão determinadas pelos usos cotidianos da escrita do hunsriqueano. Para o grupo, a regra se dará pelo uso dos falantes/escritores.

Abaixo apresentamos um quadro que exhibe, de forma resumida, a proposta ortográfica de Altenhofen et al. (2007).

Quadro 1 – Resumo da Proposta Ortográfica de Altenhofen et al. (2007)

<p>Aspectos tipográficos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • substantivos com inicial maiúscula: <i>das Fest</i> 'a festa' (compare-se <i>fest</i> 'preso, fixo'), <i>de Brige</i> 'briga' (compare-se <i>brige</i> 'brigar'). • palavras compostas escritas junto: <i>Blitzlamp</i> 'lanterna', <i>Dickkopp</i> 'cabeçudo'. • escrita dos estrangeiros como na língua-fonte: <i>die Calçada</i> 'a calçada', <i>de Milho</i> 'o milho', <i>de Show</i> 'o show', <i>de Jorge</i> 'o Jorge', <i>die Corrupção</i> 'a corrupção'. • empréstimos integrados seguindo as regras do Hunsrückisch: <i>die Kalsoode</i> 'a calçada', <i>de Miljekolwe</i> 'a espiga de milho', <i>de Schosch</i> 'o Jorge' (cf. francês <i>Georg</i>), <i>die Korruption</i> 'a corrupção'.
<p>Vogais breves:</p> <ul style="list-style-type: none"> • vogal diante de duas consoantes: <i>kalt</i> 'frio', <i>holl</i> 'pega', <i>Stenn</i> 'estrela, testa', <i>Land</i> 'terra', <i>Stross</i> 'garganta', <i>Fest</i> 'festa', <i>lenne</i> 'aprender', <i>bringe</i> 'trazer', <i>krinse</i> 'resmungar'. • duplicação da consoante em contextos de adição de vogal epentética: <i>Millich</i> 'leite', <i>Berrich</i> 'morro'. • <-er> em final de palavra: <i>immer</i> 'sempre', <i>Kinner</i> 'crianças', <i>Menner</i> 'homens', <i>Fenster</i> 'janela', <i>Lehrer</i> 'professor', <i>Wasser</i> 'água', <i>Lewwer</i> 'fígado', <i>scheener</i> 'mais bonito', <i>hetter</i> 'mais alto, mais duro'.

Vogais longas:

- **vogal diante de consoante simples** pronuncia-se longa: *gros* 'grande', *Stros* 'rua', *ruwe* 'chamar', *Lewe* 'vida', *Bower* 'abóbora', *Buwe* 'rapazes', *Assude* 'açude', *blumich* 'floreado', *brige* 'brigar'.
- **vogal diante de <h>** pronuncia-se longa: *hohl* 'oco', *stehn* 'estar em pé', *Kuhstall* 'estábulo', *Schuhbennel* 'cadarço do sapato'.
- **<u> diante de <ch>**: *Kuche* 'cuca', *kluch* 'inteligente', *Kuchel* 'bola'.
- **<o> fechado diante de <ch>**: *Vochel* 'pássaro'.
- **<ie>** (/i/ longo) *lieb* 'querido', *Spiel* 'jogo', *mied* 'cansado', *Lied* 'canção', *schmiere* 'passar em algo, esfregar', *telefoniere* 'telefonar'.
- **<ee>** (/e/ longo) *kleen* 'pequeno', *scheen* 'bonito', *Reen* var. *Reeche* 'chuva', *schmeere* 'esfregar', *telefoneere* 'telefonar'.
- **<oo>** (/o/ longo aberto) *Goode* 'jardim', *Froo* 'mulher', *Tooch* 'dia', *woorem* 'quente', *Groos* 'grama', *soohn* 'dizer' (exceção: prefixo *on-*, *onmache* 'ligar', *onbinne* 'amarrar').
- **<aa>** (/a/ longo) *Gaade* 'jardim', *Fraa* 'mulher', *Taach* 'dia'.

Ditongos:

- **<ei>** *Schneider* 'alfaiate', *fein* 'fino', *heit* 'hoje', *Leit* 'pessoas', *Ei* var. *Eu* 'ovo', *Feier* 'fogo'.
- **<eu>** *Neumann* 'um sobrenome conhecido', *neun* var. *nein* 'nove', *Eu* var. *Ei* 'ovo', *zweu* var. *zwei* 'dois', *Meu* 'visita', *heut* 'hoje', *Leut* 'pessoas'.
- **<au>** *Haus* 'casa', *Maus* 'camundongo', *raus* 'para fora', *Haut* 'pele', *Maul* 'boca', *haue* 'bater'.
- **<ui>** *Teekui* 'cuia de chimarrão', *Lui* 'abreviatura de *Luís*'.
- **<ea> em sílaba tônica:** *Weat* 'valor', *mea* 'nós', *Tea* 'porta', *Schea* 'tesoura' (exceções: *leer* 'vazio', *Meer* 'mar', *Lehr* 'ensinamento')
- **<-ohr, -or> com pronúncia de /oa/:** *Rohr* 'cano, mangueira', *wohr* 'verdadeiro', *Johr* 'ano', *Ohr* 'orelha', *Hohr* 'cabelo', também *vor* 'antes'.
- **<-uhr, -ur> com pronúncia de /ua/:** *Uhr* 'relógio, hora', *Fuhr* 'carreiro ao arar', também *pur* 'puro', *Natur* 'natureza'.

Consoantes:

- **<j>** *jedes Johr* 'todos os anos', *Jacke* 'casaco', *Jookob* 'Jakob', *Griensje* 'salsinha', *Bliesje* 'blusinha', *Miljehitt* 'paiol'.
- **<z>** (em sílaba tônica) *Zeitung* 'jornal', *Zimmer* 'quarto', *Zeich* 'roupa', *Zucker* 'açúcar', *zackre* 'arar', *vezehle* 'conversar', *zurick* 'de volta', *zwerich* 'diagonal, mal-educado', *Zwíwwel* 'cebola'.
- **<tz>** (em posição pós-tônica) *Katz* 'gato', *Hetz* 'coração', *Kotz* 'vômito', *spritze* 'respingar, vacinar', *kitzlich* 'coceguento', *putze* 'limpar'.
- **<s>** *sauwer* 'limpo', *Kees* 'queijo', *Kuss* 'beijo', *sammle* 'coleccionar, juntar', *passeere* 'acontecer', *glense* 'brilhar'.

- <w> *Wasser* 'água', *Worrem* 'verme', *lewe* 'viver', *Wowwo* 'vovô', *Wowwe* 'vovó', *Wunner* 'admiração', *Winter* 'inverno', *Woose* 'vaso'.
- <v> *Vater* 'pai', *Vohl* var. *Vochel* 'pássaro', *vekoofe* 'vender', *vebreche* 'quebrar', *vorgehn* 'avançar', *vorrich Johr* 'ano passado', *vonne* 'na frente'.
- <f> *Faulenser* 'preguiçoso', *finne* 'achar', *Fehler* 'erro', *fakoofe* 'vender', *fabreche* 'quebrar'.
- <p> (por tradição + com aspiração): *Pans* 'barriga', *Pooter* 'padre', *Patt* 'padrinho', *petze* 'beliscar', *vespeet* 'atrasado', *planse* 'plantar'.
- (sem aspiração): *bettle* 'pedir esmola', *babble* 'tagarelar', *Bock* 'bode', *Bicher* 'livros', *Gebet* 'oração', *brille* 'chorar'.
- <t> (por tradição + com aspiração): *Teiwel* 'diabo', *Tinte* 'tinta', *traurich* 'triste', *toofe* 'batizar', *teier* 'caro', *Tante* 'tia', *tausend unn tante* 'mil e tantos'.
- <d> (sem aspiração): *dumm* 'bobo', *denke* 'pensar', *dummlle* 'apressar-se', *Deckel* 'tampa', *de best* 'o melhor'.
- <g> *gut*, *Gaul* 'cavalo', *gewinne* 'ganhar', *Glick* 'sorte', *gille*, *gewwe* 'dar', *Guri* 'guri', *Goode* 'jardim, horta', *brige* 'brigar', *Bricke* 'pontes', *de greest* 'o maior'.
- <ng> *bang* 'com medo', *lang* 'por muito tempo' (exceção: *lank* /*lankl* 'longo'), *Finger* 'dedo', *lenger* 'mais longo', *angle* 'pescar', *Engel* 'anjo', *Springersaleb* 'ungüento Springer', *onfange* 'começar', *Jung* 'rapaz', *jinger* (exceção: *jung* /*junkl* 'jovem').
- <nk> *Bank* 'banco', *Benk* 'bancos', *lank* 'longo', *krank* 'doente', *lenke* 'guiar', *Lenk*, *flink* 'hábil', *Onkel* 'tio'.
- <ck> *Mick* 'mosca', *verrickt* 'louco', *Brick*, *Wecker* 'despertador', *Becker* 'padeiro', *packe* 'conseguiar', *backe* 'assar', *Backe* 'bochecha', *Seckel* 'bolso'.
- <k> *kaputt* 'estragado', *Kunne* 'cliente, cara', *koofe* 'comprar', *Kui* 'cuia', *Kisse* 'travesseiro', *Kanecker* 'caneca', *Kerrich* 'igreja'.
- <sp> *vespreche* 'prometer', *Spinneweb* 'teia de aranha', *spassich* 'estranho, engraçado', *gesprach* 'falado'.
- <st> *Steier* 'imposto', *Stros* 'estrada', *Gestank* 'fedor', *ufsteie* 'levantar', *vestehn* 'compreender', *Stihl* 'cadeiras', *Stimm* 'voz, voto'.
- <sch> *Schul* 'escola', *fosch* 'forte', *veschreiwe* 'receitar', *schneide* 'cortar', *Schmea* var. *Schmier* 'marmelada, doce para passar no pão, chimia'.
- <ch> *ich* 'eu', *richtich* 'correto', *schlecht* 'ruim', *noch* 'ainda', *Tischtuch* 'toalha de mesa', *jachte* 'caçar', *Hietche* 'chapéuzinho' (compare-se *Hittche* 'cabaninha').
- <m> *mechtich* 'muito', *mim* 'com o' (compare-se *mit'dem*), *om Enn* 'no fim', *amenn* 'talvez', *brumme* 'rosnar', *Teebumb* 'bomba de chimarrão', *Boddem* var. *Bodem* var. *Borrem* 'chão'.
- <n> *Schreibnoome* 'sobrenome', *Wand* 'parede', *onnanner* 'um ao outro', *Indruck* 'impressão'.

Fonte: Altenhofen et al. (2007, p. 82-84).

De novembro a dezembro de 2017, foi realizado por integrantes dessa equipe, um concurso literário em hunsriqueano, em que pessoas de qualquer local do país e do mundo poderiam escrever textos em verso ou em prosa e encaminhar para a comissão julgadora, composta pela Coordenação do IHLBrI. O I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017 teve como produto final um livro em formato *ebook* e impresso (ALTENHOFEN et al., 2018), conforme apresentado anteriormente (seção 2.4.2).

Em 2018, o grupo organizou, em parceria com o IPOL e o IPHAN, dois encontros de falantes de hunsriqueano, um em Florianópolis/SC – nos dias 24 e 25

de agosto – e outro em Nova Petrópolis/RS – nos dias 12 e 13 de outubro. Nesses encontros, foi apresentado o inventário que está sendo desenvolvido pelo grupo para a língua de imigração, e os falantes puderam estabelecer contato com outros do seu estado. Também foi apresentado um documentário que está sendo produzido pelo grupo, com base nas entrevistas realizadas durante o projeto ALMA-H.

Todas as ações realizadas pelos grupos ALMA-H e ESCRITHU, algumas delas apresentadas anteriormente, mostram respeito à origem da língua e aos falantes. Percebe-se que as decisões tomadas coletivamente são bem planejadas e baseadas nos dados coletados com falantes de vários municípios do país e da América Latina.

Pode ser reconhecido um fio condutor claro no processo do trabalho desenvolvido por esse grupo. Primeiro, mapearam-se os pontos de comunidades falantes de hunsriqueano na América Latina, através de visitas *in loco*. Posteriormente, realizou-se transcrição das inúmeras entrevistas efetuadas. Então, com a necessidade de fazer um registro escrito padronizado dos dados, foram criados princípios para a escrita. Mais tarde, reconhecendo, nas entrevistas, a diminuição dos falantes, iniciou-se o trabalho com o inventário do hunsriqueano, a fim de buscar visibilidade para a língua e possibilitar ações de fomento a ela. Em seguida, e como parte do inventário, foram realizados um documentário e um concurso literário. Mais ações estão previstas para a posterioridade.

Percebe-se que todas essas propostas são complexas, amplas e demandam de bastante trabalho, estudo e tempo. Além disso, os atores sociais que participam da proposta desempenham mais funções sociais na universidade além de se envolverem com a proposta: são estudantes de língua alemã, pós-graduandos, professores, orientadores, coordenadores de cursos, entre outros. Dessa forma, muitas vezes, o tempo necessário para concluir as ações planejadas em prol da língua é maior do que o esperado.

4.2.2 Proposta de Wiesemann (2008)

A proposta de escrita 2 foi organizada pela linguista alemã Ursula Wiesemann, não falante da variedade hunsriqueano. A linguista trabalhou por um longo período com a descrição fonológica e gramatical de línguas indígenas, bem como de outras línguas ágrafas pelo mundo. Essa proposta foi desenvolvida em

Santa Maria do Herval, um município do interior do estado em que a variedade ainda é muito falada e acredita-se ter tido menos contato com outras línguas de contato. As colaboradoras do projeto são professoras falantes da variedade, moradoras do município em que a proposta foi desenvolvida.

Conversou-se com algumas pessoas envolvidas no processo de criação dessa ortografia. De acordo com uma delas, Solange Johann, o processo de criação dessa ortografia se iniciou em 2004 e se deu até 2008. Ele ocorreu por interesse da SIL Internacional³ de criar uma escrita para esta língua que era, segundo ela, até então, ágrafa. Essa escrita foi desenvolvida por três linguistas dessa organização científica.

Excerto 4

Pesquisadora: Qual foi a origem do projeto Hunsrik? Um interesse teu ou alguém te buscou? Como é que foi?

Solange: Sim. Nós fomos buscados pela Sociedade Internacional de Linguística que enviou 3 linguistas em 2004 para cá, coordenados pela doutora Ursula Wiesemann.[...]

Pesquisadora Então a Úrsula veio pra cá em 2004 e aí...

Solange: 2004 e ficou até junho de 2008.

Pesquisadora: E esse tempo então vocês trabalhavam nessa questão da escrita?

Solange: Sete dias por semana.

As pessoas que seguem a proposta de escrita de Wiesemann nomeiam a variedade de *Hunsrik*. Elas afirmam que o *Hunsrik* ou *Hunsrik-Platt Taytx* (hunsriqueano-alemão baixo) é uma língua brasileira. Elas também se referem a ela como língua germânica falada na América do Sul. Essa definição acaba por afastar a variedade da língua alemã falada ainda hoje na Alemanha ou do alemão padrão, aproximando-a do contexto em que é falada. Na proposta de Wiesemann (2008, p. 3), é apresentada uma “[...] análise fonológica do Hunsrik do Brasil e uma maneira de escrevê-lo ortograficamente, levando em consideração o seu contexto geográfico na América Latina e cultural em contato com o Português”.

Solange relata o nome se originou do uso pelos falantes entrevistados, durante o processo de codificação da língua. De acordo com ela, os falantes desse

³ A SIL Internacional (*Sommer Institut of Linguistics* ou Sociedade Internacional de Linguística) surgiu em 1934. Ela é uma organização científica que trabalha com a criação de ortografia, de literatura e de educação para comunidades de línguas minoritárias ágrafas. Ela apresenta fins cristãos de traduzir a bíblia para essas línguas. Os dados linguísticos são disponibilizados no site Ethnologue.com. Esta organização é consultora da UNESCO.

município fazem referência à sua língua materna chamando-a de *Hunsrik* ou *Hunsrickisch*.

Excerto 5

Pesquisadora: Interessante. Então a linguista veio pra cá e o primeiro objetivo dela...

Solange: Era criar a escrita para o Hunsrik, o Platt Taytx. No caso, Hunsrik, escolher o nome fomos nós que escolhemos, porque a gente entrevistava as pessoas, as pessoas diziam: 'Ah, mir spreche Hunsrik', Hunsrückisch oder Hunsrik, né, conforme o grau de estudo das pessoas. E a gente optou por esse nome e hoje, devido a esse festival da língua que acontece em Sarreguemines na França, 'Mir rede Platt', nós falamos Platt. E estudando a história das línguas, a gente descobriu que o correto é Platt Taytx. Que o Hunrik é uma das regiões que fala o Platt na Europa.

O princípio da escrita dessa proposta é fonológico. Através desse princípio, propõe-se representar o modo como as palavras são faladas. Assim, busca-se representar a pronúncia das palavras em uma comunidade em que se acredita que a variedade teve menos contato com o português, representando *Xnayda* para o sobrenome de descendência alemã *Schneider* que significa alfaiate ou *Xprooch* para língua, que em alemão padrão, seria *Sprache*.

É interessante observar, contudo, que pelo menos um som do hunsriqueano não existe na fonética das línguas faladas na América Latina. Na palavra *Xprooch*, que é pronunciada [ʃ p r o x], o som aspirado [x] está representado tal como a escrita da língua alemã padrão, pelo dígrafo *ch*. Dessa forma, percebe-se uma incoerência com o objetivo da proposta de desvincular a língua local da língua alemã padrão.

Wiesemann (2008) propõe que a escrita se baseie nos fonemas do hunsriqueano. "Assim estamos propondo para o Hunsrik sul-americano de escrevê-lo de maneira regular, segundo os fonemas (não os sons) da língua" (WIESEMANN, 2008, p. 3). Wiesemann (2008) considera fonema e som conceitos não equivalentes, mas não explica o que entende por cada qual.

O grupo que propôs essa escrita foi formado, inicialmente, por linguistas que gravavam pessoas. Uma das linguistas ficou, durante cinco anos, desenvolvendo a escrita e testando-a com falantes da comunidade, principalmente com crianças.

O processo de produção da escrita através dos fonemas do hunsriqueano foi descrito por Solange. Ela lembra que um grupo de falantes de diferentes idades foi convidado a falar algumas palavras em hunsriqueano, as quais eram gravadas, comparadas e então se estabelecia a escrita, com base na frequência de usos.

Excerto 6

Solange: E daí chegou a doutora Úrsula com mais dois linguistas aqui e eles têm programa de computador. Esses outros dois linguistas que estavam sob a coordenação dela, eles vêm com seus computadores e um cd com o programa e eles convidaram mais ou menos 40 pessoas de desde criança até idosos de ambos os sexos e daí eles vem com uma lista. Eu não tenho mais certeza, se não me engano são uma lista de 300 palavras que a gente tinha que gravar pra eles. Eles ficavam dizendo, são palavras que existem em todas as línguas, pão, pé, cabeça, palavras básicas assim, né. Nós tinha que dizer isso em Hunsrik.

Pesquisadora: E aí eles faziam...

Solange: Aí eles gravavam e assim, isso aparecia aqui no computador que nem um eletrocardiograma, assim, a frequência da palavra. A gente terminava de dizer, ou essas 40 pessoas e aí eles já diziam, 'Ah, aqui é um i longo, aqui é um o curto'. A frequência já dá, daí eles só transcreviam.

A escrita fonológica que é proposta por esse grupo é baseada numa parcela de falantes de um município do interior do RS. A escrita se dá de uma maneira única, com base nos usos da maioria dos entrevistados. A variação linguística do hunsriqueano, que é reconhecida pela linguista, não é contemplada na transliteração de palavras falantes em um único município. De acordo com Wiesemann (2008, p. 35), "Certas palavras pronunciam-se de várias maneiras segundo a região e até segundo a família. Estamos propondo a fala usada pelos habitantes de Santa Maria do Herval por ser a região da qual muitos migraram para outras regiões, levando a língua".

Essa proposta de escrita utiliza regras internacionais de escrita, baseando-se nas línguas locais, português e espanhol. De acordo com Wiesemann (2008), os sons do hunsriqueano do Brasil têm semelhança com as línguas latinas.

No Brasil e em outros países sul-americanos ouve-se uma variante do *Hunsrik*, que embora seja uma língua Germânica distingue-se tanto do 'Alemão gramatical' chamado aqui de *Hochdeutsch* quanto do *Hunsrück* falado na Alemanha. Fala-se no contexto do Português do Brasil ou do Castelhana. Os falantes são adultos que aprenderam a falar e ler estas línguas. Assim eles percebem os sons do *Hunsrik* através do molde destas línguas latinas (WIESEMANN, 2008, p. 27, grifo nosso).

Assim, os substantivos comuns iniciam com letra minúscula, de acordo com as línguas latinas. Também há o uso da letra x para representar o som [j], por exemplo. Há também um uso maior da letra y para representar o som [i].

Wiesemann (2008) se refere ao alemão padrão como *Hochdeutsch*, alemão alto, em consonância com a região em que essa língua era falada, primeiramente, na Alemanha, antes de se tornar a variedade *standard*. Porém, ela também a nomeia alemão gramatical. Essa expressão carrega um estigma em relação às outras variedades de alemão que têm menos prestígio, como se elas não apresentassem gramática. Toda variedade linguística apresenta regras próprias de uso, usos sistematizados, ou seja, tem uma gramática. Dessa forma, acreditamos que o uso desse termo para definir a variedade padrão do alemão é inadequado e deprecia as outras variedades da língua.

A gestão linguística da escrita parece ser feita por poucas pessoas. A proposta foi iniciada por pessoas de fora da comunidade, não falantes de hunsriqueano – linguistas da SIL Internacional, para as pessoas da comunidade de fala.

Abaixo, no quadro 2, podemos observar um resumo da proposta elaborada por Wiesemann (2007). A mesma foi elaborada com o fim de auxiliar o professor de hunsriqueano no ensino das regras dessa escrita, há, inclusive, uma seção chamada *Guia do Professor*. Antes de apresentar as regras, um pequeno parágrafo com instruções é apresentado, lembrando os princípios dessa escrita.

Alfabeto e algumas regras de ortografia da língua Hunsrik, língua Germânica falada na América do Sul, especialmente no Brasil. Foram desenvolvidas levando em consideração a ortografia do Português. Algumas vogais têm pronúncia diferente, dependente da região ou da família. Todas as pronúncias são corretas, mas para desenvolver uma norma é necessário escrever de uma só maneira. Não seguimos o costume do Hochdeutsch de escrever com maiúscula os substantivos, mas sim os nomes próprios. Também não adotamos o costume alemão de juntar palavras; cada palavra escreve-se separada, evitando palavras compridas e difíceis de ler (WIESEMANN, 2008, p. 30).

Quadro 2 – Resumo da Proposta Ortográfica de Wiesemann (2008)

Português		Hunsrik
Vogais		Vogais
a (curto) <a>	aperto, casa	awer, ap xeele, tanke, knaps - mas, descascar, agradecer, rarefeito
aa (longo) <aa>	amar, barca, casa	waar, taach, saan - era, dia, dizer
ó (longo) <aa>	ovos, órgãos	
e (curto) <ë>	pé, recepção, móvel	ketënk, frëch, nët - pensado, mal criado, não
e (longo) <ee>	pena, vez, tema	see, seeye, leewe - lagoa, semear, viver
e (shwa) <e>	Lages	kelaaf, tanke, mache, hëmesye - correu, agradecer, fazer, terneirinho
i (curto) <i>	boi, noivo	wint, in, licht - vento, dentro, luz
i (longo) <ii>	viu, fiz, ruído	tii, fiis, khii - ela, pés, vacas
o (curto) <o>	otimista, porta, pó	forem, noch - forma (geométrica), ainda
o (longo) <oo>	orelha, avô, sono	poone, oowe, toot - feijões, fogão, morto
u (curto) <u>	urubu, sonho, fato,	uf, tunkel, fruchte - aberto, escuro, frutas
u (longo) <uu>	urubu, crú	fuus, muut, pluum - pé, vontade, flor
ai <ay>	pai, saia, raiva	fayer, hochtsayt, xtayn - fogo, casamento, pedra
oi <oy>	oito, boi, herói	froynt, xloych, toych - amigo, mangueira, massa
au <au>	aula, pau, Paulo	praut, kaul, haut - noiva, cavalo, pele

Consoantes		Consoantes
ch <ch>	(C)	licht, macht, sich - luz, faz, para si
f <f>	forte, feliz	fiil, fliiye, truf - muito, voar, em cima
h <h>	(rio, rua)	hël, haufe, haus - claro, monte, casa
j <j>	jornal, jacaré	karaaje, ranje, koraaj, jërmaanix - garagem, laranja, coragem, germânico
k <k>	casa, querido, quando	kuut, kwël, kuke - bom, fonte, olhar
kh <kh>	(CC)	khuu, khiner, khaue - vaca, filhos, mastigar
l <l>	luz, ala, aula, ler	licht, hël, luft - luz, claro, ar
m <m>	meu, muito	moont, man, fom - lua, homem, do
n <n>	nove, novela, nunca, ano	nachts, knaps, moynt - de noite, rarefeito, manhã
ng <ng>	(C),(bem, bom)	pringe, lang - trazer, comprido
nk <nk>	(CC) nunca, banco	trinke, pënk, krank - beber, bancos, doente
p <p>	papel, poupa, produto	puup, plats, këp - garoto, lugar, dar
ph <ph>	(CC)	phif, phan, phil - assobio, frigideira, comprimido
r <r>	crer, praga, triângulo, beira	rom, kraut, xwartse, khiner, phëyerche, kreeseer, ferkhaafe - em redor, repolho, pretos, filhos, casal, maior, vender
s <s>	sol, caçar, isso, cem, rios	sol, plats, haas - deve, lugar, coelho

t <t>	tia, todo, batata	tii, truke, tsayt, taach - <i>ela, datilografar, tempo, dia</i>
th <th>	(CC)	thax, thante, thee walt - <i>bolsa, tia, erva</i>
w <w>	virgula, verdura, dividir	waar, kwël, antwort - <i>era, fonte, resposta</i>
x <x>	xarope, lixo, xícara	xif, xmaal, kwatx - <i>navio, estreito, tagarela</i>
y <y>		yeete, haysye, familye - <i>cada um, casinha, família</i>

Fonte: Wiesemann (2008, p. 30-32).

Após a criação da escrita, com base nessa proposta, foi desenvolvido o Projeto Hunsrik. Esse projeto se propõe a preservar o hunsriqueano e incentivar os falantes a escreverem nessa língua. Através dele, foram traduzidos diversos textos. Alguns foram publicados por três anos, de 2014 a 2017, com frequência, em geral, semanal, em um jornal do interior do estado, no jornal O Diário da Encosta da Serra. Outros, foram publicados em formato de livro, com patrocínio de empresas locais e da Sociedade Bíblica, como se viu antes.

Duas pessoas que participaram, como falantes da variedade, do processo de codificação do hunsriqueano, receberam formação e um certificado de 380 horas da SIL Internacional, que as habilita a dar capacitação para a escrita dessa língua. Assim, elas propuseram, com incentivo dos linguistas, o ensino da variedade em nível municipal, o qual existe no município de Santa Maria do Herval/RS desde agosto de 2011. Em parceria com a prefeitura municipal, ofereceram cursos de formação para professores das escolas de educação infantil, em 2011 e 2012.

Posteriormente, passaram a oferecer a proposta de ensino também a outros municípios da região. Em Estância Velha/RS, alguns professores – os quais atuaram no ensino, nas escolas de anos iniciais – receberam formação e o projeto teve duração de um ano, em 2016. Outros municípios foram procurados, alguns procuraram o projeto, mas em nenhum outro caso a implantação da proposta de ensino da língua local ocorreu, até o final do ano letivo de 2018.

O grupo já realizou ações de parceria com igrejas de Santa Maria do Herval, tanto a católica quanto a luterana, com leitura de textos bíblicos em hunsriqueano durante as celebrações religiosas. Ele também vem trabalhando na tradução de textos bíblicos, conforme conta Martina (38 anos), outra colaboradora do projeto, ao ser questionada sobre os usos dessa escrita, atualmente.

Excerto 7

Pesquisadora: Pra que tu usa a escrita hoje?

Martina: A gente faz a tradução. A gente tem uma parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil e a gente faz a tradução da bíblia, né, primeiro, começando pelo novo testamento. Mas a gente já tem bastante coisa do antigo testamento também, mas o foco é o novo. A gente já traduziu completamente o livro de Lucas, o livro de João, os, as leituras canônicas e vários livros também de mais infantis, né, de histórias bíblicas.

A proposta de ortografia acima apresentada surgiu com um fim objetivo, criar uma escrita para uma língua considerada ágrafa, e um fim subjetivo, traduzir a bíblia para essa língua. Dessa forma, é possível observar que essa proposta tem vínculo com temáticas religiosas, sendo também parceira de um órgão religioso na tarefa de traduzir a Bíblia para o hunsriqueano. O suporte financeiro dá poder a esse projeto, já que, com recursos, pode imprimir e distribuir gratuitamente materiais na proposta ortográfica desenvolvida por Wiesemann (2008), desde panfletos até livros, para falantes de diferentes locais do Brasil, bem como do Paraguai e da Argentina. O poder pode pressionar falantes a acreditar que essa proposta deva ser utilizada por eles.

Percebe-se que o grupo que desenvolveu essa ortografia tem uma preocupação com o ensino escolar dessa variedade, desenvolvendo o ensino nos anos iniciais no município em que a proposta ortográfica foi criada, oferecendo-a também para outras realidades em que há falantes de hunsriqueano. As políticas de aquisição desenvolvidas por esse grupo, em consonância com Cooper (1989), organizam esforços para poder ensinar a língua alemã local.

Porém, não fica claro se o grupo, ao implementar o ensino da ortografia do hunsriqueano, levou em conta seis aspectos fundamentais, propostos por Kaplan e Baldauf Jr. (1997), para implantar uma política de aquisição. A língua, os profissionais e os alunos foram determinados pela equipe do projeto. A equipe decidiu ensinar a língua local, a qual já tinha recebido recentemente registro escrito. Duas professoras foram capacitadas para ensinar e a faixa etária dos alunos foi definida, anos iniciais do ensino fundamental. Porém, as metodologias aplicadas, as formas de avaliação e o suporte de material ao professor para realizar o ensino foram aspectos não foram pensados com profundidade, precisando ser definidas durante o andamento do projeto.

Essa política educacional vinculada a uma crença religiosa, como se percebe, não demonstra estar comprometida com um princípio federativo brasileiro. O Brasil, como um país laico, não deve favorecer ou propor o ensino de uma crença religiosa. Através do uso dos textos bíblicos traduzidos para o hunsriqueano na sala de aula, está se privilegiando, na nossa compreensão, o cristianismo em favor de outras crenças e religiões.

4.2.3 O que Falantes Pensam sobre as Propostas Ortográficas

Três falantes de hunsriqueano que pouco ou nunca tiveram tido acesso a textos escritos em hunsriqueano foram confrontados com as duas propostas ortográficas. Ana (25 anos), João (25 anos) e Renata (59 anos) foram apresentados a um quadro elaborado pela autora deste estudo, o qual apresenta um paralelo entre quatro escritas diferentes: escrita do alemão padrão, escrita de Altenhofen et al. (2007) para hunsriqueano, escrita de Wiesemann (2008) para hunsriqueano e escrita em português.

A primeira parte da comparação se dava através de palavras: como se escreve, por exemplo, a cor verde. Em alemão padrão, escreve-se *grün*; em hunsriqueano, escreve-se *grien* – conforme Altenhofen et al. (2007) – ou *kriin* – segundo Wiesemann (2008) e, em português, grafa-se verde. Falantes, individualmente, foram incentivados a identificar a grafia de hunsriqueano que, para eles, era a mais fácil de ler e de compreender, que eles eventualmente utilizariam ou que já viram.

Posteriormente, foram incentivados a observar e ler pequenas frases escritas das duas formas, reconhecendo facilidades, dificuldades e refletindo sobre a compreensão do significado das frases. Posteriormente, ainda poderiam ler um pequeno texto escrito nas duas ortografias. Abaixo segue o quadro, elaborado com base nas ortografias e nos materiais publicados por cada proposta.

Quadro 3 – Comparando Escritas: Altenhofen (2007) x Wiesemann (2008)

Alemão padrão	<i>Hunsrückisch</i>	<i>Hunsrik</i>	<i>Português</i>
Schreiben	Schreiwe	Xraywe	Escrever
Beispiel	Beispiel	Payxpiil	Exemplo
Schneider	Schneider	Xnaida	Alfaiate
Deutsch	Deitsch	Taytx	Alemão
Sprache	Sproch	Xprooch	Língua
Kleidung	Zeich	Tsaych	Roupa
Vogel	Vochel	Fool	Pássaro
Spiel	Spiel	Xpiil	Jogo
Ei	Ei	Aay	Ovo
Stuhl	Stuhl	Xtuul	Cadeira
Zwei	Zwei	Tswaay	Dois
Grün	Grien	Kriin	Verde
Kugel	Kuchel	Khuuchel	Bola
<p>Lies mich – ich sinn leicht se lese. Ene rein fonologische deutsche Orthografie Entwickelt von Cléo Altenhofen u.a. (meine Aussproche des Hochdeutschen)</p> <p>Biblische Abenteuer</p> <p>Ene Noe sein Geschicht is schon lang Zeit passeert. Noe war en gute Mann, wo geleb hot uf en Welt voll. schlechte Leit. Er war verheirat unn hat drei Kinner, wo ach verheirat war. Das war ene Familie mit acht Persone. Ene Noe sein Geschicht zeigt uns wie Hergott ihm en seine Familie geret hot, en auch das Vieh, wo im Schif war. Am Ende hat Hergott en scheen Versprechung gemacht. Wolle mer das lese?</p>		<p>Lihs mich – ich bin lajcht tsuh lëhsen Ajne rajn fohnohlohgixxe dojtxe Orthograhfih ëntwickelt fon Ursuhlah Wihseman (majne aws xprahche dës hochh Dojtxen)</p> <p>Piiplixte Awentuure</p> <p>Em Noee sayn kexicht is xon lang tsayt tsurik pasëyert. Noee waar en kuute man, woo keleep hot uf en wëlt fol xlëchte layt. Er waar ferhayrat un hat tray khiner, woo aach ferhayrat waare. Tas waar en familye mit acht persoone. Em Noee sayn kexicht tsaycht uns wii Hërkot iim un sayn familye kerët hot, em aach tas fii woo im xif waar. Am ën, hot Hërkot en xeen ferxprëchung kemach. Wolle mer tas leese?</p>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse mesmo material foi observado pelos três falantes, porém com cada um foram discutidos aspectos diferentes, a partir das suas impressões sobre as possibilidades de grafia do hunsriqueano. Para facilitar a análise em conjunto com os falantes, chamou-se a ortografia de Altenhofen et al. (2007) de Proposta 1 e a de Wiesemann (2008), de Proposta 2.

Ana (25 anos) foi apresentada às duas propostas e disse que a proposta 1 foi mais fácil de compreender, ao ler a lista de palavras. Para ela, isso se dá pelo fato de ela já ter aprendido alemão padrão na escola.

Excerto 8

Pesquisadora: Existem duas maneiras de escrita que foram criadas aqui no RS para o hunsriqueano; dois grupos diferentes que criaram propostas de escrita. Então temos a 1 e a 2. Eu queria que tu tentasse ler uma ou outra palavra nas duas maneiras e que depois tu me diga o que pra ti é mais tranquilo, é mais claro, qual das duas maneiras tu compreende melhor, na leitura.

Ana: Schreiw, Zeich, Zwei, Grien. Eu entendo mais o número 1, porque eu já tive conhecimento de alemão no ensino fundamental e no ensino médio. No 2, eu já não sei, que nem aqui Paixpiil, eu não sei. Eu já entendo mais o número 1. [...]

Pesquisadora: Eu tenho aqui também dois pequenos textos, será que tu poderia tentar fazer a leitura dos dois e perceber o que pra ti é mais tranquilo?

Ana: Sim. É difícil de entender...

Pesquisadora: Alguma delas foi mais tranquila ou as duas eram difíceis?

Ana: As duas eram difíceis. [...] Não sei, eu achei bem difícil.

Ao ler as palavras *Schreiw, Zeich, Zwei* e *Grien*, conforme a proposta 1, mesmo sendo falante bilíngue português/hunsriqueano e conhecendo bem as regras da língua portuguesa, Ana utilizou-se das regras da língua alemã padrão aprendidas na escola, embora não tenha sido preparada previamente para isso. Sem dificuldade, ela pronunciou a palavra *Zeich*, que significa roupa, de forma adequada: z com som [ts], ei com som [ai], ch com som [ç].

Ao pronunciar a palavra *Paixpiil*, da proposta 2, Ana pronunciou quase toda a palavra da maneira esperada, porém teve dúvidas no som da letra x. Ao invés de ler com som [j], ela leu com som [cs], outro som que essa letra pode apresentar na língua portuguesa, como se percebe em táxi. Ao ler a palavra dessa maneira, não conseguiu compreender seu significado. Pode ser que isso tenha ocorrido, porque, em português, geralmente, a letra x pode ter som [j] somente antes de vogais, como em xarope. Antes de consoantes, porém, passa a ser pronunciado como [s] em explicar. Desse modo, percebe-se que essa ortografia se baseia na língua portuguesa, mas assume o x como uma letra que pode ser pronunciada de uma única maneira. O falante, por sua vez, reconhece mais possibilidades para essa letra.

Pode-se dizer que Ana, ao olhar as palavras da proposta 1, intuitivamente conseguiu relacioná-las com a língua alemã padrão, fazendo a leitura e compreendendo o significado. Ao olhar as palavras da proposta 2, contudo, teve mais dificuldade. Ao aplicar a regra do português, que permite mais sons para a mesma letra, Ana pronunciou de uma forma diferente à esperada e não conseguiu assimilar o significado da palavra.

Ela demonstrou facilidade ao ler palavras soltas, fora de contexto. Ao tentar ler os pequenos textos, porém, Ana demonstrou dificuldade e não soube dizer qual proposta ortográfica era mais compreensível. Para ela, ambas eram difíceis de entender, como podemos perceber, ao final do Excerto 8.

Infere-se que falantes como Ana, que não estão habituados com a escrita do hunsriqueano, podem conseguir ler e compreender palavras, mas precisam de prática para que consigam compreender textos.

No Excerto 9, podemos ver um trecho da entrevista realizada com João (25 anos). Ele relacionou a escrita da proposta 2 com o modo como fala. Para João, a escrita proposta por Wiesemann (2008) poderia ajudar uma pessoa a aprender a falar hunsriqueano. João acredita que essa proposta representa a sua fala, dizendo *eu pronuncio igual a essa* e apontando para a proposta 2. Ele, ao ler as palavras, ainda chega à conclusão de que *bem o jeito como se pronuncia, se escreve*.

Excerto 9

Pesquisadora: Eu queria te mostrar essas duas escritas pra ver o que pra ti faria mais sentido. Se fosse produzido um material usando uma das duas formas de escrita, qual das duas tu compreenderia melhor? Aqui seria como seria no alemão padrão, aqui seriam as duas versões pro alemão daqui e aqui o português.

João: Assim, ó, parece mais fácil pelo jeito que a gente fala, assim.

Pesquisadora: A 2?

João: É, mas eu conheço assim (apontando pra 1). A outra é nova pra mim. A versão 1 eu compreendo melhor, porque eu sou acostumado com essa aqui. Mas realmente em relação a falar como a gente fala...

Pesquisadora: A 2 representa mais como vocês falam?

João: É, pra alguém que quer aprender a falar, é mais fácil aqui (2), tipo quem não sabe o dialeto... Eu compreendo mais a 1, né, essa aqui (2) é nova...

Pesquisadora: Tu podes ler um exemplo?

João: Tipo aqui, schreiwe, mas aqui (2) parece ser mais fácil, né, em relação a como pronunciar, mas eu conheço mais essa aqui: schreiwe, Schneider, Deutsch.

Pesquisadora: E por que tu acha que essa aqui seja mais 'estranha' pra ti, a 2?

João: Não sei, porque eu acho que eu tô acostumado com essa. Tipo aqui, eu falo tsaych né, mas, como se lê aqui (2), mas eu compreendo mais aqui (1). Se eu fosse ler num texto, eu ia saber que roupa é isso aqui (1), aqui (2) eu ia pensar um pouco mais. Eu sei como pronunciar, eu pronuncio igual a essa (2).

Pesquisadora: Tu acha que pra ti a 1 ficou mais clara porque tu já conhece o alemão?

João: Por eu conhecer, eu acho, por causa disso. Porque essa (1) é mais parecida com essa (alemão padrão) e nesse sentido a outra (2) eu acho a pronúncia mais, bem o jeito como se pronuncia, se escreve. Pra alguém que não sabe falar... Mas só pelo fato de eu me identificar já, por causa desse alemão daqui (padrão)... [...]

Pesquisadora: Eu queria que tu desse uma olhada na primeira frase, que tu lesse em voz baixa e depois em voz alta.

João: Eu não sei... Essa primeira frase é meio difícil... (risos)

Pesquisadora: Se quiser escolher uma outra parte, também não tem problema.

João: Essa daqui... Noee é uma pessoa, né? (Lê) 'Em Noee sayn kexicht tsaycht uns wii Hërkot iim em sayn familye kerët hot'.

Pesquisadora: Tu conseguiu entender o sentido?

João: Não.

Pesquisadora: E na outra versão, na versão 1?

João: Pois é... Bom, essa parte, no rosto de Noe, aparenta, o zeigt é aparenta. Ah, essa parte do Hergott ali eu não entendi.

Pesquisadora: Não ficou claro...

João: Não ficou muito claro.

Pesquisadora: Nenhuma das duas maneiras?

João: Nenhuma das duas.

Pesquisadora: Eu posso ler pra ti. (Lê e traduz para o português). Então esse é o início do livro. Tu acha que nenhuma das duas ficou clara pra ti?

João: Não, não. Em relação à escrita eu não sou, eu sou mais de falar mesmo.

Em um primeiro momento, João acredita que a proposta 2 seja mais fácil para alguém aprender a língua. Porém, ao longo do diálogo, ele vai mudando de ideia. Ele chega a dizer que está mais acostumado com a proposta 1, demonstrando que acredita que essa proposta seja mais compreensível. Mesmo falando a palavra 'roupa' em hunsriqueano como a proposta 2, *tsaych*, por exemplo, quando se imagina lendo um texto, acredita que entenderia antes a palavra escrita de acordo com a proposta 1, *Zeich*. De acordo com João, *Se eu fosse ler num texto, eu ia saber que roupa é isso aqui (1), aqui (2) eu ia pensar um pouco mais*. Percebe-se que João reconhece mais legitimidade na escrita de acordo com a proposta de Altenhofen et al. (2007).

João conseguiu perceber, sem explicações prévias, ao comparar os elementos da tabela, que a proposta 1 tem muitas semelhanças com a escrita do alemão padrão e que a proposta 2 tem semelhança com a pronúncia.

No Excerto 9, João conseguiu ler e compreender as palavras. Ao ler as frases e o pequeno texto, sentiu-se inseguro. Mesmo tentando decodificar os textos, em um ritmo lento, João não compreendeu seu significado. João leu primeiramente o texto da proposta 2 em voz alta, mas teve dificuldades. Em seguida, pedimos que João olhasse para o mesmo texto, porém escrito na proposta 1. João identificou algumas palavras do texto e soube dizer o que entendeu, como *zeigt*, que pode ter o significado aparenta. Porém, logo não conseguiu compreender as palavras seguintes. Para João, nenhuma das escritas foi compreensível ou clara ao ter de ler informações mais extensas.

Ao final do excerto, João afirma que não usa tanto a escrita, mas sim a fala, ao dizer com naturalidade *Em relação à escrita eu não sou, eu sou mais de falar mesmo*. Portanto, parece não se frustrar por não ter compreendido as frases escritas em hunsriqueano. Parece-nos que João não percebe, cotidianamente, usos para a escrita do hunsriqueano. Dessa forma, também não reconhece a importância de ter ou aprender regras ortográficas, visto que, para a fala, elas não são necessárias. João reconhece, porém, que, para o ensino da pronúncia do hunsriqueano para não falantes dessa língua, a escrita proposta por Wiesemann (2008) pode ser útil.

Renata (59 anos), ao olhar a tabela, achou ter identificado a palavra *Spiel/Xpiil* que significa jogo. Na verdade, na tabela estava apresentada a palavra *Beispiel/Payxpil*, que significa exemplo. Acredita-se que essa imprecisão na leitura tenha ocorrido por Renata não ter visto muito bem a palavra, devido a folha estar um pouco distante da falante, ou que a palavra *Beispiel* não pertença aos eu léxico mental. Mesmo assim, ela conseguiu fazer relações entre as línguas. Para ela, essa palavra escrita na proposta 1 é mais simples mais fácil de ler e, escrita na proposta 2, por sua vez, é complicada.

Excerto 10

Pesquisadora: Não sei se a senhora sabe, mas tem dois grupos que tentaram criar uma escrita para o alemão que é falado aqui. Eu queria que tu olhasse e dissesse: quando tu vai ler, qual pra ti seria a forma mais fácil de entender? Que nem schreibe/xraywe.

Renata: Essa (1).

Pesquisadora: Seria a um, então. E que nem Spiel?

Renata: Assim é complicado, né? (2)

Pesquisadora: A 2 tu achou complicado? Por que tu achou complicado?

Renata: É jogo, né? Esse Spiel (1) é mais fácil de ler.

Pesquisadora: E que nem Schneider, tem muitas pessoas aqui que são Schneider. Essa é uma maneira (1), e essa é outra, com Schneider com x. O que tu achou?

Renata: Esse, esse aqui é o mais simples, do nosso alemão (apontando para a 1).

Pesquisadora: E que nem o grien também, com g ou com k, qual ficou mais claro pra ti?

Renata: Esse (1). É, já mais complicado com esse (2). [...]

Pesquisadora: Dá uma olhadinha pra ver se tu consegues entender o texto. E será que as famílias iriam conseguir entender? Vou ler: Ene Noe sein Geschichte is schon lang Zeit passeert.

Renata: Isso pra ler (1).

Pesquisadora: Interessante, a versão 1 seria mais fácil.

Renata: Porque acho que eu tenho uma bíblia escrita que eu ganhei na minha confirmação.

Pesquisadora: Que legal, eu ia gostar de ver.

Renata: Sim, eu ganhei na minha confirmação.

Renata compara a escrita 1, que considera mais clara, com a escrita presente na Bíblia que ganhou em sua confirmação. Observando sua Bíblia, pode-se confirmar seu julgamento, já que a de Renata era escrita na língua alemã padrão. Provavelmente, por ter o costume de ler a Bíblia, ela esteja habituada com a escrita do alemão padrão e, assim, teve facilidade em compreender as palavras grafadas na ortografia da proposta 1.

Quando lemos uma frase da tabela para Renata, ela acompanhou a leitura observando as duas escritas e, mesmo escutando a pronúncia do hunsriqueano, não a relacionou com a proposta 2. Para ler, segundo Renata, a proposta de Altenhofen et al. (2007) é mais compreensível. Para Renata, essa representa o alemão que ela e sua família falam, o “nosso alemão”.

Ao comparar as impressões dos três falantes sobre as escritas das propostas de Altenhofen et al. (2007) e de Wiesemann (2008), percebe-se unanimidade entre eles: todos acreditam que a proposta 1 de escrita do hunsriqueano é mais adequada.

Os relatos corroboram a afirmação de Altenhofen et al. (2007) afirmam: a maior parte dos falantes de hunsriqueano tem algum conhecimento prévio da língua alemã padrão, seja meio das aulas dessa língua na escola regular, pelo acesso a materiais publicados nessa língua ou por terem, no seu entorno, elementos nessa

língua. Nos contextos em que esses falantes vivem, pode-se reconhecer muitos elementos em língua alemã padrão: inscrições em túmulos (como *Hier ruht in Frieden*, que significa aqui descansa em paz), sobrenomes de famílias (como *Metz*, *Heck* e *Fröhlich*), nomes de estabelecimentos comerciais (como a padaria chamada *Brot Haus*), nomes de ruas (como a rua Armando Seewald), entre outros. Desse modo, propor uma escrita associada à língua alemã padrão pode ser mais fácil para os falantes e mais útil para a compreensão dos elementos da sua realidade e para o conhecimento da sua própria língua materna.

4.2.4 Comparação entre as duas Propostas Ortográficas

As duas propostas apresentam como objetivo comum o uso da escrita pelos falantes de hunsriqueano. Enquanto a proposta de Altenhofen et al. (2007) se preocupa em aproximar a escrita à grafia do alemão padrão – permitindo que quem domine essa língua - e também qualquer outra variedade de origem germânica – consiga compreender o hunsriqueano – Wiesemann (2008) se propõe a aproximar à língua dos falantes do português, embora não haja tantas semelhanças entre essas línguas.

Cada proposta nomeia e define essa variedade com o mesmo fim citado acima: aproximar da origem – *Hunsrückisch*, língua de imigração – ou do contexto em que está inserida – Hunsrik sul-americano, língua germânica falada na América do Sul. As intenções dos pesquisadores são apresentadas nas escolhas terminológicas e conceituais feitas por eles.

Sendo considerada uma variedade da língua histórica alemã por Altenhofen et al. (2007), a escrita etimológica, que respeita a origem e a história da língua e que leva em conta as variedades do hunsriqueano, na nossa compreensão, é mais coerente. Sendo considerada uma língua brasileira por Wiesemann (2008), a escrita fonológica com base nos fonemas locais seria coerente, se não existisse variação linguística. Os sons pronunciados por falantes de Santa Maria do Herval/RS podem não ser os mesmos sons produzidos por falantes de hunsriqueano de Boa Esperança/ES, por exemplo. Eles também podem ser diferentes dos outros sons produzidos pelos falantes do mesmo município que não participaram do estudo. Então, percebe-se que um dos falares está recebendo um *status* superior, ao ser contemplado no *corpus* dos textos escritos.

Cada proposta de escrita teve um tempo de criação e atores sociais envolvidos nesse processo. Enquanto a proposta de Altenhofen et al. (2007) foi desenvolvida durante cerca de 20 anos, através da intervenção de diferentes participantes do grupo de pesquisa sobre o hunsriqueano, a proposta de Wiesemann (2008) foi desenvolvida durante 5 anos, por ela, com auxílio de dois linguistas e de duas falantes da variedade que viviam na comunidade em estudo. Dessa forma, percebe-se que também a gestão da proposta se deu de maneiras diferentes: na primeira, um grupo consistente fez uma gestão democrática da ortografia. Na segunda, algumas pessoas lideraram a gestão da proposta, sendo auxiliadas por alguns profissionais.

Abaixo segue um quadro, que busca organizar os dados analisados anteriormente e os embates presentes nessas duas propostas de escrita da variedade de origem alemã hunsriqueano.

Quadro 4 – Comparações entre Duas Propostas de Ortografia

	ESCRITHU	Projeto Hunsrik
Nome da variedade linguística	Hunsrückisch, Hunsrickisch, hunsriqueano, Riograndenser Hunsrückisch.	Hunsrik – Platt Taytx, Hunsrik sul-americano.
Definição	Língua alóctone, variedade dialetal essencialmente falada, variedade de contato com o português, coiné de contato com o português, língua, língua de imigração, língua brasileira de imigração, língua de identidade, língua minoritária, variedade da língua histórica alemã.	Língua, língua germânica, língua germânica falada na América do Sul.
Princípio da escrita	Escrita etimológica.	Escrita fonológica.
Base da escrita	Leva em conta a existência de 3 variedades dentro do Hunsrückisch falado no Brasil e busca contemplar as três.	Foi criada a partir da pronúncia de uma comunidade de fala.
Público alvo	Falantes de Hunsrückisch, historiadores, genealogistas (não falantes da variedade, com conhecimentos prévios ou não de alemão padrão).	Falantes de Hunsrik como língua materna.
Propósito da criação da escrita	Criar um padrão de escrita para transcrever os dados coletados pelo projeto ALMA-H,	Alfabetizar a criança falante de Hunsrik na sua língua materna, possibilitar que falante da

	instrumentalizar o falante para o registro do Hunsrückisch, fomentar a educação lingüística dos falantes sobre o papel e funcionamento de sua língua materna e de uma língua de modo geral.	variedade possa se comunicar através da escrita em redes sociais.
Tempo e atores participantes da criação da proposta de escrita	Quase 20 anos, grupo de falantes agentes de diferentes comunidades.	5 anos, agentes: linguista criou a escrita, linguistas que auxiliaram na codificação e duas professoras.
Tipo de gestão	Grupo – consistente, democrático.	Gestão feita por umas poucas pessoas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada proposta ortográfica tem seus fins e foi desenvolvida a partir de determinados pontos de vista e interesses. Cabe aos falantes, caso queiram escrever, se basear em uma ou em outra proposta, ou, ainda, escrever com base nos seus conhecimentos e crenças. É importante, porém, que eles tenham consciência das escolhas lingüísticas que faz, de modo que saibam dizer o porquê de ter escrito de uma ou de outra maneira.

As ortografias acima apresentadas vêm sendo divulgadas, cada qual a seu ritmo e por meio de estratégias diferentes, há mais de uma década. Porém, muitos falantes (e até escritores) desconhecem-nas. Há tantos outros que não pensam nem na possibilidade de uma escrita para o hunsriqueano, quiçá chegam a refletir sobre o modo considerado mais adequado para esse registro escrito. Na próxima seção, será apresentado um pouco do que os falantes desse alemão local pensam sobre a sua escrita.

4.3 O que se pensa sobre a Escrita do Hunsriqueano

Dos 14 falantes entrevistados neste estudo, metade conhece e utiliza a escrita do hunsriqueano. A outra metade, nunca escreveu em sua língua materna para se comunicar. Os falantes de hunsriqueano têm diferentes crenças e experiências com a escrita da sua língua materna. Abaixo, nos subcapítulos, serão apresentados cinco argumentos citados pelos falantes a respeito da escrita dessa variedade local.

4.3.1 Para que, como e por que Escrever em Hunsriqueano

Sete dos catorze entrevistados passou a escrever em hunsriqueano a partir da sua fase adulta, por diferentes motivações pessoais. Cada qual tem suas concepções de como deve ser a escrita nessa variedade. Alguns deles demonstram preocupação com a forma da escrita; outros, nem tanto. Estes, estão representados nesta seção.

Priscila (72 anos) afirma que começou a escrever para ter um roteiro a ser seguido durante sua participação semanal em hunsriqueano em um programa de rádio. Desse modo, a escrita servia de suporte para a oralidade, para que ela falasse (ou lesse) na rádio sem se perder.

Excerto 11

Pesquisadora: Por que pra ti foi importante começar a escrever em hunsriqueano? Tu falou que, em um momento da vida, tu foi convidada pra falar na rádio, né?

Priscila: Sim.

Pesquisadora: Como foi isso?

Priscila: Foi assim, eu não tinha muita experiência pra falar no microfone, ainda mais rádio. Aquilo me assustava um pouco, né. E daí eu perdia o fio da meada, às vezes. Quando tocava o telefone, eu ficava atrapalhada, né, tocava ali junto, ficava atrapalhada. E várias vezes assim me atrapalhei. Daí comecei a escrever e comecei a olhar o que tava escrito, aí eu senti mais segurança. E com isso eu aprendi, né.

Priscila sentiu necessidade de escrever na sua língua materna e, por isso, por conta própria, criou o seu estilo de escrita. Conforme Terborg e García Landa (2010), esse fator – a necessidade – pressionou a falante a realizar a ação de escrever em hunsriqueano.

Norma (79 anos), por sua vez, começou a escrever por interesse próprio. Ela quis registrar um fato engraçado ocorrido com uma amiga em um espaço social cotidiano da sua comunidade, a igreja, e resolveu publicar no jornal local. Mesmo não conhecendo ninguém antes que escrevia em hunsriqueano, Norma se sentiu à vontade para escrever uma história de cunho humorístico e divulgar para a comunidade de fala em que vivia.

Excerto 12

Pesquisadora: Sim, e tu começou a escrever, assim, desde sempre, desde quanto tu começou a escrever em alemão?

Norma: Eu comecei a escrever, isso faz... comecei com aquele história da igreja, wo der Poda meine Amiga ganze Pukles nass gemacht hat. Isto faz mais de 20 anos.

Pesquisadora: Tu conhecia alguém antes que escrevia, ou da onde surgiu essa ideia?

Norma: Não. É que essa história da minha amiga, aquilo foi uma brincadeira que a gente... depois ela veio aqui tomar chimarrão e eu disse: 'Han se dir mo der Puckles nass getan?'. E aí nós duas rindo, e começamos a falar. Eu disse pra ela: 'Do kennt me mol een Stickche davon mache'. Daí nós fizemos, fiz um Stickche contando a história dela. E aí eu pensei pra mim, ah, botamos no jornal. No jornal tinha Recordando o Passado. E aí tinha fotos antigas, né.

Norma considera o hunsriqueano uma língua adequada para contar piadas ou fazer brincadeiras. Conforme Altenhofen et al. (2007), a tradição escrita do hunsriqueano apresenta uma grande quantidade de textos de teor humorístico, muitas vezes apelativo. Estes tinham o fim de cultivar a identidade hunsriqueana e manter a imagem de língua familiar, “de casa”. Assim também Norma, ao escrever seus pequenos textos, *Stickche*, ao jornal local, de alguma maneira visava relacioná-los ao passado, preservando a língua e a cultura no presente.

Podemos dizer que Priscila e Norma, por motivos diferentes, foram pressionadas a escrever na sua língua materna: por necessidade ou por interesse.

Ao ser questionada sobre o princípio seguido para escrever, Priscila afirma que se baseia na sua própria fala. Ela tenta representar sua pronúncia do hunsriqueano para escrever. Priscila afirma que nunca estudou sobre como escrever essa língua: ela se baseou em conhecimentos prévios de regras de escrita e no que pesquisava na internet.

Excerto 13

Pesquisadora: Quando tu escrevia pra falar na rádio, tu te inspirou a escrita com alguma coisa, alguma coisa que tu leu?

Priscila: Não, na minha fala.

Pesquisadora: Tentava escrever o mais próximo do que tu falava?

Priscila: Sim, sim.

Pesquisadora: Que nem, tu nunca pensou, letra maiúscula, minúscula, tu pensou em como escrever?

Priscila: Não, eu sabia que os adjetivos tu tinha que escrever em letra maiúscula e os nomes próprios... mas eu nunca estudei sobre isso, acho que isso ali estava na internet.

Pesquisadora: Aí tu tentava usar essa regra...

Priscila: Misturei um pouquinho.

Pesquisadora: E daí, acentos, coisas do português, tu também usava? Como é que tu fazia?

Priscila: Acentos, só o chapéu, mas outros acentos não. Acho que eu não usei... [...] E eu também fui aperfeiçoando, né. Eu também melhorei muito, né. No início eu não, tinha palavras que eu não sabia às vezes escrever. Mas às vezes, quando eu não sei escrever uma coisa, eu vou no google e olho em alemão como se escreve, daí eu passo pro Hunsrick. Daí eu já vou lembrando.

Priscila reconhece que sua escrita foi melhorando ao longo dos anos, com a prática. Nos momentos de dúvida, ela buscava um dicionário online português-alemão, traduzia a palavra e depois adaptava o resultado encontrado à sua forma de escrever hunsriqueano. Com isso, Priscila assume que se apoia no alemão padrão para escrever na sua língua materna.

Norma, assim como Priscila, afirma escrever como fala. De acordo com Norma, se não escrevesse dessa forma, as pessoas da comunidade não entenderiam seus textos. Ela garante que tanto pessoas falantes de hunriqueano mais idosas quanto mais novas entendiam seus textos que eram publicados no jornal local.

Excerto 14

Pesquisadora: E tu disse que quando tu escrevia no jornal, tu usava a tua escrita, assim como tu falava.

Norma: Como eu falo. Sim, porque senão eles não iam mesmo, não iam entender.

Pesquisadora: E tu acha que bastante gente dos mais antigos entendiam?

Norma: Ja, all, all, até hoje, até hoje, até os mais novos, assim, que falavam em casa o alemão. Hoje ainda eles perguntam: 'Warom schreibst du net meh?'. Por que eles se divertiam, porque era a vida deles, como eu, eles. Brot backe.

Pesquisadora: E assim, tu escreve algumas palavras em maiúsculo, como se faz no alemão padrão. Assim, tu faz consciente, ou tu...?

Norma: Não, às vezes a gente queria caprichar um pouco.

Ao ser questionada, no Excerto 14, sobre o motivo de escrever alguns substantivos comuns em letra maiúscula, de acordo com as regras da língua alemã padrão, Norma afirma que fazia isso, porque *a gente queria caprichar um pouco*. Subentende-se dessa fala que, para Norma, a escrita bonita e caprichada é aquela mais próxima da língua alemã padrão. Dessa forma, a escrita mais distante da língua *stardard*, ou seja, mais dialetal, seria menos caprichada, mais simples.

De acordo com Norma, os textos que escrevia traziam temáticas do cotidiano dos leitores do jornal local. Ele apresentava textos sobre *Brot backe*, assar pão, por

exemplo. A falante/escritora de hunsriqueano buscava escrever sobre situações da vida dos moradores da sua localidade na variedade alemã local. Norma, moradora da comunidade, escrevia sobre e para a comunidade, na língua que a comunidade fala. Ela era a gestora local de uma verdadeira política linguística *in vivo* (CALVET, 2007).

Martina (38 anos) participou do processo de codificação do hunsriqueano desenvolvido por Wiesemann (2007). Para ela, para escrever sua língua materna relacionando-a ao alemão padrão, o falante precisaria primeiro aprender a escrever na variedade padrão para depois aprender a escrever o hunsriqueano. Para ela, isso não faz sentido.

Martina acredita que, para escrever, os falantes deveriam partir de algo que já sabem: a fala, o som, a pronúncia. Assim, só precisariam aprender o código desenvolvido para a escrita da língua, o qual se baseia nas línguas oficiais sul-americanas – português e espanhol – e nos seus respectivos alfabetos. Ela acredita que os falantes que vivem na América Latina, devido a esse fator, terão facilidade em aprender essa ortografia.

Excerto 15

Martina: Pô, por que alguém tem que primeiro aprender a escrever o Hochdeutsch pra daí escrever o Hunsrik? Por que já não usar um código que as pessoas já, já sabem, né, usar? Já sabem o som. Então ela, o objetivo era na verdade mais criar um código que todo mundo conseguisse usar. Que não precisasse ter um estudo prévio mais aprofundado pra daí escrever a língua.

Pesquisadora: Então esse código se baseia no som, na fala das pessoas?

Martina: Mais no som. E ele é basicamente assim o som das letras da língua portuguesa e um pouco espanhola também, porque agora, apesar de ter o k e o y também no alfabeto da língua portuguesa, eram letras mais usadas no espanhol, né. Então, o pessoal aqui na América Latina vai ter uma facilidade tremenda pra escrever, né.

De acordo com Martina, escrever conforme o som das letras da língua portuguesa, com as quais os falantes bilíngues português-hunsriqueano já estão habituados, não é difícil nem exige um estudo aprofundado. Para ela, basta aprender o código.

Percebe-se que Priscila, Norma e Mabel, falantes e escritoras de hunsriqueano, acreditam na escrita fonológica e escrevem conforme a pronúncia. Todas elas são compreendidas pelos seus leitores, que se habitua com seu estilo

de escrita baseado na fala daquela região. Porém, elas não levam em conta a variação de pronúncias que existem, o que é inerente a todas as variedades linguísticas, de acordo com Haugen (2001).

Dessa forma, não levando em conta a variação, muitas vezes, os textos dessas autoras podem não ser compreendidos em outras comunidades de falantes de hunsriqueano, já que a sua escrita se baseia na fala de uma comunidade específica, privilegiando ou dando prestígio a uma única forma de se falar hunsriqueano.

No Excerto 15, Priscila comenta sobre o que a leva a continuar escrevendo. Para ela, escrever na língua local ajuda a ela própria a continuar ativa e ajuda aos outros a aprender o hunsriqueano. Na comunidade, Priscila é valorizada pelo que faz, é abordada por diferentes pessoas que veem nela alguém que sabe a língua e que pode ensinar algo aos outros. Priscila se sente bem, se sente importante e considera positivo tudo o que ocorreu a partir das suas ações sociais com a escrita do hunsriqueano. Para ela, foi *uma coisa boa que aconteceu na minha vida*.

Excerto 16

Priscila: É muito gratificante! E está ajudando as pessoas também. Eles entendem. Uns falaram: 'Eu nunca sabia falar alemão e aprendi a ler em alemão. Eu nunca sabia ler em alemão e aprendi', né. Algumas pessoas vieram perguntar como é que eles tinham que ler e daí eu expliquei que eles tinham que ir pra frente, começar na frente, se liam a frase e não tinham entendido, começar de novo e pensar um pouquinho sobre como a gente falava, daí chegavam e falavam 'É verdade!'. É bom, foi bom, é uma coisa boa que aconteceu na minha vida.

Pesquisadora: Tu acha que os teus textos outras pessoas assim de outros lugares assim que falam hunsriqueano também iam conseguir entender?

Priscila: Eu acho que sim.

Priscila acredita que pessoas de outros lugares, falantes de hunsriqueano, podem compreender sua escrita, conforme se vê no Excerto 16. Ela instrui as pessoas que querem aprender a ler seus textos, pedindo que eles leiam pensando em como falam as palavras em hunsriqueano. Percebe-se no relato de Priscila, que ela reconhece que, para que as pessoas aprendam a ler, necessitam praticar a leitura, deixando claro que a aprendizagem exige esforço dos falantes.

As falantes entrevistadas escrevem de diferentes formas e com diferentes fins. Elas foram pessoas de iniciativa, corajosas, que assumiram papéis de gestão

da língua em suas comunidades. De acordo com Calvet (2007), elas fazem, no seu cotidiano, gestão *in vivo* da escrita do hunsriqueano.

4.3.2 O Hunsriqueano só na Oralidade

Sete dos catorze falantes entrevistados utilizam o hunsriqueano somente na oralidade. Muitos deles desconhecem pessoas que utilizem a escrita para se comunicar em hunsriqueano. Mônica (38 anos) é uma delas. Ela acredita que as pessoas do município em que vive não utilizam a escrita dessa variedade para se comunicar. Ela usa como parâmetro sua família, que ainda fala bastante hunsriqueano, mas que não escreve.

Excerto 17

Pesquisadora: As pessoas usam o hunsriqueano na comunicação oral, na fala, ou escrita?

Mônica: Comunicação oral, até onde eu sei. Assim, tendo como base, né, antigamente era na escrita, mas isso muito antigamente. Mas hoje, se tu pedir pra população, a escrita ninguém faz no dialeto mais. É, olha, conhecendo assim as pessoas assim mais de idade, porque os novos, nem pensar, mas assim, os que ainda tem de mais idade, onde ainda era mais, nem na escrita. Vou te dar o exemplo da minha mãe, das minhas tias, que falam no dialeto pra se comunicar oralmente, mas, na escrita não usam.

Ela acredita que, antigamente, a escrita era mais utilizada. Podemos perceber no Excerto 17 que ela demonstra que sua expectativa era de que as pessoas idosas da sua família ou do município escrevessem, mas também elas não escrevem. Ela declara categoricamente que os jovens não escrevem em hunsriqueano, ao falar *Porque os novos, nem pensar*. Ela demonstra, com essa fala, como os jovens estão distantes dessa escrita, mais do que os idosos. Isso também pode se dar pelo fato de eles falarem menos hunsriqueano.

Também Renata (59 anos) não escreve em hunsriqueano. Ao longo de sua vida, Renata não lembra de ter passado por situações em que teve necessidade de escrever ou ler nessa variedade.

Excerto 18

Pesquisadora: Tu usa o hunsriqueano mais para falar ou tu também sabes escrever o hunsriqueano?

Renata: Não, eu não sei escrever e nem ler.

Pesquisadora: Tu nunca usou, então, para escrever?

Renata: Não.

Ana (25 anos) também não escreve nessa variedade, comunicando-se em hunsriqueano somente na oralidade, mas acredita que seria válido aprender. Ela relaciona a importância da escrita na comunicação com as pessoas idosas que falam somente hunsriqueano. Muitas vezes, alguns idosos da comunidade em que Ana vive ainda se comunicam melhor em hunsriqueano ou, em alguns casos, só utilizam essa língua de imigração.

Excerto 19

Pesquisadora: Em algum momento tu usa o hunsriqueano na escrita?

Ana: Não, nenhum momento.

Pesquisadora: Só na oralidade, só na fala?

Ana: Sim.

Pesquisadora: E tu acha que seria importante ter uma escrita do hunsriqueano?

Ana: Com certeza!

Pesquisadora: Pra que tu acha que seria importante?

Ana: Eu acho que até pras pessoas mais idosas, hoje em dia, se tu quer te comunicar com elas, porque a maioria não sabe escrever, mas sabem ler no dialeto.

Ana declara que as pessoas idosas – pelo menos, as que ela conhece – não têm domínio da habilidade da escrita, porém muitas desenvolveram a habilidade da leitura em hunsriqueano. Isso pode se dar pelo fato de haver textos em hunsriqueano que circulam em jornais da região, os quais estão ao alcance dessas pessoas.

Mais adiante (excerto 20), Ana revela novamente que a escrita não é comum na realidade em que vive. Mesmo alguns idosos conseguindo ler em hunsriqueano, a oralidade é utilizada com muito mais frequência para se comunicar cotidianamente. Percebe-se que isso também se dá na língua portuguesa, na comunidade em que Ana está inserida: a comunicação é mais utilizada do que a comunicação escrita.

Excerto 20

Ana: Porque eu acho que hoje em dia dificilmente as pessoas escrevem. Elas mais falam, principalmente as pessoas idosas, falam mais do que escrevem.

Deisi (37 anos) também reconhece que nunca utilizou a escrita e que não conhece, ou, ao menos, não lembra de pessoas que usem a escrita (excerto 21). Ela lembra que, na igreja, por vezes é cantada uma música em alemão, mas nunca refletiu sobre a variedade de alemão apresentada nessa música: alemão local, hunsriqueano, ou alemão padrão.

Excerto 21

Pesquisadora: Tu usa a escrita ou tu tenta escrever/representar o hunsriqueano?

Deisi: Não, eu nunca, eu não sei. Até na missa tem algumas músicas, mas não é Hunsrück, eu acho. Na missa, eventualmente, não sei. Não lembro que data tem uma música em alemão. Eu tento acompanhar, consigo mais ou menos compreender, mas eu nunca me foquei nisso.

Pesquisadora: Tu conhece pessoas que, aqui, usam a escrita?

Deisi: Não, não conheço.

Deisi menciona que há a possibilidade de o alemão (padrão ou local) ser utilizado nas igrejas, em datas específicas. Ela comenta que tenta prestar atenção ao conteúdo das músicas tocadas, mas que não se concentra *nisso*. Pode-se entender que esse termo se refira ao conteúdo ou, também, à variedade de alemão utilizada na igreja. Ao relacionar a expressão *eu nunca me foquei nisso* à variedade de alemão utilizada, é possível refletir a respeito do contexto em que ela está inserida e associar ao fato de que muitos moradores da região em que Deisi reside não fazem uma distinção entre o alemão que eles falam e o alemão padrão. Para muitos, a língua que a comunidade fala é *Deitsch*.

Nos excertos de Mônica, Renata, Ana e Deisi, podemos reconhecer o que afirmam Garcez e Viegas (2013): o hunsriqueano, sendo uma das línguas minoritárias brasileiras, apresenta poucos registros na modalidade escrita. Também parece-nos que a escrita não tem necessidade para elas.

Nesses relatos, podemos perceber que o hunsriqueano não é considerado uma língua escrita para esses falantes. O uso dessa variedade linguística tem o objetivo de possibilitar a comunicação oral entre os falantes, simplesmente. Podemos reconhecer, com esses relatos, que, para muitos falantes essa língua é majoritariamente oral, como afirmam Altenhofen et al. (2007) e Neumann (2018).

É possível reconhecer, em consonância com Spolsky (2016b), que, nos domínios – ou subcomunidades – pelos quais essas falantes circulam, o conjunto de crenças sobre o hunsriqueano e de práticas de linguagem é organizado, pois há um

discurso padrão de não uso da escrita, e complexo, já que é difícil de reconhecer os motivos que levaram à não escrita da língua materna dessas falantes.

4.3.3 Diglossia

Deisi (37 anos), ao longo da entrevista, relata uma experiência de infância interessante com a escrita. Sua família tinha comércio e ela via pessoas falantes de hunsriqueano com pequenas listas de compras em alemão. Essas pessoas utilizavam o hunsriqueano como língua de comunicação oral e, o alemão padrão, como língua de escrita.

Excerto 22

Deisi: Eu me lembro assim, meu pai, eles têm armazém. Então, quando eu era pequena e trabalhava, tinha assim algumas pessoas de idade que vinham com a escrita em alemão, né, do que eles queriam comprar.

De acordo com Altenhofen et al. (2007), a partir da chegada dos alemães no Brasil, a diglossia que aparece no relato de Deisi, no Excerto 22, já era presente nas comunidades de origem germânica. Cada uma das línguas, o hunsriqueano e o alemão padrão, tinha uma função diferente no convívio social: a língua local, mais informal, tinha a função de comunicação entre integrantes da família e vizinhos; a língua padrão, mais formal, tinha a função da comunicação por escrito. Assim, nas escolas, aprendia-se a escrever alemão padrão. Provavelmente, essas pessoas idosas que frequentavam o armazém da família de Deisi tenham ido à escola antes do período de proibição do ensino da língua e, dessa maneira, tenham aprendido a escrever em alemão padrão.

Já João (25 anos) relata uma história interessante sobre a avó, que só falava em hunsriqueano, mas escrevia em português. Apesar de não dominar a língua oficial do Brasil na oralidade, a avó de João aprendeu a escrever nessa língua. Cada língua tinha uma função diferente para a avó: uma língua de comunicação oral e a outra, língua de comunicação escrita.

Excerto 23

Pesquisadora: E tu acha que os idosos aqui ou os outros falantes de dialeto usam a escrita?

João: Pois é, eu acho que não. Por exemplo, eu vou pegar o exemplo da minha vó: a minha vó não. Ela sabia escrever em português. Apesar de

falar tudo em dialeto e não entender e não falar direito português, escrever ela escrevia em português.

Conforme Altenhofen et al. (2007), a partir do período de proibição da língua alemã, a língua portuguesa passou a ser a língua ensinada na escola, sendo a língua-teto do hunsriqueano. Muitos descendentes de alemães não conseguiram aprender a oralidade, mas aprenderam a escrever na língua oficial, como é o caso da avó de João, conforme Excerto 23. Assim, o hunsriqueano continuou sendo a língua do cotidiano, mas o português passou a ser a *Schriftsprache*, ou a língua escrita. Portanto, a diglossia foi interrompida.

Podemos perceber, assim, nos relatos de João e de Deisi, a diglossia citada por Altenhofen et al. (2007). Nessa comunidade, falantes de hunsriqueano usavam sua língua materna no cotidiano, na oralidade, e, na escrita, utilizavam as línguas oficiais ou padrão, português e alemão, respectivamente. Cada língua apresentava uma função social distinta.

4.3.4 Perspectivas (ou não) de Futuro com a Escrita do Hunsriqueano

João (25 anos) acredita que o hunsriqueano é uma língua local e que, dessa forma, não seria necessária a sua escrita. Para ele, que aprendeu alemão padrão na escola, no ensino fundamental, aprender a escrita da variedade alemã *standard* seria mais proveitosa do que aprender a escrita do hunsriqueano, devido ao seu prestígio.

Excerto 24

Pesquisadora: Seria importante ter uma escrita para o alemão que vocês falam? Se sim, por que seria importante?

João: Pois é, eu acho que não, pro dialeto não. É que pra mim sempre foi assim: o dialeto a gente usa aqui, né, e eu aprendi então o outro alemão. Que o outro alemão, se eu um dia quisesse alguma coisa, esse alemão seria mais importante, né. Mas a escrita do dialeto não, pra mim não.

João compara as duas línguas e considera a variedade padrão – bem como a aprendizagem da escrita dessa variedade – mais importante, caso ele quisesse “alguma coisa”: viajar, participar de um intercâmbio, fazer uma graduação, entre outros. Percebe-se, assim, um desprestígio da variedade local. Em consonância com Gnerre (1994), o poder e o prestígio de uma língua estão interligados. Como o

hunsriqueano apresenta pouco poder na sociedade, poucas oportunidades de uso, por ser uma língua minoritária, ele também não tem notoriedade. Também, devido ao fato de poder ser utilizada em poucos domínios sociais – geralmente na família ou com amigos. Por isso, muitos se referem ao hunsriqueano como a língua do coração, uma língua que carrega uma grande carga emocional.

Conversando sobre a possibilidade de ensino de hunsriqueano, nas escolas, Mônica (38 anos) também usa o argumento das possibilidades de futuro com a língua aprendida. Para ela, um resgate da língua local é interessante, na oralidade, mas aprender a escrita pode até causar estranhamento, caso algum aluno da rede de ensino queira estudar mais e fazer ensino superior, quem sabe, na língua alemã padrão.

Excerto 25

Mônica: Porque eu acho que é uma questão, assim, local. Talvez fazer um resgate. É que depende muito da proposta que se quer. Só que eu penso muito nessa questão: é legal? É legal. Mas trabalhar a questão da oralidade, resgatar e fazer a ponte, fazer a referência: olha, no dialeto a gente fala assim, o que que a gente pode puxar do dialeto. Mas não reforçar só o dialeto. Eu acho isso muito delicado, porque esses alunos vão sair do fundamental, daqui a pouco assim: 'Ah, eu quero fazer uma graduação.'. E vão entrar, aí vai ser bem outra coisa. 'Estava aprendendo, né, o dialeto, a escrever no dialeto...'. Não sei, pra mim isso não tá assim muito claro.

Mônica, no Excerto 25, demonstra acreditar que o hunsriqueano pode servir de língua de auxílio ou de acesso à aprendizagem da variedade padrão do alemão. Percebe-se que ela tem consciência de que o conhecimento de hunsriqueano não prejudica a aprendizagem de outras línguas, conforme afirmam Markmann Messa (2009), Kersch e Sauer (2010) e Neumann (2018). Ele pode, ao contrário, auxiliar na aprendizagem do alemão padrão e de outras línguas de matriz germânica, por exemplo. Também Limberger (2018) comprova que o conhecimento do hunsriqueano pode ser positivo para a aprendizagem de outras línguas, ao encontrar efeitos de facilitação do hunsriqueano no processamento do alemão padrão.

Porém Mônica menciona que o ensino somente dessa variedade, bem como de sua escrita, reforçaria *somente o dialeto*. Para ela, isso seria *muito delicado*. Ela não vê perspectivas com o ensino somente da variedade local, não vê possibilidades de uso no futuro ou na vida acadêmica dos jovens. Ela não reconhece a aprendizagem da escrita do hunsriqueano como algo útil ou proveitoso, mas sim,

como algo complicado. Também no excerto de Mônica é possível reconhecer menor valor que essa falante dá ao hunsriqueano, já que ela, ao comparar essa variedade com a padrão, valoriza a variedade padrão e desvaloriza a variedade local. Conforme Gnerre (1994), essa desvalorização se dá, porque essa língua também não apresenta poder na sociedade em que é falada. Talvez a língua até não seja considerada poderosa pelas pessoas que a falam.

É possível reconhecer, todavia, certo preconceito da falante em relação à sua língua, ao afirmar que *isso não tá assim muito claro*. Mônica demonstra acreditar que a proposta de ensinar e escrever hunsriqueano seja obscura, negativa, ruim. Entende-se que para ela, o ensino de alemão padrão é claro, positivo, útil para futuro. Mônica, infelizmente, não reconhece, no hunsriqueano, uma utilidade para o presente.

Nos excertos de João e de Mônica, podemos perceber que, se comparada ao hunsriqueano, a língua alemã padrão apresenta mais prestígio. Como há poucas possibilidades de uso da escrita do hunsriqueano socialmente, o falante terá mais competência linguística, em consonância com Terborg e García Landa (2010), se aprender uma língua com mais prestígio, mais globalizada e não uma língua local. Assim, Mônica pode acreditar que, se os estudantes aprenderem uma língua que pode ser falada por mais pessoas, que apresenta mais prestígio, elas podem ter mais sucesso na comunicação, e, quem sabe, na vida.

4.3.5 Possibilidades de Escrita na Internet

João (25 anos) assume que usa com pouquíssima frequência a escrita, muito mais a fala em seu cotidiano. Ele reconhece, porém, que, nas redes sociais, em algumas situações, a escrita aparece e que, por vezes, as pessoas se utilizam dessa tecnologia para se comunicar.

Excerto 26

Pesquisadora: Tu usa o hunsriqueano mais na fala ou mais na escrita?

João: Na fala. Escrita, pouquíssimo.

Pesquisadora: Onde se usa na escrita?

João: Às vezes, no Facebook, um pouco a gente escreve. Eu gosto. Mas, assim, não, na escrita não...

João, no Excerto 26, reconhece nas redes sociais um local agradável para a comunicação através da escrita, apesar de não utilizar esse espaço com este fim com regularidade. Ele cita uma rede social muito acessada no Brasil, o *Facebook*, que conta com grupos de falantes de hunsriqueano. João inclusive é membro de um grupo dessa variedade que apresenta mais de 29 mil participantes, o qual se chama *Hunsrik Xprooch: Língua renana*.

Martina (38 anos) também considera a internet um espaço possível para a comunicação através da escrita. De acordo com a falante, com a escrita – se comparado com a fala – pode-se interagir com mais pessoas. Através da escrita na internet, por sua vez, um número ainda maior de pessoas pode ser atingido.

Excerto 27

Martina: E acho que é escrevendo também que a gente consegue uma abrangência maior, né. Porque falar a gente só fala eu e tu, né, com quem a gente tem contato mais próximo. Mas a escrita, acho que ela atinge mais pessoas, né. Agora com a internet, então.

No Excerto 27, Martina reflete sobre as possibilidades de comunicação comparando a oralidade e a escrita. Ela considera que a oralidade se dá em interações com pessoas com as quais se tem proximidade, mas a escrita permite ao sujeito ir além, interagindo até com pessoas desconhecidas, de outros espaços. Assim também propõe Haugen (2001), ao afirmar que a oralidade se dá no espaço físico em que a pessoa está, precisando de uma reação imediata do seu interlocutor, e que a escrita pode ocorrer em locais diversos, podendo o interlocutor se preparar para esse retorno ou, até mesmo, não retornar. Atualmente, pode-se reconhecer que a oralidade também é possível através do telefone e de aplicativos como *Skype* e *WhatsApp*, por exemplo.

Clarice (40 anos) aprendeu a escrever em hunsriqueano com base na proposta do projeto Hunsrik em uma formação presencial para professores dispostos a ensinar essa variedade, bem como sua escrita, a crianças. Ela acredita que a possibilidade de interagir com seus colegas de curso e com as professoras através de uma rede de comunicação à distância, o aplicativo *WhatsApp*, foi muito importante para ela se sentir mais segura na escrita dessa língua local, que antes, para ela, era somente falada.

Excerto 28

Pesquisadora: Pra ti foi tranquilo aprender a escrita do Hunsrik? Como é que foi isso?

Clarice: Foi, a gente teve uma, uma formação pra, pra escrita, que, que explicou ali as trocas das letras, né, as pronúncias. Então a gente teve uma formação. Claro que a gente tem, tem uma certa dificuldade. Que nem eu te comentei, quando a gente queria escrever uma coisa, puxa vida, será que vai m, n, p, b ali ou? Daí a gente falava no, no Whats. Até porque a Sônia e a Martina também faziam parte. Daí a gente dizia: 'Ah, profe, dá uma luz, ajuda aí, né'. Pra gente também não passar, não dar uma iniciação, né...

Pesquisadora: Com alguma coisa, assim, que vocês estavam inseguras, né?! E, claro, se tinha esse grupo, tinha que aproveitar mesmo o espaço.

Clarice: Sim, sim. A gente usava muito o grupo, porque, mesmo tu falando...

Pesquisadora: Grupo no WhatsApp, né?

Clarice: Sim, sim, mesmo tu falando, né, tu, o dialeto, ali, ah, mas a escrita é, é bem diferente.

Clarice lembra que, mesmo falando hunsriqueano, a escrita dessa variedade era diferente e exigia dela reflexões referentes a regras ortográficas, as quais ela não fazia anteriormente, como falante da variedade. Assim, ela utilizava o aplicativo como recurso para interagir, com agilidade, com os colegas e com os falantes que tinham mais segurança na escrita com base na proposta ortográfica que ela vinha aprendendo.

Podemos perceber, no Excerto 28, que a aprendizagem da escrita do alemão local com base em uma das ortografias propostas é possível, mas não é simples. Clarice, durante o processo de apropriação da ortografia desenvolvida para essa língua, apresentou dúvidas pontuais, como uso de m ou n, p ou b, por exemplo. Assim, através do estudo da ortografia, do uso recorrente da escrita e das trocas de ideias com professoras e colegas, ela pôde aprender a escrever em hunsriqueano. Reconhece-se, a partir do relato de Clarice, a importância do planejamento linguístico, conforme Klapan e Baldauf Jr. (1997).

Martina comenta que usa a escrita, atualmente, pra traduzir textos bíblicos e religiosos, mas que o uso mais recorrente se dá para interagir com pessoas em redes sociais na internet, como o *WhatsApp* e o *Facebook*, para falar com amigos.

Excerto 29

Pesquisadora: Pra que tu usa a escrita hoje?

Martina: Eu uso na tradução e pra conversar com o pessoal na internet. No Whats também.

Pesquisadora: Onde tu usa na internet?

Martina: É, mais assim com, a gente tem um, uma página no Facebook, que é o Hunsrikers do Brasil, até agora um dos administradores mudou o nome, eu nem lembro mais direito o nome. Pelo Whats também a gente tem um grupo de Hunsriker que são da, na verdade agora o grupo já tá bem maior, mas iniciou com um grupo lá da Argentina. Então eles fizeram um grupinho lá pra falar entre si e aos poucos eles foram convidando gente de fora e agora o grupo já tá enorme. E é bem legal, porque tem gente até que, que não falava, que não escrevia, e tá começando a falar e começando a escrever. Então é bem, bem interessante.

Pesquisadora: Que legal.

Martina: Mas mais assim, eu uso pra falar com amigos. Às vezes um e outro post nessa página do Face. É mais assim.

No Excerto 29, Martina conta que participa de grupos de falantes de hunsriqueano e que, nesses grupos, algumas pessoas aprenderam a falar e a escrever no alemão local, por meio das interações. Talvez, alguns falantes que deixaram de falar o hunsriqueano, possam, através das redes sociais, se sentir encorajados a voltar a falar essa língua e, também, aprender a escrita. Também falantes de outras línguas podem aprender essa língua de imigração através dos grupos, como uma língua estrangeira, caso tenham interesse, conforme Martina informa.

Também Ana (25 anos) conhece páginas na internet em que pessoas fazem postagens em hunsriqueano. Ao ser questionada sobre conhecer uma das páginas mais curtidas no *Facebook* com temáticas relacionadas a essa língua de imigração, Ana diz que costuma mostrar para os pais e que eles compreendem e se interessam pelo teor das informações.

Excerto 30

Pesquisadora: Tu conhece, na internet tem uma página chamada Plôs Tum Háide?

Ana: Sim, conheço.

Pesquisadora: Tu acha legal?

Ana: Sim, muito legal. Várias vezes eu mostro pros meus pais; eles também acham interessante.

Pesquisadora: E eles entendem o que tá escrito?

Ana: Sim.

Como se percebe no Excerto 30, a tecnologia permite o acesso dos falantes a informações escritas em hunsriqueano que estão disponíveis nas mídias. Assim,

mesmo que não escrevam, os falantes podem aprender a decodificar e compreender textos na sua língua materna.

Sônia (60 anos) reconhece a importância da escrita na internet como forma de aumentar o valor que falantes dão à língua. Na entrevista, ela cita à pesquisadora páginas das redes sociais, as quais apresentam participantes falantes de diversos locais, até mesmo de outros países.

Excerto 31

Sônia: Hunsrückers do Brasil, bota Renanos Hunsrik e bota Plôs Tum Háýde também.

Pesquisadora: Ah, o Plôs Tum Háýde, é daqui?

Sônia: Não, é de Santa Catarina.

Pesquisadora: Deixa eu só pesquisar aqui.

Sônia: Renanos-Hunsrik. [...] As pessoas escrevendo, mostrando, botando suas fotos. 'Ich han heit Toss gebackt', 'Ich han heit Kuchen gebackt', 'Ich backe heit een Churrasque'. Da Argentina, do Paraguai, da Venezuela, tudo participando. Tá com 17 mil pessoas, o Plôs Tum Háýde tá com 28 mil pessoas. O que que significa isso? Que as pessoas estão se reconhecendo como Hunsrückers, não têm mais vergonha de falar alemão errado, porque tão descobrindo que não é um alemão errado, que é um alemão diferente, apenas. Uma das 30, 40 línguas germânicas.

Pesquisadora: Isso é no Facebook, né?

Sônia: Ja.

Sônia comenta que, nos grupos, as pessoas estão mais orgulhosas da sua língua, o que fortalece a sua identidade como *Hunsrückers*, postando fotos e textos do seu dia a dia. A conscientização linguística afastou os sentimentos negativos que muitos falantes tinham em relação à sua língua, conforme afirma Pupp Spinassé (2008a), levando-os a voltar a se aproximar do hunsriqueano.

Como podemos perceber nos relatos de João, de Martina, de Clarice, de Ana e de Sônia, a tecnologia é vista como um fator positivo que possibilita e oferece espaço para a produção escrita em geral e também para a escrita do hunsriqueano. Conforme Neumann (2018), o acesso maior e mais facilitado às tecnologias e às mídias possibilita uma comunicação mais rápida. De acordo com ele, a produção de informação é facilitada. Assim, a escrita na internet é positiva, pois pode conectar um número maior de falantes e escritores de hunsriqueano, de diversos locais do estado e do país.

4.3.6 Escrita Propositiva do Hunsriqueano

Cleiton (55 anos) acredita que a escrita não deve ser impositiva, mas propositiva. Ela deve ser útil e benéfica para os falantes, bem como ser utilizada de forma reflexiva e harmoniosa.

Excerto 32

Cleiton: Se a língua estiver em primeiro plano, deixa as pessoas falar, deixa a comunidade escrever. [...] A escrita, na minha opinião, não deve ser algo impositivo e sim propositivo.

Cleiton lembra, no Excerto 32, que qualquer falante pode propor uma escrita. Porém, é o uso dos falantes que vai determinar o padrão de escrita. Ele afirma confiar na decisão dos falantes e na reflexão linguística dos mesmos sobre escrever ou não e sobre a forma mais adequada de escrever.

Para ele, a escrita do hunsriqueano não deve ser imposta aos falantes. Ela deve ser proposta a eles, de modo que eles escrevam, caso queiram e caso reconheçam a necessidade e a utilidade da escrita. Os falantes devem escrever, se tiverem interesse em fazê-lo, escrevendo com um propósito claro. Isso foi feito pelo ESCRITHU, ao propor o concurso de contos e poemas escritos em hunsriqueano

De acordo com Cleiton, a escrita do hunsriqueano deve considerar a história da língua, bem como as pessoas que já escreveram nessa língua. A decisão por escrever deve, de acordo com o Excerto 33, partir do interesse dos falantes, de dentro da comunidade de fala, os quais devem ser motivados por suas necessidades.

Excerto 33

Cleiton: A escrita não pode ignorar a história da língua, não pode passar por cima, não pode fazer de conta que ninguém nunca escreveu ou nunca existiu ou que só existe isso. E tem que vir de dentro. Só que esse vir de dentro às vezes não vem por si. Entende, existe o anseio, existe a sementinha do anseio em cada uma dessas comunidades.

Cleiton lembra, porém, que, em muitas comunidades em que o hunsriqueano é utilizado como língua de comunicação oral, falantes sentem-se inseguros para

escrever na sua língua materna. Isso pode se dar devido a fatores históricos, sociais e culturais relacionados a essa língua de imigração.

De acordo com Neumann (2018), a escolha pela escrita deve se dar com base na história da língua, na variação e na sua finalidade. Ela deve também levar em conta a tradição escrita que essa língua possui, que serve como base para uma escolha linguística coerente e respeitosa.

A partir desses relatos, reconhecemos que os falantes de hunsriqueano pensam de modo diverso e multifacetado sobre a língua. Algumas das opiniões são favoráveis à escrita e outras, desfavoráveis. É possível concluir que a escrita, que não deve ser obrigatória aos falantes, pode ser útil para permitir a eles novas possibilidades de interação em hunsriqueano. O aumento das funções sociais da língua alemã local pode melhorar seu *status* e, deste modo, dar prestígio a essa língua historicamente minoritizada. Portanto, a escrita de hunsriqueano pode ser uma forma de incentivar sua revitalização e manutenção.

4.4 Pressões Favoráveis ao Hunsriqueano

Alguns fatores influenciaram na manutenção da língua hunsriqueana, de modo que ela sobreviveu e é falada ainda hoje, 194 anos após a chegada dos primeiros alemães. Acreditamos que os principais são o convívio social com outros falantes de hunsriqueano, principalmente na família, e a possibilidade de emprego no comércio, no atendimento ao público em comunidades descendentes de alemães falantes dessa língua local.

4.4.1 Convívio Familiar

Em municípios do interior do estado, ainda se podem perceber pressões favoráveis à manutenção do hunsriqueano, apesar da falta de necessidade de uso da escrita. A falante Ana (25 anos), servente-merendeira em uma escola municipal, convive com pais e avós que ainda falam a variedade do alemão. Dessa forma, ela tem necessidade de falar hunsriqueano, para que possa se comunicar com os familiares.

Excerto 34

Pesquisadora: Como é a língua alemã na tua vida: desde quando tu tem conhecimento, com quem tu usa?

Ana: Eu tenho conhecimento há 25 anos, desde pequena, porque meus pais só falam o dialeto, dificilmente português e eu uso mais com eles, em casa, com meus pais, meus avós.

Quando a família de Ana decide usar a variedade local dentro de casa, como se percebe no Excerto 34, eles tomam uma decisão político-linguística. Ana, por sua vez, por necessidade de se comunicar com seus familiares, desde pequena se viu pressionada a aprender a língua da família, para interagir com esses. Ao longo da vida, o hunsriqueano passou a ser uma língua comum a ela e a seus familiares. Conforme Terborg e García Landa (2010), ela passou a ser uma facilidade compartilhada, que serve como uma ferramenta para o diálogo, nesse caso, em família.

Clarice (40 anos) é professora de educação infantil e anos iniciais e lecionou *Hunsrik* por um ano. Ela reconhece que ter familiares que só falam o hunsriqueano influenciou na sua aprendizagem da língua. Ela também mostra que o contato mais próximo com avós foi fundamental para que ela aprendesse a língua.

Excerto 35

Pesquisadora: Tu falava também o hunsriqueano, quando tu era criança?

Clarice: Sim, sim, eu falava com a minha vó. Porque a gente só podia se comunicar assim, né. Então a gente fazia oração, a gente cantava, tudo ela ensinava, né, com a língua alemã materna, né.

Pesquisadora: Tu lembra alguma coisa, assim, que vocês faziam?

Clarice: Ai, a gente tinha a oração, que a gente falava. É, e... mais a conversa, porque eu ficava com ela. Meus pais iam pra roça e eu ficava com ela em casa.

No relato, Clarice deixou transparecer que ela e a família moravam na zona rural, em um município pequeno do noroeste do estado, e que, quando pais iam trabalhar na agricultura, a avó era responsável por cuidar dela. Assim, o convívio diário com a avó materna foi relevante para a aprendizagem. Podemos perceber nesse excerto que o contexto rural pode influenciar na manutenção da variedade local. Também a estrutura familiar, em que mais gerações convivem próximas ou até em uma mesma casa, pode ter sido determinante para a aprendizagem de hunsriqueano, para Clarice.

Conforme afirmam Terborg e García Landa (2010), o fato de uma família viver em um contexto rural que é de difícil acesso – ou seja, que não tem ligação direta com boas rodovias – influenciou em uma pressão menor para substituir a variedade local pela língua oficial do país. Assim, além de conviver com uma pessoa de mais idade que só falava em hunsriqueano, o fato de morar afastada de grandes centros também influenciou na manutenção da sua língua materna. Para que qualquer língua continue sendo falada/escrita, ela precisa ter função social. Uma língua só faz sentido aos falantes, se ela for utilizada para fazer coisas, para agir no mundo, para interagir com seus pares.

Ao comentar sobre os alunos que ainda falavam a variedade local nas aulas de *Hunsrik* que lecionara, Clarice lembra que tinha por volta de 4 alunos que ainda sabiam a variedade, a partir do conhecimento construído em casa. De acordo com ela, o que esses alunos tinham em comum era o fato de ainda conviverem mais com avós falantes de hunsriqueano.

Excerto 36

Pesquisadora: E vocês tinham alguns alunos que falavam ainda?

Clarice: Sim, a gente tinha. Não muitos. Mas assim oh, acho que uns 4 que tinham assim mais, a língua mais fluente. Não falavam fluentemente, mas entendiam e falavam as coisas básicas, assim, que eles, que conviviam com os avós. Que tinham mais convívio com os avós, né. Porque eu acho que as pessoas mais de idade acho que tem isso bem, bem, como é que eu vou dizer assim, bem saliente neles ainda, né... Só que eu acho que a comunidade foi perdendo.

Pesquisadora: Talvez pra eles seja a língua em que eles se sentem mais à vontade, né?

Clarice: É, com certeza. Eu acho... A gente percebeu isso: que as crianças que conviviam com esses avós, né, tinham mais a noção do alemão.

Pesquisadora: Então podiam ajudar vocês também durante a aula.

Clarice: Sim, sim, foi bem bacana. Ai, eles participavam das coisas, ajudavam os colegas né, assim, ah. Claro que daí tinha a escrita, né. Porque que nem tem palavras na escrita que tu escreve de uma forma e fala de outra.

Clarice lembra, porém, ao final do Excerto 36, que o conhecimento linguístico de hunsriqueano construído em casa não contribuiu muito para a aprendizagem da escrita dessa variedade. De acordo com ela, isso se dá porque há *palavras na escrita que tu escreve de uma forma e fala de outra*. Embora a proposta que ela vinha ensinando na escola de anos iniciais seguisse o ideal fonológico, baseado na

pronúncia das palavras, a professora afirma que nem sempre a escrita corresponde à fala, pelo menos, no contexto em que ela estava inserida.

Inês (31 anos) afirma que, no seu município, poucos pais ainda têm o hábito de falar a língua materna em casa, com a família. Para ela, essa ação de incentivo no seio familiar pode influenciar os filhos a falarem hunsriqueano, mas não é garantia de que isso ocorra. De acordo com ela, *nem sempre dá certo*.

Excerto 37

Inês: Têm raros casos de pais que eles falam o Hunsrick em casa. Falam, tentam cultivar ainda a língua. Mas, às vezes... nem sempre dá certo.

A colocação de Inês mostra uma contradição vivida por muitos pais, falantes de hunsriqueano. Eles dizem tentar preservar a língua, visto que sabem do seu valor, mas não a falam em casa. Também Kersch (2016) acredita que muitos falantes reconhecem o capital cultural da língua alemã local, mas que não realizam ações concretas visando à sua manutenção.

Tanto Ana, quanto Clarice e Inês mencionam o convívio familiar como um fator que pode incentivar a manutenção da língua local. De acordo com Terborg (2006), as atitudes podem ser determinadas por crenças, que exercem pressões a favor ou contra a língua. Assim, os familiares citados nos relatos apresentados nos excertos 34 a 37 exerceram a ação de continuar falando a língua materna, a qual foi resultado das crenças desses falantes sobre o alemão local. Desse modo, as crenças exerceram pressão sobre os falantes, influenciando, nesses casos, na manutenção do hunsriqueano.

4.4.2 Possibilidade de Emprego no Comércio

A comunicação com pessoas idosas também é um fator que pressiona a manutenção do hunsriqueano, principalmente no interior do estado, em comunidades em que há fortes marcas da cultura de descendência alemã e prática de se falar na variedade alemã local. Muitas vezes, as possibilidades de conseguir emprego no comércio ou em uma prestação de serviços são maiores para falantes da variedade local. Esse fator é mencionado por João (25 anos), que ajuda no mercado da família; por Renata (59 anos), que tem uma neta empregada em uma

malharia da cidade; por Priscila (72 anos), dona de uma locadora de vestidos de festa e escritora, e por Inês (31 anos), professora de educação infantil.

Ao ser questionado sobre os usos do hunsriqueano na vida, João afirma que usa muito a língua, por auxiliar no comércio da família e atender clientes que só falam na variedade alemã local, principalmente pessoas idosas. A possibilidade de ser atendido por alguém que domine a língua local, muitas vezes, atrai clientes ao mercado. Porém, esse uso da língua pode ocorrer, também, com os fins de empatia e solidariedade para com os falantes de hunsriqueano que têm pouco ou nenhum conhecimento da língua portuguesa. Kersch (2016) chama isso de solidariedade étnica.

Excerto 38

Pesquisadora: Como é o hunsriqueano na tua vida? Tu usa? Usa muito, usa pouco? Como quem tu usa?

João: Uso bastante, bastante. Com a família, no mercado, porque eu preciso atender os clientes. Tem cliente que só fala alemão, principalmente os idosos. Aqui já, também... no CRAS também, no grupo dos idosos. E é isso, eu uso bastante o alemão.

João ainda trabalha no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) de seu município e lá também atua com idosos. Para João, ainda há muitas pessoas em seu município que só falam o hunsriqueano. Por isso, é importante que ele saiba falar essa língua.

Renata comenta que sua neta trabalha em uma loja e que lá ela precisa utilizar o hunsriqueano para se comunicar com idosos. Segundo Renata, pessoas de sua idade ou mais, de 59 anos para cima, moradores desse município, não sabem falar português.

Excerto 39

Renata: Se tu quer, como a minha neta tá trabalhando numa loja, tem pessoas com minha idade, mais idade, eles não sabem o português. Tem que falar alemão, daí ela fala.

A necessidade de atender bem aos clientes, compreendendo o que eles procuram no comércio, muitas vezes, pode determinar a contratação de funcionários que falam a língua alemã local. Essa é uma pressão que pode estar relacionada ao hunsriqueano: a pressão por saber a língua local para conseguir ou garantir um emprego, como é citado por Renata, no Excerto 39.

Priscila tem uma loja e considera saber falar hunsriqueano um fator importante para o bom atendimento aos clientes. Ela comenta que muitas pessoas vêm à loja e preferem ser atendidas em alemão local. De acordo com Priscila, desse modo, as pessoas ficam mais à vontade, já que a funcionária da loja entenderá seu desejo de compra.

Excerto 40

Pesquisadora: E hoje em dia, tu fala mais alemão ou mais português?

Priscila: Nós falamos bastante alemão.

Pesquisadora: Onde é que tu fala alemão? Com quem?

Priscila: Em casa... Que nem hoje de manhã, veio um casal ali na loja. Numa certa altura, o homem perguntou: 'Tu fala alemão?'. 'Sim'. Daí ele começou a falar alemão, né. E assim, tem várias pessoas que vem aqui que falam alemão, bastante até. Os mais novos não, os mais novos assim não sabem, né, mas assim, 50 anos, 40 anos, o pessoal ainda... E a guria que me ajuda, ela tem 16 anos, ela fala alemão.

Pesquisadora: Então pra ela ser empregada, também foi importante ela saber o alemão.

Priscila: Sim, sim. E ela... eu não fui junto, eu provei no homem e ela provou na mulher. Daí eu ouvi que ela tava falando em alemão com a mulher, né. Mas vem, vem gente, daí às eles até já perguntam: 'Tu fala alemão?'. Aí parece que eles já se sentem mais em casa, porque a pessoa entende o que elas querem, né. Aí, mas tem bastante gente.

Pesquisadora: Então, pro comércio, ainda é bem importante.

Priscila: Ainda é importante, sim.

No Excerto 40, Priscila ainda comenta que há uma funcionária que fala hunsriqueano e que o conhecimento dessa língua foi importante para sua admissão e, atualmente, para sua permanência na loja. Percebe-se no relato de Priscila, que o hunsriqueano ainda vem desempenhando, na sua loja, a função social de língua comercial, de negociação.

Priscila valoriza o fato de ter uma funcionária jovem falante de hunsriqueano. Ela é uma exceção, na realidade em que Priscila vive. A falante afirma que os mais novos já não sabem mais falar a língua local. Reconhece-se, nesse relato, que a língua alemã está se perdendo nessa comunidade.

Quando falantes de hunsriqueano chegam ao comércio de Priscila, eles se sentem valorizados e aliviados ao serem recebidos na sua língua materna. Entende-se que, em contextos em que não haja ninguém que fale sua língua e que esses falantes precisam falar a língua oficial, eles se sintam diminuídos, prejudicados,

desrespeitados. Isso, porque não conseguirão se comunicar de forma tão clara, por serem menos proficientes na língua portuguesa.

Inês também reconhece que vê pessoas falantes de hunsriqueano no comércio local. Para ela, esse também é um fator importante, já que grande parte da população do município em que trabalha ainda fala essa língua de imigração.

Excerto 41

Inês: Que nem, no comércio, a gente vê muitas pessoas que falam o Hunsrick.

Alice afirma que, na região em que vive, o conhecimento da língua alemã local facilita uma pessoa a conseguir um trabalho que demanda atendimento ao público. Ela lembra de pessoas competentes, porém que não falavam hunsriqueano, que deixaram de ser empregados no banco do município devido ao desconhecimento dessa língua.

Excerto 42

Alice: Então, em vários lugares aqui na região, se tu fala o alemão, como vendedora, pra atendimento ao público, tu ganha antes emprego do que aquele que aquele não sabe falar o alemão. Então, por ser um região ainda... Questão do banco aqui: teve uma economista no banco, uma economista, formada em Economia. Ela não conseguiu vaga aqui no banco, porque ela não falava o alemão. A Reinilda, que trabalha na farmácia. Formada em Economia. Ela não conseguiu vaga aqui no banco, porque não fala o alemão. São questões que tu vai pensar...

Alice também lembra que, para ser vendedora, a pessoa precisa saber falar em hunsriqueano, por essa ser uma região com muitos descendentes de alemães. Muitos deles, falam hunsriqueano como língua materna e não aprenderam a língua oficial, o português, ao longo de suas vidas, talvez por não necessitarem dessa língua para o que faziam e nos domínios dos quais faziam parte. Outros compreendem o português, mas, pela prática, conseguem se expressar melhor em hunsriqueano, como percebemos no relato de Priscila.

Pode-se perceber, nos Excertos 38 a 42, que muitos falantes, por necessidade de conseguir emprego, praticam a língua local cotidianamente. A necessidade, de acordo com Terborg e García Landa (2011) é um dos cinco fatores que exerce influência sobre a pressão. De acordo com os autores, a necessidade

gerou uma pressão que determina uma ação do falante para com a língua local: permanecer falando-a.

Conforme se percebe nos relatos desses falantes, principalmente em comunidades menores em que a língua alemã local ainda seja mantida, o convívio familiar e as possibilidades de trabalhar com prestação de serviços ao público são fatores que ainda incentivam as novas gerações a aprender a língua alemã local. Acreditamos na importância de serem garantidas oportunidades e qualidade de vida aos jovens, ao permanecerem nas suas comunidades, falando hunsriqueano.

Percebe-se que, se ações de fomento à língua não forem desenvolvidas nas próximas décadas, essas pressões favoráveis à prática do hunsriqueano podem desaparecer, já que menos pessoas vão saber a variedade local. A maioria dos falantes bilíngues é também proficiente na língua oficial. Caso não haja situações de comunicação em hunsriqueano, a comunidade em que falantes de hunsriqueano está inserida não necessitará aprender a língua local para se comunicar com essa parte da população.

4.5 Pressões Desfavoráveis ao Hunsriqueano

Diferentes fatores influenciaram os falantes a deixar de falar o hunsriqueano e de ensinar seus familiares. Os falantes sofreram pressões que vieram de autoridades políticas, através da coação; de falantes de português, através do preconceito, e de mudanças nas estruturas sociais, com a necessidade das escolas de educação infantil.

4.5.1 Proibição da Língua Alemã

O período de proibição do uso da língua alemã deixou marcas nas memórias e nas atitudes dos falantes até hoje. Muitos ainda temem ou têm vergonha de falar a sua língua. Outros precisaram aprender a língua portuguesa, devido a esse episódio histórico.

Norma (79 anos) relata uma experiência vivida pela prima, que só falava alemão. Nos seus últimos anos de vida, ela ainda tinha medo de ser presa por falar essa língua de imigração. Essa senhora, que já era idosa, recebera uma ligação de uma empresa de *telemarketing* e assumira para uma estranha que só falava alemão.

Depois desse episódio, ela ficara com medo de ser denunciada e sofrer as mesmas punições que o avô vivera, há muitas décadas atrás.

Excerto 43

Norma: Uma prima minha né, que casou, ficou viúva. Já casou tarde, não tinha filhos, só tinha um irmão. Ela não sabia falar o português. E um dia ela me aparece aqui, se eu não queria cuidar dela. Eu disse 'Já', ela tinha a casa dela, tudo. Olhar por ela. Então, mas eu fiquei com ela aqui então um tempo, levei no hospital, ela tava desidratada. Ela não entendia, né, o português. Ela ainda falava só o alemão Hunsrick. E eu sei que um dia parece que... eu dei um celular pra ela. E ensinei ela, daí eu botei meus números, meu e da irmã dela, ah, da cunhada, daí ela só precisava apertar, né, quando ela precisava alguma coisa, aí a gente corria lá. E ela ainda tinha medo da época da guerra, ela tinha medo ainda, ela tinha medo de falar. Então um dia ligaram pra ela. Esses, no celular, que, tipo propagandas assim. E aí ela ficou muito nervosa e ela disse... Ela ligou pra mim e daí ela disse: 'Mir ist was passiert. Heit is mir was passiert', ela disse. 'Komm mo runne'. Aí fui lá. Eu disse, eu bem cedo. 'Das Ding' – esse celular – 'das Ding, das Ding hat een Froo drinn gesproch unn hat gesooht ich wiss net was alles'. Foi um tipo de uma entrevista. E ela dizia, 'Eu não fala alemão, ah eu não fala português, eu só sabe alemão, liga pra Norma. Liga pra Norma, ela sabe'. Mentsch, ich hann mich fesgehalt fo net zu lache. Aí ela disse: 'Jetzt geh nich enne sohn, ich dere nure Deitsch spreche, wenn die mir in der Kadee tun'. Ela ainda pensou. Então eu disse, 'Das is net meh. Du braucht keen Bange hon, das is ne me'. Porque o vô ela, que seria o meu vô também, ele foi, eles botavam num buraco. Faziam um buraco né, cadeia não tinha. Então quem falava alemão tinha que ir naquele buraco, era a cadeia. Daí ela disse: 'Do han ich gemennt, jetzt kehm ich och in das Loch rin'. Daí eu disse: 'Das is net meh'. Aí eu disse, 'Was hat der Wowo dann gesooht?' porque ele foi pro buraco. Ele veio da Alemanha. Austríaco ele era. 'Der Wowo hat nore Gu' Morgen gesooht'. Né, ele falava o gramatical. Aí alguém ouviu, eles tinham os dedo-duro na época, né, e foi contar pra polícia, 'Dann han se Wowo in das Loch gehupp'. E ela achou, porque ela disse pra esta mulher que ela não falava português, que ela ia pro buraco.

Podemos perceber no relato de Norma, no Excerto 43, o trauma que sua prima teve em função da guerra. Mesmo décadas depois do fim da proibição do alemão, essa senhora ainda temia ser punida por falar essa língua de imigração, sua língua materna. Seu avô fora preso e colocado em um buraco e ela estava preocupada que ocorresse o mesmo com ela. Norma tentava acalmá-la, dizendo *Das is net meh*, isto não é mais assim.

Percebe-se no relato de Norma, que, de certa forma, nem ela compreende o medo que a prima sentira. Ao dizer *Mentsch, ich hann mich fesgehalt fo net zu lache*, ela assume que sentiu vontade de rir da ideia da prima. De certo modo, ela própria

está ridicularizando sua familiar por não saber a língua oficial, já que a prima não fala português. e por não ter conhecimento da situação sócio-histórica brasileira atual.

A prima de Norma é marginalizada e excluída socialmente, por não dominar a língua local (o português, que representa poder social), por não ter acesso à informação (já que não sabe, entre outros, que a língua alemã não é mais proibida) e por não dominar a tecnologia (não sabendo utilizar o aparelho celular com autonomia).

Martina reconhece que o período da proibição tem influência ainda hoje na relação de muitos falantes com sua língua materna. Muitos hunsriqueanos valorizam a língua oficial e desvalorizam a língua local.

Excerto 44

Martina: O pessoal aqui ainda é muito fechado pra própria língua, porque por muito tempo teve aquele negócio de não poder falar alemão né, por causa da, daquela proibição lá do Getúlio. A minha vó ainda viveu isso, então, ainda tinha muito aquele negócio, 'Ah, falar português é melhor do que falar alemão', mesmo que se fale português de forma errada, né.

Martina, no Excerto 44, afirma que muitos falantes da comunidade em que vive são *fechados pra própria língua*, ou seja, não reconhecem que essa língua tem valor. Ela lembra da avó, que viveu nessa época, e que preferia falar português a falar o hunsriqueano. Provavelmente, esses falantes foram pressionados a pensar dessa forma, já que o governo de Getúlio Vargas pregava uma ideia, durante a Campanha de Nacionalização, de que o povo deveria ser patriota, de que ele deveria valorizar a língua e a cultura do Brasil. Dessa forma, tudo que era de fora era depreciado. Nisso se inclui a língua e a cultura alemã, por exemplo, presente nas colônias de imigração alemã, como afirmam Fritzen e Ewald (2013).

Também Priscila lembra que precisou aprender a língua portuguesa devido à proibição da língua alemã no Brasil. Através dessa pressão, que vinha das autoridades políticas, de cima para baixo, conforme Rajagopalan (2013), a comunidade em que ela vivia, no interior de um município pequeno, percebeu a necessidade de deixar de falar alemão e aprender a língua oficial, o português.

Excerto 45

Pesquisadora: A primeira língua que tu falou, Priscila, qual foi? A primeira língua assim que tu aprendeu na tua vida?

Priscila: Hunsrick.

Pesquisadora: O Hunsrick foi a primeira.

Priscila: Uhum.

Pesquisadora: E daí tu usava ela toda tua infância...?

Priscila: Toda a minha infância até 14 anos.

Pesquisadora: Aham. Tu sabia o português também nessa época?

Priscila: Não, eu aprendi depois.

Pesquisadora: E por que tu precisou aprender o português? Pra que tu aprendeu português? Com quem tu precisava falar...?

Priscila: Porque o alemão era proibido. Eu nasci em 46 e daí o alemão estava proibido, não era mais pra falar, né. Mas, daí, aos poucos, a gente foi, a professora foi introduzindo, né, o português e aos poucos a gente foi aprendendo.

Priscila lembra que a professora, aos poucos, foi ensinando a língua portuguesa aos alunos da comunidade. Ela era falante de português e de alemão. A escola era, porém, o único local em que se falava a língua portuguesa. Em casa, continuava-se falando hunsriqueano, porém de forma velada.

Priscila ainda lembra que até materiais escritos em alemão eram recolhidos das colônias alemãs. Muitas vezes, livros e bíblias na variedade alemã padrão eram queimados ou até jogados em poços. De acordo com ela, *as pessoas não podiam ter nada na casa assim* – nada que lembrasse a cultura e a língua estrangeira alemã, de acordo com a política de nacionalização.

Excerto 46

Priscila: A professora falava alemão também, porque as crianças vinham pra aula e não sabiam uma palavra em português.

Pesquisadora: Mas era perigoso pra ela também, né.

Priscila: Também era perigoso, é.

Pesquisadora: Por que se descobrissem que ela estava falando português, o que será que poderia acontecer?

Priscila: Eles vinham, eles queimavam os livros tudo. Ali na casa paroquial, ali, tinha um poço de muitos metros, mas não tinha água dentro. Antigamente acontecia isso, que eles faziam um poço e achavam que tinha água, mas não conseguiam atingir a veia, né, aí faziam o poço mas ele não tinha água, ou senão ele tinha pouca água. Então eles pegavam os livros da comunidade tudo e jogaram tudo ali no poço, todos os livros que a comunidade tinha, jogaram no poço. E era bastante... muita coisa, bíblias e outros livros que os pastores da Alemanha tinham trazido... Jogaram tudo ali e fecharam o poço, porque as pessoas não podiam ter nada na casa assim, né. E as bíblias eles escondiam, mas outras coisas, outros livros nós não tínhamos.

Priscila comenta, no Excerto 46, que a professora falava em português e alemão, porque as crianças que vinham para a escola não sabiam falar em português. Porém, ela lembra que o uso do hunsriqueano como língua de comunicação oral podia ser perigoso, na época. Poderia haver punições, caso houvesse alguma denúncia anônima.

É possível perceber, no relato de Priscila, um registro de violência contra aqueles que não respeitassem a lei imposta aos cidadãos brasileiros: falar, escutar, ler e escrever somente em língua portuguesa. A violência e o medo, por sua vez, são fatores que traumatizam falantes e os pressionam, por necessidade de sobrevivência, a deixar de falar hunsriqueano.

Décadas mais tarde, também João, por vezes, era incentivado a falar em português na sala de aula, devido aos professores que vinham de fora trabalhar nas escolas do interior não saberem o alemão local. Não havia uma proibição assim como no período de Getúlio Vargas, mas havia uma pressão dentro da sala de aula para que os alunos falassem português – a língua que os professores compreendiam.

Excerto 47

Pesquisadora: Tu acha que deveria ser ensinado, então, o alemão que se fala aqui também, ou só o alemão padrão?

João: Eu acho que sim e incentivar. Porque tem muita gente que proíbe falar alemão.

Pesquisadora: É? Tu acha, em famílias?

João: Não, professores. Em escolas, às vezes... A gente tinha isso de falar, às vezes, em alemão, entre os colegas. Não podia, porque o professor não entendia. Tinha alguns professores que pediam para falar português.

João comenta, no Excerto 47, que alguns professores não gostavam que os alunos se comunicassem entre si em hunsriqueano, porque, desse modo, eles não entenderiam o teor do diálogo. De certa forma, o professor, com sua autoridade na sala de aula, também provocou um silenciamento dos seus alunos que, por sua vez, não dominavam com segurança a língua oficial.

Pode-se perceber que a repressão vivida pelos falantes durante o período de 1937 a 1945, interferiu no recuo do ensino da língua alemã, como afirmam Altenhofen et al. (2007), bem como no silenciamento de muitos falantes de hunsriqueano, que não conseguiam se expressar na língua portuguesa. Porém, não

só a proibição que vem de cima, de longe, do governo, pode ter exercido uma pressão negativa que influenciou o não uso do hunsriqueano. Também proibições mais sutis, impostas pelas políticas linguísticas da escola, mais próximas do falante, com a vivida por João, podem ter influenciado no abandono da língua materna de origem alemã.

4.5.2 Falta de Prestígio e Falta de Interesse

Em muitas situações, os próprios falantes de hunsriqueano não prestigiam ou valorizam sua língua materna, considerando outras línguas melhores, mais produtivas e úteis, mais interessantes. Muitas vezes, eles não se sentem mais motivados a falar essa variedade linguística.

Para Priscila (72 anos), muitas vezes, as famílias dão prestígio a línguas estrangeiras, incentivando seus filhos a aprender uma língua mais global e menos local, como é o caso do inglês, deixando de ensinar e valorizar a língua de casa. Neste caso, o inglês é incentivado pela família, mas o alemão, não. De acordo com Priscila, o gosto por uma língua, para uma criança, é influenciado, em grande parte, pelo incentivo que ela recebe dos seus familiares.

Excerto 48

Priscila: Elas tavam conversando, falando. Daí uma delas disse, 'Ai, a Sara não gosta de alemão. Ela gosta só de inglês.' Por quê? Porque ela é incentivada, né. Quem incentiva? O pai. [...]. Então, as coisas vem vindo, vem vindo de fora. Medicina, tudo, é tudo em inglês. Então pra que que tu vai aprender o alemão, tu não precisa o alemão pra.... Porque o inglês... tudo é em inglês.

No Excerto 48, podemos perceber que outras línguas têm mais prestígio e possibilidades de uso no cotidiano. Para Priscila, em várias áreas do conhecimento, *tudo é em inglês*. Assim, muitas pessoas não demonstram interesse em aprender outras línguas, já que elas não apresentam prestígio e possibilidades de usos sociais. Dessa forma, também o pai de Sara a incentiva a aprender e se esforçar nas aulas de inglês.

Priscilla ainda menciona a falta de interesse como fator que influencia o abandono do uso do hunsriqueano. Muitas vezes, o desinteresse vem tanto dos filhos, por aprender, quanto dos pais, por ensinar. Priscila relata o que viveu com o filho mais novo. Ele não aprendeu a língua da família com facilidade, como os filhos

mais velhos. Assim, Priscila não gostava de ficar explicando muito: demorava, demandava tempo, atrapalhava. Desse modo, quando o filho declarou que não queria, de fato, aprender o hunsriqueano, a família aceitou sem se opor, indo pelo caminho mais fácil, sem tentar ensinar e incentivar a aprendizagem dessa língua.

Excerto 49

Priscila: Eu acho assim, porque tu fala com teu filho e ele não entende, tu tem que estar explicando, né. Isso já atrapalha. E tu vai sempre pelo mais fácil, porque eu também deixei de fazer isso. O Dani disse: 'Eu não quero aprender alemão'. Daí a gente já nem tentou. Depois ele foi trabalhar com cobrador, quando ele tinha 15 anos, aí ele às vezes vinha pra casa com várias palavras em alemão. No ônibus, falavam pra ele, né? Agora esses dias, agora ele também está começando. Ele entende, algumas coisas ele entende. Mas se ele se interessasse um pouco...

Anos mais tarde, quando trabalhou como cobrador de uma empresa de ônibus, o filho de Priscila passou a prestar mais atenção em expressões e palavras em hunsriqueano ditas pelos passageiros. Ao final do Excerto 49, Priscila reflete e conclui que a não aprendizagem, pelo filho mais novo, da língua de imigração falada pela família se deu por seu desinteresse.

Clarice (40 anos), por sua vez, reconhece que existem pessoas, até mesmo casais, que sabem falar hunsriqueano, mas que não falam com seus filhos, devido à perda do hábito. Muitos pais têm fluência nessa língua, conforme se vê no Excerto 49, mas não falam em casa com os filhos. Talvez isso seja resultado de uma falta de prestígio do hunsriqueano ou de falta de motivação/interesse de ensinar essa língua às crianças, em casa. A globalização, em consonância com Kersch (2016), também pode ser tida como um fator relevante para a homogeneização das informações, bem como das culturas e das línguas.

Excerto 50

Clarice: As pessoas de origem alemã mesmo perderam aquele, aquele costume de falar. Que nem tinha até pais que eram os pais, pai e mãe de origem alemã, que sabiam falar fluentemente, mas que os filhos, porque a gente fez uma entrevista e tudo, mas os filhos nem sabiam.

Embora ainda haja muitas famílias de origem alemã no RS, a cultura da língua da família e da comunidade, que é riquíssima, vem sendo deixada de lado. Como vimos, há poucas pressões que motivem ou influenciem o falante a permanecer falando o hunsriqueano no seu cotidiano.

Renata (59 anos) também diz que as pessoas adultas que conhece não têm interesse e, falar alemão local com as crianças, mesmo dominando essa variedade. Ela reconhece que as pessoas, em geral, falam menos na variedade em relação a algumas décadas atrás e que as crianças já não falam mais hunsriqueano. Essa atitude de não falar a língua novamente pode estar relacionada com o desinteresse por ensinar e aprender.

Excerto 51

Pesquisadora: E hoje em dia, tu acha que as pessoas estão falando mais hunsriqueano ou menos, que nem as crianças, adolescentes?

Renata: Menos. Eles não falam nada.

Pesquisadora: E por que tu acha que isso está acontecendo?

Renata: Isso tá acontecendo, porque as pessoas não falam. Tem pessoas que sabem falar alemão e não falam com as crianças.

Priscila (72 anos) ensinou a língua para seus filhos e um deles até casou-se com uma mulher de origem alemã, falante de hunsriqueano. Ela acredita que, entre si, o casal deva falar essa variedade, mas que pai e mãe não ensinaram seu filho a falar essa variedade.

Excerto 52

Pesquisadora: As tuas noras sabem hunsriqueano?

Priscila: Sim. Eu tenho uma nora só.

Pesquisadora: Ela sabe e teu filho então também.

Priscila: Sim.

Pesquisadora: Mas entre eles, eles falam?

Priscila: Não. Ah, devem falar, mas...

Pesquisadora: Mas não ensinaram para o filho deles?

Priscila: Não, não.

Renata e Priscila, nos Excertos 51 e 52, relatam que conhecem pessoas que sabem falar em hunsriqueano, mas que simplesmente não falam. Essas pessoas são fluentes na língua oficial e optam por utilizar, também no convívio familiar, essa variedade, que é a majoritária. Eles carregam para o domínio familiar a língua que é praticada em outros domínios, como do trabalho ou da escola. De acordo com Spolsky (2016a), as pessoas circulam por diferentes domínios e carregam consigo práticas e crenças de outros domínios, podendo aplicar regras de um domínio a outro. Reconhece-se que as práticas de linguagem e as crenças sobre a língua vêm sofrendo mudanças, dentro do domínio familiar.

As práticas de uso do hunsriqueano podem estar sendo modificadas devido a pressões sofridas pelos atores sociais que fazem parte desse domínio. De acordo com Terborg e García Landa (2011), há cinco fatores que podem criar pressão para falar uma língua. O hunsriqueano, atualmente, não é mais um conhecimento comum a todos os integrantes da família para as realidades citadas nos Excertos 48 a 52. Portanto, ele não é mais uma máxima facilidade compartilhada por eles. Esses falantes também não identificam mais necessidades claras e consistentes de uso da língua no cotidiano. As ideologias, os valores e as crenças dos falantes também não estão mais pressionando-os a falar em hunsriqueano. Uma reflexão sobre esses aspectos, pelos falantes, é importante para que eles voltem a perceber relevância na sua língua materna.

4.5.3 Preconceito contra o Hunsriqueano

Norma (79 anos) lembra que, quando foi a uma cidade grande para estudar, ela e sua irmã sofriam pelos deboches que as crianças da zona urbana, possivelmente falantes monolíngues ou de português como língua materna, faziam. As crianças riam do sotaque delas. O sofrimento causado pelo desrespeito vivido foi uma pressão negativa sobre a língua de Norma e sua identidade como falante de hunsriqueano.

Excerto 53

Norma: Sempre foi um problema o bullying que eles faziam com as crianças que vinham da colônia, né. Tinha sotaque, ainda tem, fica. Eu sei que minha irmã, ela não aguentou. Ela tentou fazer lá o ginásio, junto com meu irmão, mas ela não aguentou. Porque ela era pior ainda, a troca das letras, era difícil. Ela ficou um tempo, daí ela ficou em casa. Nem... ela disse: 'Ich gehen hacke, aber net meh in die Schul', porque eles debochavam, pra mim também.

O *bullying*, o deboche, o desrespeito e o desprestígio em relação ao seu sotaque de hunsriqueana fez a irmã de Norma desistir de estudar, preferindo ficar em casa auxiliando a família no trabalho da colônia a ir à escola, conforme podemos constatar no Excerto 53.

Priscila (72 anos) também se lembra do preconceito sofrido por ter sotaque. Colegas desrespeitavam-na por esse aspecto. Assim, para evitar que outros

familiares vivenciassem por situações semelhantes, algumas pessoas passaram a não ensinar mais a língua da família às crianças.

Excerto 54

Pesquisadora: Por que será que os teus filhos mais velhos aprenderam a falar alemão e o mais novo não? O que será que aconteceu ali?

Priscila: Por que tinha uma época que quem falava alemão era debochado, né. Quando nós fomos estudar em uma cidade grande, as gurias se mataram de rir, porque nós tínhamos sotaque, mas nós escrevíamos tudo certo. E elas achavam isso muito engraçado, elas se matavam de rir, riam de nós. [...] A pessoa era chamada, quando ela falava, bem assim, falava alemão: 'Ah, isso é um grosso, isso é um grosso'. E por isso daí depois ninguém mais queria aprender. 'Não, e tu tem sotaque, depois tu tem sotaque. É melhor não aprender'.

As risadas e o deboche em relação ao seu sotaque, bem como as considerações de que quem fala alemão é alguém grosso, ignorante, foram alguns dos exemplos de desrespeito vivido por Priscila ao ir estudar fora da sua comunidade de origem, como se reconhece no Excerto 39.

A crença dos falantes influenciou a gestão da linguagem dentro do domínio familiar e, conseqüentemente, as práticas, fazendo com que a língua portuguesa, e não mais o hunsriqueano, assumisse a função de língua utilizada na interação e no convívio familiar.

Podemos perceber nos relatos de Norma e de Priscila os nomes pejorativos dados a essa variedade e aos seus falantes, através da rejeição à língua e aos seus falantes. Reconhece-se nesses relatos a triste desvalorização do que é do interior, do que é da colônia, considerando o hunsriqueano uma “língua de colono”, conforme citam Neumann (2018) e Prade (2003).

Em conformidade com Gal (1978), nessas comunidades bilíngues português-hunsriqueano das quais os falantes participantes deste estudo se originam, devido ao preconceito contra a língua falada pela pessoa do campo, muitos falantes abandonam a língua local. A língua da cidade, da escola e do trabalho, o português, que tem *status* superior, passa a ser falada unicamente. Assim, pessoas buscam ser mais valorizadas e tratadas com mais respeito. A língua portuguesa, nesses casos, passa a ser utilizada, ao invés do hunsriqueano, até mesmo no domínio familiar, ocorrendo uma substituição linguística.

Em uma entrevista realizada com mãe e filha, Renata (59 anos) e Alice (38 anos), elas comentam sobre a desvalorização que a cultura e a língua de quem

vinha do interior sofria. Ser da colônia era considerado algo *ecklich*, feio, que não era bom ou não tinha valor.

Excerto 55

Alice: Então, eu acho que muita coisa, essa perda do alemão, eu acredito que se deu, porque teve uma cultura de falar alemão era feio, era da pessoa do interior, era... Aí se perdeu muito. E agora tá vindo de novo uma corrente, que é um segundo idioma, é, tu tá sabendo algo novo, algo diferente do que o pessoal que vem de fora. Então, por muito tempo, se teve essa questão de 'Das ist ecklich', né, 'Das ist ecklich'.

Renata: 'Die sind von die Kolonie, die da'.

Alice: É, são da colônia, né? Então, essa desvalorização da colônia. Tudo que era da colônia era feio, tudo da colônia não prestava, não era suficientemente bom, né. E daí, agora como tudo tá, tá se vendo que o interior é a condição de vida, mais... melhor, né, então esse resgate tá se tendo agora. Mas se perdeu muito. Eu tenho essa visão de perda por conta da desvalorização de morar na colônia. 'Uf die Kolonie', né.

De acordo com Alice, no Excerto 55, essa cultura se modificou ao longo dos anos, visto que hoje se sabe que uma segunda língua passou a ser vista como positivo. O bilinguismo vem sendo mais valorizado. Também a vida no interior passou a ser reconhecida como saudável e positiva. Porém, até que se construíssem essas crenças positivas, muitos falantes precisaram sofrer e ser humilhados devido à sua identidade como hunsriqueanos, descendentes de alemão. Renata lembra de ser apontada por pessoas da cidade, as quais desdenhavam de quem era da colônia. Muitas vezes, ela era julgada somente pelo fato de ser do interior. Renata lembra que as pessoas diziam *Die sind von die Kolonie, die da*, dizendo que aquelas ali – no caso, Renata e suas amigas – são da colônia, com tom depreciativo, como se estivessem julgando-as.

Sônia (60 anos) acredita que, por algumas vezes, pastores e professores, falantes da variedade alemã padrão, exerciam ações de desrespeito em relação aos falantes de hunsriqueano, seus fiéis e alunos, com o fim de valorizar somente a norma, a forma *standard* e, assim, enaltecer a distância entre as classes sociais. Dessa forma, eles pressionavam os falantes negativamente em relação à sua língua materna.

Excerto 56

Sônia: Vamos dizer assim: o povo que fala não tem culpa disso, porque isso foi ensinado pra eles pelos pastores, pelos professores, porque ou o professor de alemão padrão queria valorizar o seu trabalho e ficavam

falando isso: Ah, der verkehrte Deitsch, der hecke Deitsch, ah, sei lá que outros nomes dão, diversos nomes, Hunspugel. Esse Hunspugel tem haver com o Hunsrik, né. 'Ah, ich spreche plos Hunspuglisch'.

Sônia, no Excerto 56, menciona alguns dos termos pejorativos dados ao hunsriqueano: *der verkehrte Deitsch* – o alemão errado; *der hecke Deitsch* – o alemão da capoeira. De acordo com Sônia, a pressão das autoridades locais da época, representadas pelos pastores e pelos professores locais – profissões de prestígio na comunidade, na época – influenciou falantes a acreditarem, infelizmente, que sua língua materna, o hunsriqueano, não é correta ou digna. Habel (2017) também afirma que muitos falantes usam termos depreciativos para definir a sua própria língua, embora ele não deva ser definido dessa maneira.

Martina lembra que muitos falantes não acreditam no valor da sua língua. Eles próprios têm preconceito sobre o hunsriqueano, chamando-o de alemão errado. De acordo com Martina, eles o consideravam assim por verem a língua alemã padrão na forma escrita e compararem com a sua língua, chegando a conclusão inverídica de que o hunsriqueano é inferior, é incorreto.

Excerto 57

Martina: É, muitos até falavam: 'Ah, eu falo o alemão errado', porque eles viam aquele alemão escrito, né, então eles diziam: 'Bah, então o que eu falo errado'. Não, não é errado! Como é que vai ser errado uma língua que os imigrantes trouxeram de lá? Né, lógico que aqui ela foi modificando com o contato com o português, né, mas não é uma língua errada; somente uma língua diferente.

De acordo com Martina, muitos falantes não sabem que sua língua não é errada e sim, uma variedade diferente de alemão. Uma variedade que sofreu modificações ao ter contato com outras línguas faladas no Brasil, como o português e outras línguas de origem alemã. Segundo Haugen (2001), todas as variedades mudam, no contato com outras, pois nenhuma delas é imutável ou estável. Assim também o hunsriqueano, uma variedade de origem alemã que é falada por quase 200 anos no Brasil, teve contato com outras línguas, sendo modificada, mas também modificando-as.

A partir do relato de Martina, pode-se reconhecer uma razão para que haja escrita do hunsriqueano falado no Brasil: para que ele, tendo também escrita, não seja considerado inferior a outras variedades do alemão.

De acordo com Prade (2003), não existe língua superior ou inferior, melhor ou pior. Tanto o alemão padrão quanto o hunsriqueano são variedades da língua alemã matriz, histórica. Ou seja, olhando para a origem dessas línguas, elas estão lado a lado.

4.5.4 As Creches e as Escolas

Nas últimas décadas, com as mudanças na estrutura familiar e com a inserção da mulher no mercado de trabalho, surgiu a necessidade de que as crianças, desde pequenas, fossem para a escola: primeiro de educação infantil, chamadas por muitos de creches, e depois, para a escola regular.

Priscila (72 anos) acredita que a creche contribuiu para que as crianças aprendessem desde cedo a língua oficial do Brasil e, assim, não falassem mais hunsriqueano. Nas escolas de educação infantil, a língua de comunicação entre funcionários e alunos é o português.

Excerto 58

Priscila: E o que muito também contribuiu pra perder o alemão também foi as creches.

Pesquisadora: É?

Priscila: Contribuiu pra isso. A creche contribuiu pra que as crianças desde pequenas começavam a falar português.

Ana (25 anos), quando tiver filhos, pretende ensinar o alemão local para eles. Ela acredita, porém, que é difícil fazer com que as crianças continuem falando a língua da família. Ela percebe que, atualmente, quem vai para a escola não quer mais falar hunsriqueano. O pessimismo presente no discurso de Ana demonstra como essa pressão contra o hunsriqueano é forte.

Excerto 59

Pesquisadora: E um dia tu pretende ter filhos?

Ana: Sim.

Pesquisadora: E tu pretende ensinar ou não o hunsriqueano a eles?

Ana: Sim, com certeza.

Pesquisadora: Tu acha importante?

Ana: Sim, acho.

Pesquisadora: E tu acha importante para quê?

Ana: Sim, pra manter a cultura. E hoje em dia é difícil, né, porque a maioria, quando vai na escola, já não quer mais falar o dialeto, só o português.

Ana considera o hunsriqueano um elemento da cultura local. Ela quer ensinar essa língua para as próximas gerações da família *para manter a cultura*. Percebe-se que Ana valoriza o hunsriqueano e reconhece que ele tem valor. Essa segurança em relação à língua mostra que, no contexto em que vive, ela tem apreço por ela. Reconhece-se que essa língua carrega uma carga emocional. Porém, as novas gerações nem sempre reconhecem essa grandeza ou sentem necessidade de aprender essa língua.

Inês (31 anos) também percebe que as novas gerações de crianças falam menos hunsriqueano. Ela relaciona isso ao fato de muitas delas ingressarem nas escolas de educação infantil quando bebês e escutarem, nesse espaço, interações, em sua maioria, em língua portuguesa.

Excerto 60

Pesquisadora: As crianças tão falando menos o alemão de casa ou o que tá acontecendo?

Inês: Eu vejo que as crianças falam menos o dialeto. Até em função de que eles ingressam na educação infantil desde os 4 meses e dá pra dizer que nós atendemos em torno de quase 200 crianças. Ano passado foi 230 crianças na educação infantil. E daí, pensa, isso são muitas crianças, e na educação infantil a gente fala só português.

No excerto 60, podemos perceber claramente a mudança social e econômica brasileira, com a urbanização e o declínio da agricultura familiar, em consonância com Kersch (2016). A maioria dos pais trabalha em comércios, firmas ou fábricas, precisando deixar os filhos nas escolas de educação infantil muitas vezes desde que têm quatro meses de vida. Mesmo em municípios pequenos, como é o caso do município em que Inês trabalha, muitas famílias já não subsistem mais da agricultura ou da pecuária. Assim, os filhos não são mais criados em casa, pelos pais e pelos avós, como ocorria há algumas décadas. Frequentando a educação infantil, muitas vezes passando até dez horas diárias nesse espaço, escutando e interagindo em língua portuguesa, as crianças já não estão habituadas a escutar o hunsriqueano. O português assume a função de língua de interação oral para eles.

A língua portuguesa é a língua do trabalho, da possibilidade de ascensão social. O hunsriqueano, por sua vez, é considerado, por muitos, como a língua daquele que trabalha no campo, em consonância com Gal (1978). Assim, nas últimas décadas, em municípios como aquele em que Inês trabalha, deixar de trabalhar no campo e passar a trabalhar em firmas, como as de calçados, passa a

ser considerada uma possibilidade de o cidadão melhorar suas condições financeiras. O *status* de trabalhador, nesse contexto, tem mais prestígio do que o *status* de colono.

Martina (38 anos), no início do Excerto 61, afirma acreditar que alguns pais dão grande valor à aprendizagem do português, pelos filhos, achando *bonitinho* escutar os filhos falando a língua oficial que aprenderam na escola de educação infantil. Ela afirma que, por isso, alguns adultos falantes de hunsriqueano deixam de ensinar essa língua para as crianças, em casa.

Excerto 61

Martina: Porque às vezes os pais também dão mais valor pro português e se esquecem de ensinar a língua que eles falam em casa pros filhos. Ah, porque eles acham bonitinho, 'Ah, meu filhinho tá falando português agora na creche', né. E na verdade, pra eles aprenderem uma nova língua depois vai ser muito mais fácil se eles mantiverem a língua deles que eles falam em casa que, ela vem de graça, ela vem sem curso, ela vem sem custo, né.

Pesquisadora: É verdade. Uma maneira de realmente preservar a língua tá no simples dia a dia, que tá se perdendo, né? Tu percebe que aqui também tá se perdendo?

Martina: Sim, sim. Infelizmente. Não sei se, mas os alunos que vão pra creche, a gente vê que tão perdendo. Porque como a gente dava aula desde a primeira série, a gente via direitinho: aqueles alunos que não iam na creche vinham pra escola falando e aqueles que foram pra creche já não falavam. Entendiam, mas não falavam.

Martina, assim como Inês, acredita que as crianças que vão para a creche falam menos (ou não falam) o alemão local, se comparado com aquelas que são criadas por pais e avós. Ela reconhece que muitos até entendiam, mas não falavam. Pode-se concluir, a partir desse relato, que muitas dessas crianças que têm pais e avós falantes de hunsriqueano, mas que frequentam as creches, em geral, desenvolvem a compreensão auditiva em hunsriqueano, mas não a oralidade.

Deisi (37 anos) também considera o fato de ir à escola desde pequenos seja um fator que influencie o não uso do hunsriqueano pelos seus filhos. Porém, ela acredita que seja uma série de fatores juntos que fazem com que seus filhos, por exemplo, não falem mais o alemão local, além do fato de frequentarem a educação infantil: crianças convivem pouco com avós, os quais são, na região, majoritariamente falantes de hunsriqueano, e pais falam essa língua com pouca frequência em casa.

Excerto 62

Pesquisadora: Tu percebe que tá se perdendo essa prática?

Deisi: Sim. Eu percebo. Inclusive na minha casa. Eu, quando eu era criança, brincando esses dias eu falei pras colegas, os meus boletins das séries iniciais, 1º, 2º ano, o que mais vinha escrito, né, era 'Falar português em sala de aula'. A gente falava. Hoje os meus filhos entendem, mas praticamente não falam. Isso porque meu marido não fala muito, ele praticamente não fala. E como eles vão pra escola agora, desde pequenos. Na nossa época não, a gente ainda era cuidado pelos avós. Hoje as crianças vão pra escola muito cedo e acabam perdendo. Então os pais já não falam mais tanto em casa e, aí, na escola, também praticamente, né, não se fala, os pequenos não falam.

Deisi relata sobre sua infância e sobre seus primeiros boletins escolares no Excerto 62. Ela era incentivada a *falar português em sala de aula*. Isso, porque ela, provavelmente, carregava para o domínio escolar a língua que falava no domínio familiar, o hunsriqueano. A crença da professora, que escreveu o recado no boletim, era de que a criança deveria falar português em sala de aula, a língua oficial. Assim, ela estaria se adequando ao domínio escolar e exercendo uma prática comum nesse espaço social. A professora, gestora da língua na sala de aula, conforme Spolsky (2009), tentava regular a prática de linguagem de Deisi, influenciando-a a falar português. Conforme Spolsky (2016b), em comportamentos como este, a professora tenta modificar o comportamento linguístico de Deisi.

Priscila, Ana, Inês, Martina e Deisi são unânimes em dizer que, atualmente, o fato de as crianças irem desde pequenas para a escola exerce pressão desfavorável sobre o hunsriqueano. As crianças se sentem pressionadas a aprender a língua portuguesa, pela necessidade de se comunicar com colegas e professores. Em consonância com Kersch (2013), afirma-se que a necessidade de interagir e se comunicar, na escola, gerou pressão sobre as atitudes das crianças, acarretando, portanto, a substituição do hunsriqueano pelo português.

4.5.5 Tecnologias

A evolução das tecnologias propiciou que as crianças, atualmente, tenham acesso facilitado e constante a informações, através da televisão e da internet, por exemplo. Em geral, essas informações são veiculadas na língua oficial brasileira. Desse modo, desde muito cedo, as crianças estão expostas a textos diversos nessa língua.

Helga (89 anos) acredita que a língua alemã local esteja *se apagando*. Isso, porque as crianças estão mais expostas à televisão, que transmite as informações em português.

Excerto 63

Helga: Os alemães, quando vieram para o Brasil, já trouxeram junto livros e, logo, isso era prática, as crianças tinham que ir pra aula, tinham que saber escrever e ler. E por isso que tá bem a fundo ainda. Colônias em todo o lugar com língua alemã. Mas ela tá agora se apagando, também. Com a televisão. As crianças, na frente da televisão, é tudo em português, o alemão se apaga.

Helga lembra, no início do Excerto 63, que antigamente as crianças estavam expostas a livros, estes em língua alemã. Por isso, pelo menos para ela, a língua ainda estava bastante preservada. Não concordamos plenamente com Helga ao afirmar que os estar expostos a livros na língua alemã seja um fator que influencia na não aprendizagem da língua, já que sabemos que nem todos os hunsriqueanos leem, ou leem em alemão.

Deisi (37 anos) também acredita que a mídia tenha influência na perda ou não aprendizagem do hunsriqueano. Para ela, televisão e computador estão mais acessíveis, e em língua portuguesa. O maior contato com a língua oficial faz com que, de acordo com Deisi, a prática de falar e de escutar hunsriqueano acabem *se perdendo*.

Excerto 64

Deisi: E daí tem toda a questão da mídia: televisão, computador, é tudo... Então acaba se perdendo.

Helga e Deisi concordam com o fato de que a evolução das tecnologias, que permite o acesso constante às mídias, tenha influência no apagamento (Excerto 63) ou na perda (Excerto 64) do hunsriqueano, pelas crianças. Todavia, é importante lembrar que as tecnologias não são de acesso universal e que nem todos os falantes de hunsriqueano têm acesso a elas.

Muitas vezes, as pressões acima citadas pelos falantes não conseguem, sozinhas, fazer um falante deixar de usar sua língua. Porém, necessidades e interesses diferentes, juntos, podem exercer pressão sobre os falantes e, assim, prejudicar a manutenção do hunsriqueano.

Pode-se reconhecer as muitas pressões que os falantes de hunsriqueano sofrem cotidianamente. Elementos e fatores históricos, sociais, culturais, educativos e tecnológicos vêm influenciando as crenças, as práticas e a gestão das línguas em famílias e em comunidades inteiras. A desvalorização e a diminuição das possibilidades de usos sociais do hunsriqueano vêm levando os falantes a substituir sua língua por outras. Para que a língua seja salvaguardada, é importante que ela seja utilizada: falada, exibida em vídeos, escrita e ensinada às próximas gerações, tanto na escola ou cursos livres, quanto no lar.

4.6 Pressões Favoráveis ao Ensino Escolar

Em vista das muitas pressões que levam falantes a deixar de se comunicar em hunsriqueano ou de ensiná-lo (proibição da língua, preconceito, falta de prestígio, necessidade de ir para a escola, acesso às tecnologias), uma das soluções sugeridas por eles – e já existente em algumas realidades – é que se proponha o ensino escolar dessa língua local.

Deisi (37 anos) acredita que o ensino escolar pode ser uma forma de preservar o hunsriqueano, pelo menos como um *ponto de partida*, como uma primeira ação concreta em prol da língua e da consciência dos falantes sobre a importância da preservação do alemão local.

Excerto 65

Deisi: Eu, particularmente, fico muito triste com isso. Eu acho que é uma questão que tem que preservar muito. Mas, assim, ao mesmo tempo que eu tenho consciência disso, eu também não tô conseguindo reverter isso na minha própria casa, né. Então, é uma questão muito difícil. Mas é uma pena. Se a gente for pensar daqui a 15, 20 anos, praticamente vai estar extinto, né? Porque os nossos avós tão indo, estão partindo. Nossos pais ainda falam um pouco, mas daqui a pouco eles se vão e a gente, que praticamente não fala... Depois que a nossa geração não estiver mais aqui, eu acho que não se fala mais o Hunsrück.

Pesquisadora: Que coisa... Tu acha que o melhor caminho seria na escola, então?

Deisi: Eu acho que sim, porque eu acho que seria um incentivo. As crianças levariam esse desejo pra casa e talvez os pais voltariam a falar mais. Eu acho que é um ponto de partida. Eu acho que com isso a gente conseguiria mobilizar toda a sociedade, né. Voltar a falar e, a sociedade se daria conta, os pais, enfim, do quanto isso é importante, né. A gente poderia, né, falar inclusive o quanto que é importante preservar isso.

Deisi assume que, na própria família, não consegue garantir que seus filhos continuem falando hunsriqueano. Ela se sente triste e lamenta por estar sendo contraditória. Embora saiba da importância da sua língua e do risco de substituição que ela vem sofrendo – sua crença –, Deisi não consegue fazer, na sua família, a sua parte para garantir a manutenção da língua e seu ensino para as próximas gerações – sua prática.

Deisi teme que, daqui a mais ou menos duas décadas, essa língua não exista mais. Ela acredita que sua geração é uma das últimas que ainda fala a língua de imigração e que, se não for feita nenhuma ação concreta, ela será extinta. De semelhante forma, também Kersch (2016) acredita que a atual geração de adolescentes, quando se tornar adulta, já não terá mais fluência ou conhecimento suficiente para se comunicar na língua alemã local.

Renata (59 anos) também acredita que o ensino de hunsriqueano é importante. Ela propõe que haja o ensino escolar, porém, que, concomitantemente, também seja ensinado em casa, nas famílias.

Excerto 66

Pesquisadora: E tu acha que seria importante ensinar alemão para as crianças?

Renata: Eu acho importante.

Pesquisadora: E onde tu acha que deveria ser ensinado?

Renata: Na escola. Sim, e em casa. Principal quando eles são pequenos, começar quando eles são pequenos. Quando tu é grande, é difícil!

Renata, no Excerto 66, propõe que o hunsriqueano seja ensinado para as crianças desde cedo, que o ensino deva *começar quando eles são pequenos*. Para ela, aprender essa língua quando se é maior é mais difícil. Percebe-se, no relato de Renata, que, para que essa língua se mantenha, escola e família devem trabalhar juntas visando a um resgate cultural da comunidade local.

Priscila (72 anos), assim como Deisi e Renata, acredita que a escola é o ponto de partida para se manter o hunsriqueano. De acordo com ela, o ensino deveria ocorrer já nas creches, desde bem pequenos, visto que é nesta fase da vida que o ensino da língua alemã local vem se perdendo.

Excerto 67

Pesquisadora: O que que tu acha que poderia ser feito então pra que essa língua não morra, né? Que nem tu falou, pessoas de 40, 50 ainda

falam, mas os mais jovens, cada vez menos. O que será que poderia ser feito?

Priscila: Eu acho que tinha que começar pelas escolas, porque ali, creches, escolas.

Pesquisadora: De ensinar nas escolas o Hunsrick?

Priscila: É, é. Porque acho que o jornal, tudo isso, não adianta, né. Porque agora surgiu o livro, né. Tem outros, mas aqui em Ivoti era uma novidade. Surgiu o livro, muita gente comprou e é um incentivo isso, né? Mas isso é uma pequena sementinha que foi lançada.

Priscila escreve textos em hunsriqueano em jornais e publicou um livro recentemente, com o objetivo de preservar essa língua. Porém, ela acredita que esses materiais podem servir de incentivo para os falantes dessa língua local, mas que é pouco, é um pequeno gesto, *uma pequena sementinha*. Para ela, o ensino escolar é uma maneira de garantir que a língua continue sendo falada pela população e que seja ensinada para as próximas gerações.

Priscila percebe que, em algumas realidades, o alemão é ensinado nas creches. Porém, é ensinada a variedade padrão, *standard*. Priscila acredita que essa língua é distante das crianças e da realidade da família e que, por isso, deveria ser ensinado, nas creches, o alemão local, o hunsriqueano.

Excerto 68

Priscila: E quando ensinam alemão na creche, daí é o outro, né, que a criança não se identifica em casa com a língua que em casa eles falam, né.

Pesquisadora: Tu acha que deveria ser ensinado nas creches o Hunsrick?

Priscila: Eu acho, porque daí eles, é mais fácil pra eles captar em casa, se os pais em casa falam. Se não falam, daí...

Pesquisadora: Interessante, é uma ideia...

Priscila: Poderia ter alguém que falasse, algumas palavras, assim. Eles hoje ensinam tudo nas creches, música e tudo. Então podiam ensinar isso também, né?

Pesquisadora: Aham. Mas tu acha que só a escola seria suficiente? Que nem, se as famílias não falarem, será que só a escola ensinando daria conta?

Priscila: Não, não.

Priscila acredita que, caso haja o ensino de hunsriqueano, o aluno conseguirá compreender mais facilmente os pais em casa, quando estes ainda dominam a variedade alemã local. Ela considera estrangeira a língua alemã padrão e não a reconhece como uma língua da comunidade em que está inserida.

Para Priscila, cada vez mais aulas especializadas são oferecidas desde cedo para as crianças nas escolas de educação infantil, como aula de música, entre outros. Para ela, também seria possível que se ensinasse hunsriqueano. Concordamos com a afirmação de Priscila em partes, já que reconhecemos as múltiplas atividades oferecidas nessa etapa escolar, na atualidade. Porém, acreditamos que elas, diferentemente do ensino de hunsriqueano, preparem os alunos para o mundo, abordando temáticas globalizadas.

Ao ser questionada pela pesquisadora sobre a eficácia do ensino sem o apoio da família, Priscila reconhece a importância de as famílias também falarem hunsriqueano em casa, para que a aprendizagem dessa língua tenha sucesso. Escola e família poderiam trabalhar juntas pela salvaguarda do alemão local.

Martina (38 anos) também acredita na importância do ensino da língua local. Ela afirma que o foco do ensino deve ser as crianças. Martina afirma, com base em uma linguista que criou uma ortografia para a variedade local e que incentivou professoras a ensinarem a variedade, que os idosos já sabem a língua e que, por isso, para que a língua não se perca, ela deve ser ensinada na escola, para as crianças.

Excerto 69

Martina: Então por isso a gente, a gente queria manter o foco nas crianças, como a linguista propôs. Ela sempre dizia, esqueçam os velhos, os velhos já sabem. O foco tem que ser as crianças. E realmente, ela tinha razão: se a gente não trabalhar com as crianças vai se perder. A gente tem que focar nas crianças, pra que essa língua tão maravilhosa não morra, né. Então ela dizia: as crianças têm que falar, tem que aprender, tem que continuar aprendendo, e por que não escrever, né.

Pode-se reconhecer no relato de Martina que ela acredita tanto na importância do ensino escolar dessa língua local quanto da sua escrita. Ela considera válido que as crianças desenvolvam tanto as habilidades orais quanto as escritas na sua língua materna.

Martina, assim como Priscila, afirma que o ensino dessa língua local deva ocorrer na infância. Quando era professora de hunsriqueano, Martina ensinava para essa faixa etária, visando que essa língua não se perca. Ela acredita que as crianças precisam aprender a falar a língua, mas que a aprendizagem da escrita também pode ser positiva e útil a elas.

Ana (25 anos) também acha que o hunsriqueano deve ser ensinado. Ela propõe que o ensino ocorra na escola, mas também sugere que a comunidade se envolva e realize ações em prol da língua. Ana acredita que o ensino possa ocorrer de manhã – período em que alunos tem aula regular – ou no turno inverso – período em que alunos podem se inscrever em projetos extraescolares.

Excerto 70

Pesquisadora: E tu acha que o alemão daqui deveria ser ensinado?

Ana: Acredito que deveria ser ensinado nas escolas e na comunidade também. Eu acho que poderia ter de manhã e também no turno inverso. Talvez uma vez por semana ou a cada duas semanas... Porque se isso não for influenciado muito, o alemão, cada vez mais vai se perdendo isso.

No excerto 70, Ana afirma que a língua pode se perder, ao menos no contexto em que está inserida, caso o seu uso não seja incentivado. Ela acredita que ensino deva ser *influenciado muito*, ou seja, que deva ser feita uma proposta consistente e constante, para que o hunsriqueano não seja esquecido.

Deisi, Renata, Priscila, Martina e Ana são falantes de hunsriqueano e admitem que a sua língua materna está perdendo falantes. Elas reconhecem no ensino escolar um caminho que pode auxiliar na manutenção da língua. Porém, também identificam a importância da participação da família e da comunidade nesse processo. Somente a escola, sozinha, não conseguirá “dar conta” de algo tão complexo e amplo como a promoção e a manutenção de uma língua local.

A língua alemã local, ao ser ensinada na escola, pode apresentar outro *status* na sua comunidade. Ao adquirir um *status* educacional, conforme Cooper (1989), ela passa a ter mais funções na sociedade. Dessa forma, o hunsriqueano pode ter mais prestígio entre os falantes e, assim, ser mais utilizado nas diferentes interações sociais.

É possível perceber, com base nesses relatos, a importância de um planejamento linguístico local, protagonizados pelos integrantes da comunidade de fala, visando a ações diversas para a manutenção do hunsriqueano. O ensino escolar pode ser uma das iniciativas, porém não a única. É importante que, caso haja uma decisão da comunidade de ensinar a língua, ela deva ser proposta aos falantes e aos alunos. Caso seja imposta, é possível que essa política linguística de aquisição tenha efeito contrário, afastando as novas gerações da língua da comunidade, o hunsriqueano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, reconheceu-se que são realizadas ações na sociedade visando à manutenção da língua brasileira de origem alemã hunsriqueano. Existe publicação de textos nessa variedade em formato de livro, de seção de jornal e na internet – em redes sociais, em *sites*, em *blogs* e em plataformas digitais em e sobre hunsriqueano, língua que, em julho deste ano, completará 195 anos sendo falada no sul do Brasil.

Há algumas propostas e iniciativas de escrita do hunsriqueano no Brasil. Contudo, duas propostas distintas de escrita e ortografia para o hunsriqueano foram lançadas há mais de uma década no sul do país e ganharam força. Cada proposta ortográfica tem seus princípios e se baseia em aspectos diferentes da língua – sua história ou sua pronúncia. Cada uma delas realizou e realiza ações diferentes pensando na manutenção dessa língua, que ainda é materna para muitos brasileiros descendentes de alemães. Essas ações vão desde pesquisas acadêmicas, passando por publicações de livros, de textos em jornais, até realização de concursos e encontros com falantes. Cada ação, à sua maneira, busca mostrar a língua para o mundo e levar aos falantes uma sensação de que o hunsriqueano é importante, é rico e que deve continuar sendo falado e ensinado para as próximas gerações, e, quem sabe também escrito.

Muitos falantes, conforme se reconhece nos dados, ainda não reconhecem o hunsriqueano como uma língua que pode ser escrita. Muitos participantes também não conhecem sua tradição escrita. Por vezes, ainda acreditam que o hunsriqueano deva ser somente falado e que somente a língua de prestígio – língua alemã padrão ou língua portuguesa – deva ser escrita. Alguns falantes não reconhecem perspectivas no aprendizado da escrita dessa língua, não reconhecem usos, acreditando até que pode confundir os aprendizes. Outros veem na internet uma possibilidade de interagir em hunsriqueano, através de aplicativos e redes sociais. Porém, ainda há quem acredite que a escrita não deva ser imposta aos falantes e sim, apresentada de modo propositivo.

Alguns fatores cotidianos agem favoravelmente pela manutenção do hunsriqueano. O convívio familiar com falantes de hunsriqueano, principalmente com os avós, vem garantindo que falantes mais jovens continuem preservando sua língua. Também as possibilidades de emprego em locais de atendimento ao público

favorecem, em algumas realidades, pessoas falantes de hunsriqueano. A geração mais idosa ainda é, em muitas comunidades do interior do estado, majoritariamente composta por descendentes de alemão falantes de hunsriqueano.

Os falantes, muitas vezes, reconhecem que se sentem pressionados, cotidianamente, a deixar de falar sua língua materna. A proibição das línguas estrangeiras durante o governo Vargas ainda deixa marcas na sociedade. O preconceito por falar alemão, por ter sotaque e por ter identidade hunsriqueana também foi um aspecto que teve pressão negativa sobre os falantes e sobre sua língua.

Atualmente, alguns aspectos vêm pressionando os falantes a deixar de falar e, principalmente, ensinar o hunsriqueano para as próximas gerações. O alemão local vem perdendo prestígio, e as pessoas vêm tendo menos interesse de ensiná-lo e aprendê-lo, pois a língua está perdendo usos sociais. Também o fato de frequentar escola e creche vem permitindo que crianças tenham mais contato com a língua oficial e menos com a língua alemã local. Ainda, as tecnologias de fácil acesso na língua portuguesa vêm tomando espaço e afastando principalmente as crianças de situações em que escutam a língua alemã local.

Para muitos falantes, o ensino formal escolar de hunsriqueano é uma maneira de se tentar voltar a dar valor ou prestígio a essa língua. A força da escola, com o apoio das famílias e da comunidade de fala, é considerada uma forma de aproximar as crianças da língua e, quem sabe, incentivar a conscientização linguística dos falantes de hunsriqueano.

Com o desenvolvimento do estudo, conseguimos responder às perguntas de pesquisa que estabelecemos no início da pesquisa. Identificamos (a) as propostas de escrita para o hunsriqueano. Reconhecemos duas propostas ortográficas desenvolvidas no RS, para a escrita dessa língua de imigração: de Altenhofen et al. (2007) e de Wiesemann (2008). Também identificamos diversas escritas independentes, que não seguem princípios ou parâmetros, mas o estilo do autor, que quase sempre têm regras do alemão padrão na sua base. Essas escritas são, em geral, valorizadas em suas comunidades, promovendo situações de uso da língua, de escrita e de leitura.

Também reconhecemos (b) os diferentes significados que a escrita tem para os falantes. Não há unanimidade nas crenças e práticas dos falantes sobre a escrita.

Há falantes que escrevem ou leem, até mesmo na internet, mas também há aqueles que não o fazem e nem reconhecem a possibilidade de fazê-lo.

Ainda identificamos (c) os fatores que pressionam os falantes de hunsriqueano a deixar, permanecer falando ou pensar em ensinar sua língua na escola. Percebemos que muitos elementos têm influência na escolha linguística dos falantes, dentre eles aspectos que se relacionam à identidade e ao cotidiano do falantes de hunsriqueano: família, trabalho, escola e convívio social – presencial ou à distância.

É possível reconhecer que toda ação de fomento à língua é válida, caso tenha boas intenções. A promoção da escrita é uma das ações possíveis que vem ganhando adeptos com a ascensão e a popularização das tecnologias. A escrita, de um jeito ou de outro, pode fazer a diferença na visibilidade da língua e no aumento de possibilidades de uso. Observando as propostas e as impressões dos falantes, caso se cogite uma escrita padronizada, a proposta de Altenhofen et al. (2007) é considerada mais adequada e coerente. Os falantes querem se comunicar em vários domínios. Porém, não se percebe (ainda) interesse dos falantes em escrever de uma única forma. São muitos anos de história, muitas histórias para contar, muitos interesses e ideologias, que (ainda) não podem ser contadas de uma única maneira.

Acredita-se que a pesquisa apresentada possa vir a contribuir para a valorização do hunsriqueano, uma língua minoritária de imigração – quando se observa os aspectos políticos – porém majoritária, quando se leva em conta a quantidade de falantes, já que é uma das línguas mais faladas no Brasil. Espera-se que se possa contribuir minimamente para a mudança de *status* dessa língua e para a sua salvaguarda.

Este estudo se limitou a analisar as escritas e as ortografias do hunsriqueano presentes no RS, reconhecendo as percepções dos falantes deste estado sobre a(s) escrita(s) e a(s) ortografia(s). Estudos posteriores poderiam identificar as escritas do hunsriqueano em outros estados do Brasil e países da América Latina, bem como em outras variedades, como o vestfaliano e o pomerano

Neste estudo, optou-se por fazer um recorte da situação linguística do hunsriqueano, olhando principalmente para aspectos de registro gráfico. Pode-se, em outras pesquisas, analisar as políticas educacionais que levam ao ensino dessa língua de imigração em algumas cidades que, como se sabe, ocorre em algumas cidades do RS e de SC.

Como se reconhece através desse estudo, o hunsriqueano está vulnerável em diversas comunidades e já é pouco falado entre crianças e adolescentes. É necessário que a população em geral, não só a falante da variedade alemã local, saiba da história, da cultura e da situação linguística do hunsriqueano falado no Brasil. Somente através da conscientização linguística, podem surgir políticas linguísticas *in vivo*, que sejam coerentes, bem estruturadas e que tenham falantes como protagonistas das ações em prol da língua.

Como ações de fomento à língua no contexto local, vários eventos são possíveis: a) momentos de relato de pessoas da comunidade, em hunsriqueano, sobre a origem do município ou a história da localidade; b) rodas de conversa e de contação de piadas ou declamação de poesias; c) encontros para ler e escrever textos que conhecem, de livros, de jornais ou da internet, em hunsriqueano; d) valorização dos escritores locais, através da divulgação do seu trabalho à comunidade e da reflexão sobre a forma da escrita; e) grupos de estudos sobre a história da imigração e da língua na comunidade; f) concurso de palavra ou expressão mais bonita em hunsriqueano falada dentro do município (semelhante ao que foi proposto no encontro de falantes de hunsriqueano pelo grupo do IHLBrI); g) registro através de vídeo, áudio ou registro escrito de receitas antigas da comunidade, podendo haver um momento de degustação, bem como de narrativas, contos da comunidade e ditos populares; h) dia do hunsriqueano, em que a língua deve ser a única utilizada na prefeitura ou no comércio e i) na festa de aniversário do município ou em outro evento local, realizar apresentação e divulgação das ações para a comunidade, entre outros.

Como se vê, as possibilidades são inúmeras. Porém, ideias colocadas no papel são somente ideias. Políticas linguísticas colocadas no papel são somente parte das políticas, precisando das ações para que sejam efetivadas. Estes e/ou outros projetos podem ser colocados em prática, começando por ações locais, de pequeno porte. Porque, como já dizia Bertold Brecht, dramaturgo e poeta alemão: *Wer kämpft, kann verlieren. Wer nicht kämpft, hat schon verloren*. Quem luta pela manutenção do hunsriqueano pode perder, reconhecer que os esforços foram em vão, se decepcionar com a falta de retorno das comunidades de falantes. Porém, quem não luta, não tenta promover ações em prol do hunsriqueano, já perdeu. Perdeu, porque desistiu da sua língua materna, não acreditou na sua força e no seu valor.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Daniel Ray; DEWES, Mabel; JOHANN, Solange Maria Hamester. **Mayn äyerste 100 Hunsrik wërter**: Minhas primeiras 100 palavras em Hunsrik. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010

ALTENHOFEN, C. V. et al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 73-87, nov. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3867>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.) **Hunsrückisch em prosa & verso**: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras: UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184118>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; FREY, Jaqueline. Das bresilionische Deitsch unn die deitsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red fo die Sprocherechte. **Contingentia**, v. 1, n. 1, p. 39-50, 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3836>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; PREDIGER, Angélica; HABEL, Jussara Maria. A escrita do Hunsrückisch. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.). **Hunsrückisch em prosa & verso**: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras: UFRGS, 2018. p. 23-34.

ANDRE, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo de educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/viewFile/753/526>>. Acesso em: 15 out. 2018.

ANTÔNIO CARLOS. Lei Ordinária 132/2010: Dispõe sobre a co-oficialização da língua Hunsrückisch no Município de Antônio Carlos. Disponível em: <<https://www.antonioCarlos.sc.gov.br/legislacao/index/detalhes/codMapaltem/33804/codNorma/2987>>. Acesso em: 21 set. 2018.

ASSMANN, Maria Noêmia; THOMAS, Luiz Carlos. **Colônia alemã**: histórias e fatos = Naie Gechichtcha uf Hunsrik ins Pressiljonisch iwassetzt. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

ASSMANN, Maria Noêmia; THOMAS, Luiz Carlos. **Colônia alemã**: novas histórias e fatos = Naie Gechichtcha uf Hunsrik ins Pressiljonisch iwassetzt. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2013.

BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas educacionais**: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011.

BERNARDI, Angélica. **Reflexões acerca de uma política de manutenção linguística do "italian" em Chapecó, SC**. 2015. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Espanhol) – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, 2015. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1279>>. Acesso em 02 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, [2017]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 04 out. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 set. 2018.

BRAUN, Felipe Kuhn. **História da Imigração alemã no sul do Brasil**. Porto Alegre: Costoli Soluções Gráficas, 2010.

CÁCERES, Glenda Heller. **Avaliação de uma experiência de mobilidade Brasil-Argentina por alunos de espanhol do ensino médio tecnológico**: política linguística educativa e regionalização. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6260>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

COOPER, Robert. **Language planning and social change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (Org). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

CUNHA, Rodrigo Bastos. Políticas de línguas e educação escolar indígena no Brasil. **Educar**, Editora UFPR, Curitiba, n. 32, p. 143-159, 2008.

DELONG, Sílvia Regina. **Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná**. 2016. 212f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6105>>. Acesso em 5 out. 2018.

DREHER, Martin N. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul**: esquecimentos e lembranças. São Leopoldo: Oikos, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FISHMAN, Joshua A. **Sociolinguistics**: a brief introduction. Massachusetts: Newbury House, 1972.

FLACH, José Inácio. **Unsa gut deitsch Kolonie**. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

FRITZEN, Maristela P.; EWALD, Luana. “Aqui somos protegidos pelas nossas quatro paredes. Aqui nós falamos alemão”: histórias de letramentos interculturais no Vale do Itajaí, SC. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 52.2, p. 239-258, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a04v52n2.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

GAL, Susan. Peasant men can't get wives: language change and sex roles in a bilingual community. **Language in Society**, v. 7, n. 1, p. 1-16, Apr. 1978.

GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. ReVEL na Escola: do que tratam as políticas linguísticas. **ReVEL**, vol. 14, n. 26, 2016. Disponível em: <<http://revel.inf.br/files/1fc4077482ba3d206870ef1299923a0f.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

GARCEZ, Pedro de Moraes; VIEGAS, Márcia da Silva. Diversidade linguística e formação de professores indígenas: relato de um diálogo em subsídio à produção de textos autênticos e autorais para a educação escolar indígena guarani. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas (Org.). **Presença indígena na cidade**: reflexões, ações e políticas. 1 ed. Porto Alegre, 2013, p. 88-104. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smdhsu/usu_doc/presenca-indigenafevereiro.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HABEL, Jussara Maria. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entre palavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, ago./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/859>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. Tradução de Marcos Bagno. In: BAGNO, Marcos (Org.) **Norma Linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 97-114. Originalmente publicado em 1966.

HILLEBRAND, Ovídio. Wie die Kerich im Tannenwald gebaut gebb is. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.). **Hunsrückisch em prosa & verso**: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras: UFRGS, 2018. p. 85-86.

HUNSCHE, Carlos H. **O Biênio 1824/1825 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. Porto Alegre: A Nação S. A./Instituto Estadual do Livro - DAC/SEC, 1975.

HUNSRIK xprooch – língua renana. Grupo público no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/159461464234321/about/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE**: Censo Demográfico 1940: Rio Grande do Sul: população e habitação (1950). Rio de Janeiro: IBGE. 307P, 1956. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.

IPHAN. **Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

JOHANN, Solange Hamester. **Mayn Liipste Kexichtcher – Minhas historinhas favoritas**: literatura infantil, clássicos, contos e fábulas. Santa Maria do Herval: Martins Livreiro Editora, 2016.

JOHANN; Solange Hamester; DEWES, Mabel. Hunsriker. **O Diário da Encosta da Serra**, Ivoti, ed. 3529, ano 22, p. 14, 12 ago. 2014.

KAPLAN, Robert B.; BALDAUF JR., Richard B. **Language planning**: from practice to theory. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 1997.

KERSCH, Dorotea Frank. Es kommt net raus: redes sociais, manutenção linguística e identidades dos falantes de Hunsrückisch de Santa Maria do Herval-RS. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 38, n. 2, p. 161-168, Apr-June, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/27416/pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KERSCH, Dorotea Frank. Morte e vitalidade das línguas indígenas e as pressões sobre seus falantes. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 697-705, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/5287/4678>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

KERSCH, Dorotea Frank; SAUER, Carina Maria. A sala de aula de alemão LE para falantes de dialeto: realidades e mitos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.13, n.1, p.183-203, jan./jun. 2010.

KLEIN, Renato. **Histórias do vale do Caí**. Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com/2013/01/1595-origens-da-familia-kayser.html>>. Acesso em: 13 out. 2018.

KRUG, Pronila. Rosqui un Honich. **O Diário da Encosta da Serra**. Ivoti, ed. 2831, ano 19, p. 15, 1 nov. 2011.

KRUG, Pronila. **Crônicas da Pronila**: Pronila Chroniken. Estância Velha: Z Multi Editora, 2018a.

KRUG, Pronila. Unsa familie. **Jornal RS**. Novo Hamburgo, ed. 235, ano 6, p. 6, 25 maio 2018b.

LAGARES, Xoán Carlos. Ensino do espanhol no Brasil: uma (complexa) questão de política linguística. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TÍLIO,

Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Orgs). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 181-198.

LIMBERGER, Bernardo Kolling. **Processamento da leitura multilíngue e suas bases neurais**: um estudo sobre o hunsriqueano. 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Letras: área de concentração Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2018.

MAHER, Terezinha Machado. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: **Política e Políticas Linguísticas**. NICOLAIDES, Cristiane; SILVA, Kleber Aparecido da; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). Campinas/SP: Pontes, 2013. p. 117-134.

MARINHO, Marildes. Letramento: A criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 68-100.

MESSA, Rosângela Markmann. **O papel do dialeto no aprendizado do alemão padrão**. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/RosangelaMessaLinguistica.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

MORELLO, Rosângela. Censos nacionais e perspectivas políticas para as línguas brasileiras. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v.33, n.2, p.431-439, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v33n2/0102-3098-rbepop-2016a0041.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

NEUMANN, Gerson Roberto. A tradição escrita do Hunsrückisch e a produção literária. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.). **Hunsrückisch em prosa & verso**: Textos do I Concursos Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018. p. 11-22.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

PATRO, Herta Sporket. Lieve Lait. **Diário de Ivoti**. Ivoti, ano 1, n. 40, p. 13, 24 set.. 1993.

PIIPLIXE aventure: [aventuras da Bíblia em hunsrik – unser taytx]. Equipe de tradução: Mabel Dewes e Solange Maria Hamester Johann. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PONTE, João Pedro da. Estudos de caso em educação matemática. **Bolema**, v. 25, p. 105-132, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3007>>. Acesso em: 09 maio 2018.

PRADE, Helga Guttenkunst. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, Jorge Luiz; GÄRTNER, Angelika (Org). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: História, Linguagem, Educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. p.81-100.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Fazendo Política Linguística em Sala de Aula: Ações Didático-Pedagógicas pela Manutenção da Língua Minoritária Hunsrückisch. **ReVEL**, v. 14, n. 16, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/b1bc51340629442bb1f83ec68b22fcf0.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2018.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**. Porto Alegre: PPG-Letras, UFRGS, 2008, v. 3, n. 3, p. 125-140. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20697/000672150.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 set. 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata, afinal. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p.19-42.

RAMBO, Pe. Balduino. **O rebento do carvalho**: contos dialetais (1937 a 1961). Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS, 2002.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012**. Declara integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul a “Língua Hunsrik”, de origem germânica. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.061.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O Estudo de Caso Etnográfico em Educação. In: N. Zago; M. Pinto de Carvalho; R. A. T. Vilela (Org.). **Itinerários de Pesquisa - Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, p. 137-179. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/36757/1/Etnografia.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SIMONS, Gary F.; CHARLES, D. Fennig (eds). **Ethnologue**: Languages of the World. 20.ed. Dallas, Texas: SIL Internacional, 2018. Versão online. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/language/hrx>>. Acesso em 28 ago. 2018.

SOUZA, Luana Cyntia dos Santos. **Revitalização de línguas minoritárias em contextos plurilíngues**: o Pomerano em contato com o Português. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/173786>>. Acesso em 02 nov. 2018.

SPOLSKY, Bernard. **Language Management**. New York: Cambridge University Press, 2009.

SPOLSKY, Bernard. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. **ReVEL**, v. 14, n. 26, 2016a. Disponível em: <<http://revel.inf.br/files/f69d74cdefbd9c6efb801010f2ac8b13.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SPOLSKY, Bernard. Políticas Linguísticas: uma entrevista com Bernard Spolsky. **ReVEL**, v. 14, n. 26, 2016b. Tradução de Ana Carolina Spinelli e Gabriel de Ávila Otero. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/88462b98e1be709d449da571e68eff62.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995. Disponível em: <<https://legacy.oise.utoronto.ca/research/fieldcentres/ross/ctl1014/Stake1995.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

TERBORG, Roland. La "ecología de presiones" en el desplazamiento de las lenguas indígenas por el español. Presentación de un modelo. **Forum Qualitative Sozialforschung**, [S.l.], v. 7, n. 4, set. 2006. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/167>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

TERBORG, Roland; GARCÍA LANDA, Laura. **Los retos de la planificación del language em el siglo XXI**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

TERBORG, Roland; GARCÍA LANDA, Laura. **Muerte y vitalidade de las lenguas indígenas y las presiones sobre sus hablantes**. México: UNAM CELE, 2011.

WIESEMANN, U. 2008. **Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul**. SIL Brasil, Cuiabá. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/Hunsrik.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2018.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO A POSTERIORI

PROJETO DE PESQUISA: Estudo de caso sobre políticas linguísticas educacionais relacionadas ao Hunsrückisch do Brasil

Sou Fernanda Von Mühlen, aluna do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS e sou orientada pela profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles. Pretendo desenvolver uma pesquisa relacionada à variedade alemã Hunsrückisch/Hunsriqueano/Hunsrik, com o objetivo de analisar as políticas linguísticas relacionadas ao ensino escolar dessa variedade linguística. Pretendo olhar como essa variedade é utilizada ou ensinada, como são tomadas as decisões sobre o uso e o ensino dela, como se dá seu planejamento e sua gestão. Para isso, entrevistei pessoas falantes de Hunsrückisch, pessoas que conhecem ou trabalham com o ensino escolar dessa língua.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, a qual foi gravada em áudio, com sua aprovação, e transcrita para posterior análise. Solicito sua autorização para utilização das informações contidas nesta entrevista. A fim de proteger sua identidade, comprometo-me a atribuir nomes fictícios ao me referir ao entrevistado e a utilizar as informações somente para fins acadêmicos. O nome da cidade também não será identificado na pesquisa. Os dados coletados ficam sob minha total responsabilidade.

A sua participação é voluntária. Você pode recusar a utilização da gravação e transcrição da entrevista, assim como pode retirar sua participação na pesquisa.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora.

_____, dia ____ de _____ de 2018

Nome completo: _____

Assinatura: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO A PRIORI

PROJETO DE PESQUISA: Estudo de caso sobre políticas linguísticas educacionais relacionadas ao Hunsrückisch do Brasil

Sou Fernanda Von Mühlen, aluna do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS e sou orientada pela profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles. Pretendo desenvolver uma pesquisa relacionada à variedade alemã Hunsrückisch/Hunsriqueano/Hunsrik, com o objetivo de analisar as políticas linguísticas relacionadas ao ensino escolar dessa variedade linguística. Pretendo olhar como essa variedade é utilizada ou ensinada, como são tomadas as decisões sobre o uso e o ensino dela, como se dá seu planejamento e sua gestão. Para isso, entrevistarei pessoas falantes de Hunsrückisch, pessoas que conhecem ou trabalham com o ensino escolar dessa língua.

Será realizada uma entrevista semiestruturada, a qual será gravada em áudio e transcrita para posterior análise. Solicito sua autorização para utilização das informações contidas nesta entrevista. A fim de proteger sua identidade, comprometo-me a atribuir nomes fictícios ao me referir ao entrevistado e a utilizar as informações somente para fins acadêmicos. O nome da cidade também não será identificado na pesquisa. Os dados coletados ficam sob minha total responsabilidade.

A sua participação é voluntária. Você pode recusar a utilização da gravação e transcrição da entrevista, assim como pode retirar sua participação na pesquisa.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora.

_____, dia ____ de _____ de 2018

Nome completo: _____

Assinatura: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, _____, na função de secretário(a) de educação do município de _____/RS, declaro, para os devidos fins, que **Fernanda Von Mühlen** está autorizada a desenvolver sua pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS nessa rede de ensino.

O estudo a ser desenvolvido está provisoriamente intitulado **Estudo de caso sobre políticas linguísticas educacionais relacionadas ao Hunsrückisch do Brasil** e tem como proposta desenvolver uma pesquisa relacionada à variedade alemã Hunsrückisch/Hunsriqueano/Hunsrik, com o objetivo de analisar as políticas linguísticas relacionadas ao ensino escolar dessa variedade linguística. Pretende-se olhar como essa variedade é utilizada ou ensinada, como são tomadas as decisões sobre o uso e o ensino dela, como se dá seu planejamento e sua gestão. Também busca-se reconhecer os conhecimentos e as ideologias sobre a língua por parte dos falantes da variedade e dos professores que têm contato com a comunidade escolar local. Para isso, serão entrevistadas pessoas falantes de Hunsrückisch, pessoas que conhecem ou trabalham com o ensino escolar dessa língua e professores da rede municipal.

Estou ciente de que as entrevistas serão realizadas em horários que não atrapalhem o trabalho dos participantes, durante o horário de planejamento ou fora do horário de trabalho. Além disso, confirmo que nomes ou informações que possam identificar os participantes ou o município não serão divulgados em momento algum. Fui igualmente informada de que os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa, os participantes podem obter informações sobre o andamento do estudo quando necessário, pelo fone (51) 99938-1800, ou pelo e-mail fernandavonmuhlen@yahoo.com.br. Por fim, como esta é uma participação voluntária, cada entrevistado tem o direito de retirar seu consentimento e desligar-se a qualquer momento, sem prejuízo algum.

_____, dia ____ de _____ de 2018

Assinatura do(a) secretário(a) de educação